



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO**  
**PRÓGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**  
**CURSO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

ISAÍAS CARLOS NASCIMENTO FILHO

**DOM BRANDÃO, O PROFETA DO POVO DE DEUS**  
**DO BAIXO SÃO FRANCISCO**

RECIFE / 2012

ISAÍAS CARLOS NASCIMENTO FILHO

**DOM BRANDÃO, O PROFETA DO POVO DE DEUS  
DO BAIXO SÃO FRANCISCO**

Dissertação de Mestrado apresentado à  
Universidade Católica de Pernambuco  
como um dos pré-requisitos para  
obtenção do grau de Mestre em Ciências  
da Religião.

**ORIENTADOR:**

Dr. Luiz Carlos Luz Marques

RECIFE / 2012

N244d

Nascimento Filho, Isaías Carlos

Dom Brandão, o profeta do povo de Deus do baixo São Francisco /  
Isaías Carlos Nascimento Filho ; orientador Luiz Carlos Luz Marques,  
2010.

144 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.  
Pró-reitoria Acadêmica. Programa de Mestrado em Ciências da Religião,  
2010.

1. Obras da Igreja junto aos pobres. 2. Evangelização - Igreja Católica.  
3. Comunidades Eclesiais de Base. I. Castro, José Brandão de. II. Título.

ISAÍAS CARLOS NASCIMENTO FILHO

**DOM BRANDÃO, O PROFETA DO POVO DE DEUS  
DO BAIXO SÃO FRANCISCO**

Dissertação de Mestrado apresentado à  
Universidade Católica de Pernambuco  
como um dos pré-requisitos para  
obtenção do grau de Mestre em Ciências  
da Religião.

Aprovado em 03 / 04 / 2012

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. **Luiz Carlos Luz Marques** – Presidente  
Universidade Católica de Pernambuco

---

Prof. Dr. **Gilbraz de Souza Aragão** – Examinador Interno  
Universidade Católica de Pernambuco

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> **Emanuela Sousa Ribeiro** – Examinadora Externa  
Universidade Federal de Pernambuco

Recife, 03 de abril de 2012.

Dedico este trabalho  
a todas as pessoas, físicas e jurídicas,  
do movimento popular, Igrejas e políticos,  
que contribuíram,  
e as que ainda contribuem  
com a libertação da humanidade  
e da natureza,  
oprimidas e exploradas,  
sem dó e sem compaixão.

## **AGRADECIMENTOS**

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho, fica expresso aqui o meu muito obrigado, especialmente:

Aos professores que ao longo desta jornada nos estimularam a navegar, sem medo das tempestades, no mar da fé de um povo que busca sentido para o seu viver dignamente.

Ao irmão no sacerdócio e companheiro de estudos Pe. José Soares de Jesus, que tem sido um ombro e ouvidos de partilha ao longo desta jornada.

Ao Professor Luiz Carlos Luz Marques, pela orientação, paciente e perseverante.

À comunidade Jesuíta desta Universidade que me acolheu em sua casa como se eu fosse um dos seus.

E ao 3º Bispo da Diocese de Propriá, Dom Mario Rino Sivieri, que aceitou, assinou o projeto econômico e estimulou-me na pesquisa a fim de eternizar parte da história dessa Igreja Diocesana.

Impulsionados pela mesma esperança evangélica do  
Povo das Comunidades Eclesiais de Base,  
cantamos com ele:  
“Virá um dia em que todos,  
ao levantar a vista,  
veremos nesta terra reinar a liberdade”.

## RESUMO

Esta dissertação analisa, enquanto fenômeno do campo religioso brasileiro, a trajetória eclesial e a ação pastoral de Dom José Brandão de Castro junto aos camponeses, índios, sem-terra, pescadores e quilombolas que constituíam o segmento mais pobre da população do Estado de Sergipe, no período de 1960 a 1987, acentuando a sua opção preferencial pelos pobres organizados nas Comunidades Eclesiais de Bases (CEB's), à luz da Teologia da Libertação, e as consequências advindas dessa mesma opção. Foi usado o método da CEHILA na reconstrução historiográfica, por sua dupla valência: enquanto metodologia histórica especialmente desenvolvida para resgatar a história dos que, normalmente, não têm voz na História e, enquanto atitude teológica, visto que se trata da história da caminhada de fé de um povo excluído que, com um pastor que finalmente os escuta, organiza-se num processo de libertação. As pesquisas reconstruíram parte dos caminhos percorridos por Dom José Brandão, desde seu núcleo familiar, passando por sua formação, ministério sacerdotal e episcopal como missionário redentorista, até sua renúncia como Bispo de Propriá. Elas retratam como evoluiu sua sensibilidade para com os pobres, passando progressivamente de uma atitude afetivo-assistencialista a uma atitude afetivo-libertária, cuja coerência o levou a pagar um preço alto: a renúncia forçada. Os testemunhos revelam que ele deixou um legado de libertação que persiste na memória, nas expressões de fé e nas atitudes de várias comunidades e grupos organizados na região do Baixo São Francisco, até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Ação Pastoral; Opção pelos pobres; Libertação.

## ABSTRACT

This dissertation analyzes, as a phenomenon of the Brazilian religious field, the ecclesiastical trajectory and the pastoral action of Dom José Brandão de Castro, in the period from 1960 to 1987, regarding the peasants, natives, landless workers, fishermen and quilombolas, who form the poorest population segment of the State of Sergipe, emphasizing his option for the poor who were organized in the Ecclesiastical Base Communities (EBCs), considering the Theology of Liberation, and the consequences which followed his option. The CEHILA method was the one used in the historiographical reconstruction, because of its double utility: as an historical methodology specially designed to rescue the history of those who normally have no voice, and as theological stance, since this is the story of the faith journey of an excluded people who after finally finding a pastor that listens to them, organized themselves in a process of liberation. The researches rebuilt part of the paths taken by Dom José Brandão, starting with his family, through his education, priestly and Episcopal ministry as a Redemptorist missionary, until his renunciation of the position of Bishop of Propriá. They portray how he improved his sensitivity towards the poor, moving progressively from an affective-assistance -based attitude to an affective-libertarian attitude, whose consistency made him pay a heavy price: the forced renunciation. The testimonies reveal that he left a legacy of liberation that remains in the memory, the expressions of faith and in the attitudes of several communities and organized groups in the Lower São Francisco, until the present day.

**Keywords:** Pastoral Action. Option for the poor. Liberation.

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	09
2.	BREVE HISTÓRIA DA IGREJA DE SERGIPE ATÉ A CRIAÇÃO DA DIOCESE DE PROPRIÁ	18
2.1	<i>Da chegada dos primeiros missionários...</i>	18
2.2	<i>À nomeação de Dom José Brandão de Castro</i>	36
3.	DAS MINAS GERAIS PARA SERGIPE: Diocese de Propriá, Igreja em missão no baixo São Francisco	38
3.1.	<i>Contexto da Diocese de Propriá</i>	44
3.2.	<i>A missão pastoral</i>	53
3.2.1.	Primeiro período 1960-1968	53
3.2.2.	Segundo período 1969-1978	67
3.2.2.1	<i>O caso da ocupação da Cooperativa Camurupim</i>	72
3.2.2.2	<i>O caso da agressão ao frei Roberto Eufrásio</i>	74
3.2.3.	Terceiro período 1979-1987	91
4.	A SUCESSÃO: da crise à continuidade na missão	106
5.	CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS	118
	REFERÊNCIAS	123
	ANEXO A	127
	ANEXO B	128
	ANEXO C	134
	ANEXO D	135
	ANEXO E	137
	ANEXO F	141

## 1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação analisa, enquanto fenômeno do campo religioso brasileiro, a trajetória eclesial e a ação pastoral de Dom José Brandão de Castro junto aos camponeses<sup>1</sup>, índios, sem-terra, pescadores, quilombolas que constituíam o segmento mais pobre da população do Estado de Sergipe, no período de 1960 a 1987, em que foi o 1º bispo residencial da Diocese de Propriá, na região do Baixo São Francisco.

Passados 23 anos da saída de Dom José Brandão de Castro, do governo da Diocese de Propriá<sup>2</sup>, é tempo de começar a fazer um balanço crítico de seu episcopado, trazendo à tona sua prática evangelizadora, cujas palavras e ação pastoral, que partiam de situações concretas da vida dos excluídos do baixo São Francisco, semearam e reanimaram, em pleno período da ditadura militar, as comunidades eclesiais de base e as organizações populares na luta pelas reformas de base, principalmente, a reforma agrária, no pequeno Estado de Sergipe.

Descrevendo o testemunho de vida do missionário redentorista mineiro José Brandão de Castro, por quem fui acolhido como seminarista, em novembro de 1982, em sua atuação no baixo São Francisco sergipano, procuramos demonstrar como sua ação evangelizadora, em toda a região, junto aos verdadeiros destinatários, que são os pobres, ajudou-os no resgate da auto-estima, enquanto sujeitos capazes e amados como filhos de Deus. Estimulou-os a ser “sal da terra” e “luz do mundo”, participando, corajosamente, do processo de sua própria libertação, contando com a adesão afetiva e efetiva dos seus pastores e religiosas, da solidariedade da Igreja no Brasil, de entidades e de movimentos sociais, em nível nacional e internacional.

É importante, neste nosso trabalho, relatar como o clamor de um grupo de camponeses oprimidos conseguiu seduzir um bispo, originalmente afinado com as

---

<sup>1</sup> Nos anos 80 entendia-se por “posseiros” os camponeses residentes há muitos anos em uma terra, sem direitos juridicamente reconhecidos. Hoje, entendemos que os fazendeiros ilegais também são posseiros. Qualificaremos, portanto, os posseiros pobres de “camponeses”, para diferenciá-los dos posseiros ricos, que são fazendeiros. Iremos conservar o termo “posseiro”, entendendo-o como camponês, quando o termo se fizer presente em citação de outrem (Nota do autor).

<sup>2</sup>Entregou a carta de renúncia pessoalmente ao Núncio Apostólico no dia 07 de julho de 1986.

elites dominantes, a ser seu porta-voz, reconhecendo como “o *nosso Moisés*”<sup>3</sup>, a colocar-se ao seu lado e, a partir deles, reconstruir a pastoral diocesana, posicionando-se ao lado de todos os excluídos.

Procuraremos destacar a missão da Igreja a partir dos fatos históricos iluminados pela fé, e neles perceber que lá, naquele tempo, foram plantadas as bases das atuais organizações sociais existentes na região do baixo São Francisco, à custa de muita fé, coragem, firmeza e determinação.

Queremos demonstrar como Dom José soube aprender e valorizar as danças do samba de coco, dos camponeses de Santana dos Frades, e a dança do Toré, do povo indígena Xokó, da Ilha de São Pedro; como missionário teve sensibilidade com a religiosidade popular do camponês nordestino propondo as Romarias da Terra<sup>4</sup>, estimulando as celebrações da colheita, de solidariedade e de vitórias. Queremos registrar a solidariedade entre os lutadores e lutadoras: o sobe e desce das comunidades do sertão, do agreste e da praia, prestando-se mutuamente seu apoio presencial e em alimentos, impulsionados pela mesma esperança evangélica, registrada e cantada pelo poeta sertanejo de Porto da Folha, Jorge Pereira Lima:

Nossa alegria é saber que um dia, todo este povo se libertará,  
Pois Jesus Cristo é o Senhor do mundo, nossa Esperança realizará.  
Pois Jesus manda libertar os pobres, e ser cristão é ser libertador.  
Nascemos livres pra crescer na vida e não ser pobres pra viver na dor.

A partir daquele tempo, apesar do hiato surgido entre o clero e a militância cristã, após a renúncia de Dom José Brandão em 1987, o laicato envolvido

---

<sup>3</sup> Expressão de um camponês do Betume, cujo nome não consegui recuperar, diante de Dom Brandão.

<sup>4</sup> Foi a equipe da CPT do Regional da CNBB do NE 3 (Bahia e Sergipe), presidida por Dom Brandão, que sugeriu ao Bispo de Bom Jesus da Lapa (BA), Dom José Nicomedes Grossi – sugestão que foi aceita e posta em prática – a realização da Missão da Terra durante o período da tradicional Romaria ao Santuário de Bom Jesus da Lapa, realizada na última semana de julho e na primeira de agosto. A partir da referida Missão, sucederam-se as futuras Romarias da Terra pelo Brasil à fora. Os freis Enoque Salvador e Roberto Eufrásio de Oliveira, o jesuíta padre Andreas e outros, participaram da referida Missão da Terra: “Sem se afastar do conteúdo religioso das concorridas romaria da Lapa e preservando até, em boa parte, a sua programação tradicional, a “Missão da Terra”, organizada pela CPT [...], objetivou em última análise fazer aflorar essa consciência. Também discutir com os grupos deromeiros-lavradores, os meios legais pelos quais eles podem contar para assegurar o direito de permanecer em suas áreas, resistindo às pressões dos grileiros”.(OLIVEIRA, 2007, p.111). O dia 31 de outubro de 1978 é a data considerada como a da realização da 1ª Romaria da Terra na Diocese de Propriá, ocorrida na Ilha de São Pedro, terra do povo Xokó, município de Porto da Folha, que teve como objetivo celebrar com os índios a ocupação da terra e o centenário de Frei Doroteu de Loreto. (BEC, Ano II, nº 29 – Novembro/78, pág. 2).

nas comunidades eclesiais de base prosseguiu com seu protagonismo de modo significativo. Há documentação que nos permite constatar um aumento da militância cidadã em várias categorias (sem-terra, sindicatos e associações comunitárias), em faixa etária (grupos de jovens e idosos), em gênero (mulheres bordadeiras e camponesas), nos grupos étnicos (índios, quilombolas e pescadores), requerendo e defendendo seus direitos às políticas públicas e, conseqüentemente, à melhoria da qualidade de vida.

Portanto, foi importante para este trabalho coletar informações sobre a origem e formação familiar de Dom Brandão, sua opção para ser missionário na Congregação do Santíssimo Redentor (Missionários Redentoristas), e suas atividades, seja como pároco em Belo Horizonte, primeiro redator da Revista São Geraldo, ou missionário popular, inclusive nos sertões da Bahia. Especial atenção foi dada à documentação de seu episcopado e à coleta de informações sobre seus últimos anos.

O núcleo da nossa pesquisa dedicou-se a salientar os desafios iniciais da missão episcopal de Dom José em uma região em que havia poucos padres para um rebanho imenso (a população da Diocese aproximava-se de 180 mil habitantes para apenas 10 padres idosos). Quisemos mostrar como ele soube rever sua prática pastoral a partir de um novo contexto, provocado pelas mudanças ocasionadas pelo Vaticano II (1962-1965).

Dom José Brandão esteve presente em todas as sessões do Concílio, participou do grupo da “Igreja dos Pobres” e com eles assinou o “Pacto das Catacumbas”, em que se comprometia em viver o evangelho como pobre e a serviço deles. Nas suas próprias palavras:

Os mais compensadores, sem dúvida alguma, foram os de minha participação no Concílio Ecumênico Vaticano II, nos anos de 62, 63, 64 e 65, quando a Igreja Católica fez uma revisão profunda de sua linha pastoral e de sua atitude perante o mundo moderno. Só quem acompanhou mais de perto a caminhada conciliar da Igreja pode compreender o que representaram para ela os quatro períodos do Concílio.

Foi no Concílio que um grupo numeroso de bispos de vários países, entre os quais o Brasil, fez o célebre “Pacto das Catacumbas” que representou uma tomada consciente de posição em favor dos pobres. Os Bispos desse “pacto” se comprometeram com os pobres,

firmados naquela palavra de Jesus Cristo: Eu vim para anunciar o Evangelho aos pobres (Lc 4, 18)<sup>5</sup>.

Assumi não só o processo formativo dos agentes de pastoral para repassar os resultados do Concílio, mas também as conclusões da Assembléia Pastoral dos Bispos em Medellín, na Colômbia em 1969, como resposta inculturada do referido Concílio ao nosso continente latino americano, que identificou o conceito eclesiológico de “Povo de Deus” como o povo dos pobres<sup>6</sup> e, como conseqüência, a opção preferencial pelos pobres tornou-se o eixo evangelizador, estimulando a formação das Comunidades Eclesiais de Base e a formação pastoral a partir da Teologia da Libertação. Tal compromisso foi renovado e fortalecido quando da publicação do Documento de Puebla, no México:

Além dos motivos alegados acima, eu poderia acrescentar uma grande sensibilidade dos sacerdotes e dos demais agentes de Pastoral. As Congregações de freiras que aqui se instalaram após o Concílio se dedicaram especificamente à Pastoral e vem desempenhando um papel da maior importância. Trabalham ao lado do povo. Vivem no meio do povo, dinamizam as comunidades, nunca deixando de lado a grande norma que nos veio, mais enfaticamente, a partir de Medellín, a opção preferencial pelos pobres. Os Irmãos Maristas que aqui, graças a Deus, se estabeleceram, há vários anos, escolheram para morar um bairro bem popular e todas as religiosas que temos em atividades pastorais estão voltadas primordialmente para os pobres. No sertão de Porto da Folha e Poço Redondo, um grupo de moças iniciou uma pastoral junto aos moradores daquela região, procurando acompanhá-los nos seus trabalhos e nas suas lutas. Resumindo, eu queria lembrar que a Congregação Redentorista, a que eu pertencço, desde 2 de fevereiro de 1939, foi fundada por Santo Afonso Maria de Ligório, especialmente para trabalhar entre as populações mais abandonadas, no sentido religioso e social. Assim, eu sempre me senti realizado nesta Diocese, considerando-a o lugar que a Providência Divina escolheu para o meu trabalho pastoral. E eu me lembro de Cristo na sinagoga

<sup>5</sup> Entrevista com Dom José Brandão de Castro: PROFECIA E COMPROMISSO COM OS POBRES in A DEFESA, 1ª parte - março 1987, p. 4

<sup>6</sup> Trata-se do Capítulo II da Constituição Dogmática *Lumen Gentium* promulgada no Concílio Vaticano II no dia 18 de novembro de 1965 pelo Papa Paulo VI: “Enquanto na Europa se espalhavam as críticas ao conceito ‘povo de Deus’, o episcopado de América Latina deu-lhe uma expansão notável. Apesar de muitos apelos e da sugestão de João XXIII, o Concílio não pode chegar a uma teologia da Igreja dos pobres, como dizia o papa. Esse passo foi dado na América Latina, em Medellín e Puebla. Ali se chegou à percepção clara de que o ‘povo de Deus’ é, na realidade, o povo dos pobres (citando Gustavo Gutierrez). Essa redescoberta da Igreja dos pobres, doutrina tão clara na Bíblia, era volta a um passado já esquecido quase por todos [...]. Apesar dos apelos patéticos do cardeal Lercaro [arcebispo de Bolonha e um dos 4 moderadores do Concílio], os padres conciliares não estavam preparados para entender. Foi na América Latina, em Medellín e Puebla, que os bispos souberam interpretar o Vaticano II de maneira autêntica, levando-o à explicitação esclarecedora”. (COMBLIN, 2002, p.11). O arcebispo de Bolonha era um dos pouquíssimos prelados do primeiro mundo que tinha clara consciência da centralidade dos pobres na constituição da Igreja (Nota do autor).

de Nazaré, declarando: O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu e mandou-me evangelizar os pobres, anunciar aos cativos a libertação, aos cegos a recuperação da vista, por em liberdade os oprimidos pelos grilhões, proclamar um ano de graça do Senhor” (Lc, 4, 19)<sup>7</sup>.

Quando Dom José tomou posse da recém criada Diocese de Propriá, como primeiro bispo, no dia 16 de outubro de 1960, recebeu a responsabilidade pastoral sobre um povo culturalmente rico, mesmo se não letrado, e bem diversificado: a nova diocese tinha – e ainda tem - o rosto dos negros, dos índios, dos mulatos, dos mestiços, sertanejos, beiradeiros e praieiros. Eles ainda formam a família diocesana, que hoje é constituída pelas comunidades de 25 municípios pertencentes geograficamente à bacia hidrográfica do rio São Francisco, sendo que uns 54% do seu território está localizado na área do polígono das secas, e o restante se dividindo entre o agreste e a região da praia. Toda a Diocese engloba uma região onde prevalecem os menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do pequeno Estado de Sergipe.

No início da década de 60 o analfabetismo rural ultrapassava os 70%. A propriedade da terra era, e continua sendo, a base do poder econômico e político da região. O latifúndio predominava: no alto sertão o gado ocupava as grandes fazendas; no agreste, a cana e, na região da praia, o arroz e a pescaria. As lagoas naturais que existiam ao longo do rio, desde Canindé do São Francisco, no alto sertão, limítrofe com a Bahia e Alagoas, até Brejo Grande na foz, eram de propriedades dos fazendeiros que, além de criar gado nas terras firmes plantavam também o arroz. A sina dos pobres era a de se submeter à situação excludente e opressora ou emigrar.

A partir dos anos 70 a formação tornou-se uma prioridade para todos envolvidos na pastoral, indistintamente: padres, religiosos e religiosas, leigos e leigas. Havia formação para os ministérios eclesiais, para o serviço das CEB's, para o movimento cooperativista e sindical. O fato é que a catequese assumida juntava a fé e a vida num mesmo programa formativo que impulsionava a presença evangelizadora da Igreja em vários setores da sociedade, composta, quase toda, por trabalhadores rurais empobrecidos.

---

<sup>7</sup> Entrevista com Dom José Brandão de Castro: PROFECIA E COMPROMISSO COM OS POBRES in A DEFESA, 1ª parte - março 1987, p. 4.

O Bispo, interpelado pelos camponeses da Fazenda Betume, em Neópolis, injustiçados pela ação da CODEVASF<sup>8</sup>, colocou-se, a partir de 1975, a serviço da libertação dos “beiradeiros” do “Velho Chico”, rompendo com uma longa tradição, para a qual o exercício do múnus episcopal centrava-se no exercício de uma autoridade equivalente àquela dos poderes civis, e tinha como pressuposto a manutenção da ordem e do poder da Igreja.

Juntamente com o clero, com os religiosos e religiosas e o laicato da Igreja particular de Propriá, ouviu e obedeceu inicialmente ao apelo dos camponeses, depois incorporou as dores e as esperanças de todos os pobres, que acreditaram e se organizaram na luta por libertação, e as expressou através de manifestações públicas, de entrevistas, notas públicas, das cartas pastorais, das celebrações de protesto e solidariedade, das romarias, do canto, da poesia, dos artigos em defesa da Justiça Social.

Sensibilizado pelo apelo dos camponeses da Fazenda Betume, que o chamara de *nosso Moisés*, expulsos de suas terras pela CODEVASF, sentindo-se investido por eles como seu Pastor-Profeta, seu porta-voz dos direitos da libertação, convenceu-se que a questão da terra – ou melhor, a falta dela - deveria ser a principal preocupação da ação pastoral da Diocese, tendo em vista que a maioria da população era eminentemente agrícola<sup>9</sup>. Os dramas em torno da posse da terra eram muitos: desde o caso dos índios Xokó, que a perderam<sup>10</sup>, passando pelos camponeses que não tinham seus direitos reconhecidos, como aqueles que nunca a tiveram, os sem-terra<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco, criada em 16 de julho de 1974, pela Lei 6.088, que estava instalando os perímetros irrigados.

<sup>9</sup> Sobre o caso dos Camponeses da Fazenda Betume, há um acervo diocesano de informações: BEC de 08/76, 15/08/77, 07/78 e 09/82; A DEFESA, todas as edições de 1977.

<sup>10</sup> O Povo Indígena Xokó da Ilha de São Pedro, em Porto da Folha, Sergipe.

<sup>11</sup> “Numa tentativa de maior fidelidade ao Evangelho, a Igreja meditou sempre o emocionado e emocionante brado de Cristo: ‘Tenho compaixão do povo!’”. Em conseqüência, ela devia tomar posição em favor dos fracos, oprimidos e marginalizados que, entre nós, constituíam, e ainda constituem, a maioria do povo. Ora, os camponeses no Brasil são um pouco de tudo isso. Vivem quase exclusivamente de culturas de subsistência, vendendo os excedentes da produção para adquirirem o que não podem tirar do solo. O que produzem não sobe de preço na mesma proporção do que compram. Assim, estão sempre em desvantagem. Além disso, são vítimas das pragas, inconstância do tempo, falta de crédito e assistência. Mesmo assim vinham lutando e mantendo suas famílias. Com a grande valorização das terras e a constituição de grandes empresas agrícolas, os camponeses foram progressivamente desalojados de suas posses e os índios criminosamente esbulhados do melhor de suas reservas. A Igreja viu-se obrigada a ficar do lado desses injustiçados para ficar do lado de Cristo. E essa decisão de ficar do lado dos injustiçados não significou

Em assembléia pastoral, o bispo e os agentes de pastoral descobriram que o gado, a cana e o arroz tinham primazia sobre o ser humano da região. O povo, diante de tanto sofrimento, também tomava consciência da sua condição social. A luta contra o latifúndio foi declarada e assumida publicamente, dando um passo libertário na ação pastoral pela erradicação da miséria e da fome na região:

Quando se fundou a CPT (Comissão pastoral da Terra) no Regional Nordeste III, ao qual pertence o Estado de Sergipe, juntamente com o Estado da Bahia, em 1975, eu fui escolhido para fazer parte da primeira diretoria, pelo fato de entre nós ter surgido o caso do Betume, com a CODEVASF expulsando sem mais nem menos os moradores. Desde então, juntamente com alguns sacerdotes, algumas religiosas e alguns leigos da Diocese começamos a agir, como melhor nos pareceu, no sentido de ajudar as pessoas envolvidas com esse novo problema a encontrar uma saída condizente e justa.

Em pouco tempo, a questão da terra aflorou como sendo o problema número 1 da região sertaneja. É claro que já o era, mas, devido a muitas causas circunstanciais a consciência dos lavradores do sertão despertou. Não há dúvida que as secas concorreram também para isso. As secas e a gritante exploração do trabalho dos flagelados.

As reflexões feitas pelos lavradores ao analisarem a questão da terra, constituíram por certo a causa do impulso inicial. Inegavelmente, a situação fundiária do sertão de Sergipe, que ainda continua desafiadora, constitui e ainda constitui um impulso à consciência cristã aos sergipanos. Deve-se reconhecer que, durante o seu Governo, o ex-Governador João Alves Filho se mostrou sensível a esse problema e, atendendo aos apelos dos agricultores sem terra, se movimentou para solucionar os casos que apareceram. Não se pode esquecer a situação do INCRA, sob a direção do Dr. Manuel hora, que juntamente com sua equipe, entrou decididamente em ação. Santana dos Frades, Mundéu da Onça, Barra da Onça, Borda da Mata, Ilha do Ouro, e Ilha de São Pedro são os casos já solucionados, pelo menos em parte. Dizemos “em parte”, porque a Ilha de São Pedro ainda tem direito à terra da Caiçara, que sempre foi terra dos Índios, conforme declaração da FUNAI, baseada em documentos imemoriais. Nos outros casos citados acima, o INCRA está providenciando a devida implantação<sup>12</sup>.

Nota-se a evolução de uma Igreja sacramentalista, sob os ares da cristandade, para uma Igreja sob os ares da eclesiologia “Povo de Deus”; de uma Igreja que fazia para os pobres, para uma Igreja que estava com os pobres, contribuindo na sua formação para o fortalecimento do exercício do seu protagonismo na luta pela inclusão social.

---

aconselhar-lhes paciência e resignação, mas apoiá-los na luta em defesa de seus direitos”. (Dom José Maria Pires, Arcebispo Emérito da Paraíba *in* PASSOS, 2011, p. 50)

<sup>12</sup> Entrevista com Dom José Brandão de Castro: PROFECIA E COMPROMISSO COM OS POBRES *in* A DEFESA, 1ª parte - março 1987, p. 4.

O contexto acima descrito, devido à situação de exclusão social e à pastoral assumida pela Diocese de Propriá à luz da opção preferencial pelos pobres, será usada a metodologia própria dos historiadores da CEHILA<sup>13</sup>. Ela responde à realidade vivenciada por Dom José Brandão de Castro e o povo de Deus da Diocese de Propriá, conforme indicam dois, dos dez critérios aprovados na Assembléia de Chiapas, no México, no período de 09 a 12 de julho de 1974: o “Pressuposto Metodológico”, que propõe uma história da Igreja, enquanto atividade científica, e que cujos fatos são analisados e interpretados teologicamente à luz da fé; e o critério do “Pressuposto Teológico”, porque se acredita que a História da Igreja na América Latina é a história do Sacramento de Salvação porque, além de possuir a tarefa de evangelizar os pobres do continente Latino Americano, porta consigo os aspectos evangélicos da Comunhão, da missão, da conversão como palavra profética que julga e salva, a serviço dos pobres (BEOZZO, 2001, p. 378).

Usar o método da CEHILA na construção historiográfica da ação pastoral de Dom José junto à Diocese de Propriá, conforme seus dois primeiros pressupostos, é uma atitude científica porque consiste numa metodologia histórica, mas também é uma atitude teológica porque se trata de uma história de caminhada de fé de um pastor solidário ao seu povo, tendo como enfoque os pobres, na linguagem mais atualizada, os excluídos. É também um ato de solidariedade aos pobres que lutaram lado a lado com Dom José.

Escolhemos os autores que serão nossos referenciais primários nesta perspectiva cehiliana, Riolando Azzi (2008), Eduardo Hoornaert (1983) e José Oscar Beozzo (1993). Porém, levaremos em consideração uma das críticas que o historiador caribenho Armando Lampe (2001) fez à produção cehiliana afirmando que seus textos “estão vazados, no geral, numa linguagem seca e aborrecida, sem poesia, nem paixão” (BEOZZO, 2001, p.385).

---

<sup>13</sup> Declaração do Padre Oscar Beozzo (tradução do autor): “A Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA), é um fruto desse movimento de renovação do cristianismo latinoamericano que começa nos anos 60 e 70, e de uma intuição comum a Charles de Foucauld, João XXIII, Mons. Hélder Câmara, Mons. Sergio Méndez Arceo e tantos outros. Em 1959, Enrique Dussel, quem mais tarde foi o primeiro presidente de CEHILA, por mais de 20 anos, discutindo sobre a história latinoamericana em Nazaré (Israel), compreendeu a luz de Isaías 61,1. “Me consagrou para evangelizar os pobres”, a necessidade de escrever a história a partir do ponto de vista dos pobres, os oprimidos e os marginalizados: uma história “ao contrário”, a partir de baixo”. Fonte: <http://www.cehila.org/Historia1.html>. (español/português): acesso no dia 09/08/10 – 21:20hs.

Além das fontes da CEHILA que nos serviram de fio condutor, usamos outras para subsidiar o trabalho. O jornal diocesano “A Defesa”- do qual Dom Brandão era redator chefe - circulou durante todo seu episcopado, e é rico em informações. Foram importantes também os testemunhos de alguns agentes de pastoral: HENDRICK (2011), GÓIS (2012), MELO e OLIVEIRA (2011). E para nos ajudar a ler o contexto do período dos anos 80, a sucessão e suas possíveis conseqüências, foram importantes as colaborações de BEOZZO, COMBLIN e LIBÂNIO, enquanto visão latino-americana, e RICCARDI, enquanto uma das expressões progressistas católicas italianas sobre os mesmo fatos.

Vamos trabalhar no primeiro capítulo, uma “Breve história da Igreja de Sergipe até a criação da Diocese de Propriá”; no segundo capítulo, “DAS MINAS GERAIS PARA SERGIPE: Diocese de Propriá, Igreja em missão no baixo São Francisco” e, no terceiro capítulo, “A SUCESSÃO: da crise à perseverança na missão”, vamos demonstrar como o protagonismo dos leigos, na Igreja e na sociedade, resultado da missão de Dom José em Propriá, resistiu à volta da “grande disciplina” e à hegemonia conservadora na Igreja católica.

## 2. BREVE HISTÓRIA DA IGREJA DE SERGIPE ATÉ A CRIAÇÃO DA DIOCESE DE PROPRIÁ

### 2.1. Da chegada dos primeiros missionários...

A ação missionária da Igreja Católica e a questão da terra em Sergipe tem tudo a ver com o processo de colonização das terras brasileiras pelos portugueses, sob o regime de Padroado<sup>14</sup>. Sob este regime a função evangelizadora da Igreja não só se confundia com a política colonizadora da Coroa Portuguesa como estava sob a dependência direta desta. O projeto do reino era o projeto da Igreja e o projeto desta estava subordinado ao do Rei. A Carta de Pero Vaz de Caminha<sup>15</sup> revela qual o projeto que deveria ser concretizado nas novas terras, mostrando que este era não só de conhecimento dos súditos de Dom Manuel, o Venturoso, como recebia destes amplo consenso.

O objetivo da conquista, que fundamenta a empreitada colonialista por parte do governo português em consórcio com a ordem religiosa católica que investiu economicamente na viagem de conquista, denominada Ordem Militar de Nosso Senhor Jesus Cristo, ou simplesmente Ordem de Cristo<sup>16</sup>, está bem descrito na Carta de Caminha:

Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem lho vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

---

<sup>14</sup> O Padroado era um tratado entre a Igreja Católica e os Reinos de Portugal e de Espanha. A Igreja delegava aos monarcas a administração e organização da Igreja Católica em seus domínios, e os reis mandavam construir igrejas, nomeavam os padres, missionários e bispos (estes, geralmente, eram sagrados após a confirmação do Papa) e mantinham as despesas pessoais e estruturais dos mesmos. “No Brasil, durante o regime colonial e, depois, no império, os soberanos se arrogavam o direito de conceder ou negar beneplácito aos actos pontifícios e dos concílios”. (MACEDO SOARES, 1954, p. 58).

<sup>15</sup> Carta de Pero Vaz de Caminha: Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional. Departamento nacional do Livro. [http://obidigital.bn.br/Acervo\\_Digital/Livros\\_eletronicos/carta.pdf](http://obidigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf). Acessado no dia 11/08/11, às 15hs46.

<sup>16</sup> A Ordem de Cristo, fundada no dia 14 de março de 1319, vai caber o dízimo, isto é, a décima parte de todos os produtos explorados nas novas terras, visto que foi ela a grande financiadora da viagem dos conquistadores: (MACEDO SOARES, 1954, p. 68, citando Augusto Tavares de Lyra: “Organização Política e Administrativa do Brasil”, op. cit. p. 49.).

e

Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar.

E que aí não houvesse mais que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecute, bastaria. Quando mais disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa santa fé. (CAMINHA)

Os metais preciosos como ouro, prata ou ferro, tudo que gerasse riqueza, mais a salvação das gentes do além mar eram as duas metas de uma mesma ação conquistadora. O território brasileiro foi ocupado por Portugal e, para não perdê-lo ao longo do século XVI e início do XVII para os seus concorrentes, especialmente franceses, holandeses e ingleses a Coroa dividiu-o em grandes lotes o que foram chamados de Capitânicas Hereditárias<sup>17</sup> doando aos nobres que tinham capacidade de investimento, a quem chamou de donatários, destituindo assim os legítimos ocupantes da terra, os índios, transformando-os em escravos na produção de riquezas para os proprietários, e em conseqüência, para a referida Coroa. Aos que resistiram, a guerra, e como conseqüências a morte, a escravidão e os aldeamentos missionários, conhecidos na região sul como reduções.

Os colonizadores destruíram o estilo de vida dos índios, que ultrapassavam mais de um milhão de habitantes só no litoral, cinco milhões para todo o atual território brasileiro. Eles habitavam uma terra sem cerca, livre, cheia de riquezas naturais, sem a pobreza e a miséria existentes no continente dos conquistadores, como registrou o próprio Caminha no seu primeiro contato:

Eles não lavram nem criam. Nem há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao viver do homem. E não comem senão deste inhame, de que aqui há muito, e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si deitam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos (CAMINHA).

Era um estilo de vida, que se aproximava a uma “*Yvy marã ei*” – *Terra sem Males, morada de Maíra (o deus sol, o criador)* – desejada pela tradição milenar

---

<sup>17</sup> “As capitânicas compreendiam, no Brasil, grandes áreas traçadas paralelamente, limitadas ao oeste pela linha demarcatória do Tratado de Tordesilhas e a leste, pela costa do Atlântico. A Coroa transferia ao donatário das capitânicas, geralmente pertencente à pequena nobreza, muitos de seus direitos reais a troco de alguns tributos. [...] A capitânia era hereditária, inalienável e indivisível”. (MAIOR, 1967, p.61-62).

dos povos indígenas guarani como um lugar de paz e fartura para todos. Nesta direção o interpreta o antropólogo e educador Darcy Ribeiro:

Os índios perceberam a chegada dos europeus como um acontecimento espantoso, só assimilável em sua visão mítica do mundo. Seria gente de seu deus sol, o criador – Maíra –, que vinha milagrosamente sobre as ondas do mar grosso. Não havia como interpretar seus desígnios, tanto podiam ser ferozes como pacíficos, espoliadores ou dadores.

Provavelmente seriam pessoas generosas, achavam os índios. Mesmo porque, no seu mundo, mais belo era dar que receber. Ali, ninguém jamais espoliara ninguém e a pessoa alguma negava louvor por sua bravura e criatividade. Visivelmente, os recém-chegados, saídos do mar, eram feios, fétidos e infectos. Não havia como negá-lo. É certo que, depois do banho e da comida, melhoraram de aspecto e de modos. Maiores terão sido, provavelmente, as esperanças do que os temores daqueles primeiros índios. Tanto assim é que muitos deles embarcaram confiantes nas primeiras naus, crendo que seriam levados a Terras sem Males, morada de Maíra (newen Zeytung 1515). Tanto que o índio passou a ser, depois do pau-brasil, a principal mercadoria de exportação para a metrópole. (RIBEIRO, 1994, p. 42)

Enquanto durou o regime do padroado a evangelização caminhou junto ao projeto de colonização e, conseqüentemente, ocupação do território brasileiro:

O discurso acerca da evangelização no Brasil não coloca a questão da legitimidade da ordem estabelecida pelo projeto colonial no Brasil, e por isso mesmo participa da agressividade deste mesmo projeto... E como o sistema era estruturalmente agressivo diante de indígenas e africanos, o discurso evangelizador não conseguiu escapar à agressividade, mesmo em condições favoráveis. A terminologia 'evangelização' passou a ser justificativa da opressão e escravização de indígenas e africanos: assim já na época de Nóbrega, Anchieta, Luís de Grã, Antonio Blasques, Francisco Pires, Afonso Brás, homens sobremaneira respeitáveis, mas que já aceitam pacificamente a famosa tese expressa no *Diálogo sobre a Conversão do Gentio*, de Nóbrega: conversão só após sujeição (HOORNAERT, 1983, p. 26).

Neste espírito colonial e mercantilista, sob a proteção da lei do Padroado, o historiador da CEHILA Eduardo Hoornaert (1983) distinguiu quatro movimentos missionários no Brasil português obedecendo-se a quatro momentos da colonização portuguesa: o primeiro acompanhou a conquista e ocupação do litoral brasileiro; o segundo é condicionado pela ocupação do sertão, efetuada pelos rios, principalmente o São Francisco; terceiro, o maranhense, cujo território, que incluía também a área dos atuais estados da Amazônia, chamado Estado do Maranhão e Grão-Pará e o quarto, o catolicismo mineiro, obra do povo português, os "leigos",

que assumiram o jeito de ser igreja sem o clero até 1745. Os dois primeiros movimentos missionários são os mais importantes para o objeto de nossa pesquisa:

O primeiro movimento acompanhou a conquista e ocupação do litoral brasileiro, não somente da 'costa do pau brasil', mas sobretudo da zona da mata dedicada ao cultivo do açúcar do Rio Grande do Norte até a região de São Vicente no sul. A cultura criada em torno da cana-de-açúcar influenciou sobremaneira a evangelização e lhe deu características próprias (HOORNAERT, 1983, p. 42).

As terras sergipanas estavam inicialmente incluídas na Capitania Hereditária da Bahia de Todos os Santos, que foi doada a Francisco Pereira Coutinho, um nobre português, no dia 05 de abril de 1534, medindo 50 léguas de costa, desde o rio São Francisco, em direção sul, até a de Ilhéus, mas com a morte do referido donatário, D. João III, o rei de Portugal, a comprou aos herdeiros.

Na época da colonização as margens do rio São Francisco eram habitadas por índios de dois grupos étnicos, os do Jê-Kariri (Xokó, Aramurus, Karapotó, Kaxangó), e na parte mais litorânea, os do grupo Tupi, (Tupinambás, Caetés e Boimés)<sup>18</sup>.

Antes da primeira incursão missionária, em 1575, já estava tendo vários embates entre portugueses e indígenas devido a ocupação do seu território sergipano:

Vem de longe, antiga, [...] a violência dos portugueses contra os nativos, embora os jesuítas Francisco Sachino, Inácio de Tolosa e José de Anchieta sejam moderados no mencionarem as agressões. Os índios, aliás, não agredem, são agredidos, não atacam, defendem-se.

Os missionários sediados na Bahia estão informados das lutas e potencialidades sergipanas. E, principalmente, do "muito gentio que havia" (José de Anchieta), gentio que exhibe, a toda hora, "seus padecimentos, as cicatrizes do açoite e do azeite fervendo" (R. P. Francisco Sachino).

Não foi por amor a Sergipe e aos índios, que os jesuítas deixaram a Bahia para se adentrarem, a princípio, nas terras do rio Real e, depois, por todo o território sergipano. Doações de terras estavam

<sup>18</sup> Clodomir Silva, a partir de Antonio José da Silva Travassos, localiza, geograficamente, chefes indígenas. 'Sergi tinha sede no lugar de Aracaju e dominava de Irapiroanga ao rio Sergipe; Siriri residia no local onde foi o engenho Saco, junto à Vila do Rosário, governava do rio Sergipe ao rio Siriri; Japaratusba morava à margem do rio Japaratusba, no ponto chamado Cachoeirinha, tinha domínio do rio Siriri até o confluente do rio São Francisco – o Poxim do Norte; Pacatuba, chefe do Poxim do Norte no rio São Francisco e daí a serra da Tabanga, tinha sede na Vila de Pacatuba; Pindaíba, estabelecido na Ilha de São Pedro de Porto da Folha, dominava da Serra da Tabanga até o riacho Tamanduá. Havia, ainda, os chefes Aperipê, Surubi, nas margens do rio Vasa-Barris, em Itaporanga e, mencionado por Antonio José da Silva Travassos, o chefe Moribeca, que marcava seu limite entre o rio Itapicuru e o rio Vaza-Barris". (FIGUEIREDO, 1981, p. 32.).

sendo feitas desde 1534. Francisco Pereira Coutinho chegou a distribuir sesmarias a Diogo Álvares Correia (20/12/1536), Pedro Afonso, Sebastião Aranha, Francisco de Azevedo, Afonso Torres, Paulo Dias e outros (SEC/SE, 1973). Fora disso, as terras são tomadas a força, cortadas sem dó nem piedade as raízes físicas e culturais dos indígenas, que vivem, nessas condições, inquietos, aflitos, desesperados (FIGUEIREDO, 1981, p. 32).

É com este reforço político-militar e religioso que os primeiros missionários, os jesuítas, chegam a Sergipe no dia 28 de fevereiro de 1575, pelo litoral sul, que hoje corresponde ao município de Santa Luzia do Itanhý:

Os jesuítas, Gaspar Lourenço e João Salônio à frente, chegam ao rio Real em 28/11/1575, trazem cerca de “20 neófitos”. Era, então, Governador Geral, Luis de Brito e Almeida (1573/1577), o padre Inácio Tolosa, Provincial da Ordem. Eles chegam, por vias das dúvidas, acompanhados de “uma companhia de soldados”, “um capitão e algumas praças” – diz José de Anchieta. A cruz, insuficiente para a catequese, reclama a ajuda da espingarda. Logo depois [foram] enviados os padres Francisco Pinto, Pedro Leitão e Luiz de Grã substituído, por não falar a Língua Geral, pelo padre João Pereira.

O padre Gaspar Lourenço “foi recebido de todos os índios com mostras de muito amor” (José de Anchieta). Recebe os indígenas, ouve e fala a todos. Faz, em 1575, “uma igreja de pindoba”, dá o nome de São Tomé, aldeia com mais de mil almas, próxima ao rio Piauí. Para ela convergem índios dos rios Piauí, Sergipe, Japarutuba e São Francisco, entre eles o chefe Surubi, vivia a 10 léguas de São Tomé, às margens do rio Vaza-Barris e do qual “todos se temiam” afamado, na versão jesuítica, “por causa de muitas mortes consumadas em portugueses (R. P. Francisco Sachino). (FIGUEIREDO, 1981, p. 42-43).

O sertão sergipano foi conquistado tendo nossos rios como entradas. Ao sul pelo rio Real, ao centro através dos rios Vaza-Barris e o Cotinguiba; e ao norte, pelo rio São Francisco, ao longo do qual acontece com mais intensidade o segundo movimento:

O segundo movimento é condicionado pela ocupação do vasto interior brasileiro (o sertão), que foi efetuada através dos rios, sobretudo do famoso rio São Francisco, verdadeira artéria de integração brasileira nos tempos do primeiro pacto colonial. Por isso qualificamos este segundo movimento missionário pelo nome do rio São Francisco (HOORNAERT, 1983, p. 42).

Por todos os lados e pontos geográficos as terras sergipanas foram sendo ocupadas pelos colonizadores, matando, escravizando, ferrando e enxotando os seus legítimos ocupantes, os índios. Várias guerras foram feitas aos índios, desde a

primeira em 1575/6, comandada pelo Governador Geral, Luiz de Brito e Almeida em que tudo foi destruído: o trabalho missionário dos jesuítas, as aldeias são incendiadas, 1.200 índios são escravizados e levados para a Bahia, o cacique Surubi é morto e outras lideranças indígenas, como os caciques Serigi (Baopepa) e Aperipê, fogem para o sertão. Não se rendem, esperam o tempo e, contra-atacam 10 anos depois, em 1586, armando uma cilada atraindo para si as tropas portuguesas lideradas por Manoel Teles Barreto. Em reposta, a expedição de Cristóvão Cardozo de Barros os ataca, começando pelos habitantes da foz do rio Ithanhy (rio Real), no dia do natal de 1589 e, decisivamente, no dia 1º janeiro de 1590, batalhas em que houve a participação de mais de 20 mil índios e suas lideranças:

Depois foi a vez da destruição dos índios do norte do litoral, das tribos Tupinauê, dos Caciques Japarutuba, Pacatuba, Siriri, Pindaíba e de alguns Kiriri do vale do São Francisco.

O fogo dos canhões, os disparos de milhares de bacamartes e mosquete, e as cargas de cavalaria, provocaram a matança e rendição dos grupos indígenas de Sergipe (MELO CORRÊA, 2008, p. 11-12).

A partir da derrota indígena os colonizadores fundaram a cidade de São Cristóvão como sede da nova capitania, a de Sergipe d'El Rei que ficou dependente da Capitania da Bahia. A partir daquela batalha, as terras indígenas foram desapropriadas e os governadores, capitães-mores, militares, religiosos e padres seculares<sup>19</sup>, dividiram entre si as melhores áreas, férteis e produtivas, medindo igual ou acima de 1 légua (6 mil metros ou 6 km), conhecidas como sesmarias, que foram as sementes dos primeiros latifúndios de Sergipe. Elas formavam as grandes fazendas de gado e engenhos que produziam com a mão de obra escrava, inicialmente indígena, depois africana:

---

<sup>19</sup> “O padre Agostinho Monteiro obtém a 26/12/1600, uma légua no rio Sergipe. O padre Bento Ferraz consegue, no rio Real, meia légua em 12/3/1600, duas léguas em 13/10/1600 e, em 11/3/1601 três léguas no rio Vaza-Barris, mais duas léguas em 20/10/1601 e, finalmente em 3/10/1602, meia légua no rio Mocuri. O padre Gaspar Fernandes é aquinhoadado, no rio Mocuri com uma légua em 11/7/1600 e com nova légua em 2/8/1602, possuidor também, no rio Vaza-Barris, de uma légua recebida em 21/1/1602, uma légua obtida em 1/2/1602 e outra légua em 20/5/1602. O cônego Leandro Pedro Velho recebe, em 306/1603 duas léguas no rio Poxim e o padre Felipe da Costa detém, desde 5/10/1603, quatro léguas junto à Serra de Itabaiana em área “começando a medir-se onde acabar os padres da Companhia de Jesus”... Os jesuítas conseguem sesmarias de três léguas no rio Vaza-Barris e os beneditinos, chegados em 1603, recebem, em 5/8/1603, no rio Contiguiba, três léguas de terra”. (FIGUEIREDO, 1981, p. 54)

O jesuíta, no seu “duplo caráter de sacerdote e agricultor”, assume a direção espiritual da terra sergipana, direção lastreada por privilégios e compartilhada, depois, por outras Ordens (carmelitas, franciscanos e beneditinos) e o clero secular, Manoel Curvelo cita Felisbello Freire: “Isentos de todos os impostos e encargos da sociedade, enriquecidos por diferentes doações, os homens da Igreja e a própria Igreja tornaram-se em Sergipe os mais ricos proprietários nos tempos coloniais”... Os jesuítas – adiante Francisco Antonio de Carvalho Lima Júnior – “eram os mais opulentos e poderosos proprietários da Capitania. Em suas mãos estavam as principais fábricas e fazendas de açúcar, exploravam as classes sociais em nome de Deus e em proveito da Ordem”. Para cimentarem “e alargarem as suas conquistas por toda a Capitania, estabeleceram os pequenos conventos ou colégios em dois pontos principais, no Sul, junto à cidade de São Cristóvão e ao Norte, em Jaboatão, no município de Vila Nova”. Estabeleceram conventos e levantaram “capelas nos engenhos de sua propriedade: Dira, Colégio, Comandaroba, Retiro, Ibura e Camaçari (Felisbello Freire) (FIGUEIREDO, 1981, p. 49-50).

O aldeamento dos índios foi a solução encontrada pelos colonizadores para isolar o indígena num espaço limitado sob a administração de grandes senhores de terras e, pastoralmente, pelos missionários. São conhecidas em nossa história as Aldeias de Tomar do Geru (hoje, o município com o mesmo nome), da Freguesia de Campos do Rio Real (hoje, o município de Tobias Barreto), de Lagarto, a de Itaporanga, de Água Azeda (1654/1657 - em São Cristóvão), a de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Japarutuba (frades carmelitas), a de São Félix de Pacatuba e a de São Pedro de Porto da Folha (ambas administradas pelos frades capuchinhos e que tinham a mesma medida de uma légua de frente e uma de fundo).

A estrutura eclesiástica em Sergipe foi assumindo corpo administrativo a partir de 1676, quando a Diocese de São Salvador da Bahia foi elevada a Arquidiocese, e que cria uma Vigaria Geral, sediada em São Cristóvão, composta por nove paróquias (ANDRADE, 2010, p. 46). Somente séculos depois, quando aconteceu a criação e a instalação da Diocese de Aracaju em 1910<sup>20</sup>, abrangendo todo Estado de Sergipe, cujos limites geográficos já estavam definidos<sup>21</sup> e que

<sup>20</sup> Criada no dia 03 de janeiro de 1910, pelo Papa Pio X que emitiu a Bula “Divina Disponente Clementia”. Foi instalada no dia 04/12/1911, com a posse do 1º Bispo, Dom José Thomaz Gomes da Silva. Era sufragânea da Igreja Metropolitana de São Salvador da Bahia. (ANDRADE, 2010, p. 109, citando Livro de Tombo da Cúria Diocesana de Aracaju). A partir do dia 13 /02/1920 passou a compor a Província Eclesiástica de Maceió, Alagoas.

<sup>21</sup> Limites territoriais: Ao norte, o rio São Francisco e o Estado de Alagoas; ao leste, o oceano atlântico; ao sul – até o rio Real - e ao oeste com o Estado da Bahia.

constava de 34 paróquias<sup>22</sup> com seus respectivos párocos, formados sob as orientações romanizadoras dos Concílios de Trento e do Concílio Vaticano I no Seminário de Salvador na Bahia.

No início do século XX, a maioria da população do Estado era empobrecida, analfabeta e morando em condições subumanas na área rural do Estado, submetida aos trabalhos como diaristas ou vaqueiros nas fazendas dos grandes latifundiários, nas usinas de açúcar plantando, cortando e moendo cana; como plantadores de arroz nas várzeas naturais do rio São Francisco, sob o sistema de exploração chamado de “meia”; como pescadores nos rios e no mar; ou, ainda, como emigrantes na capital em busca de outras oportunidades nas indústrias, no comércio, nos manguezais, artesãos e outras profissões. Restavam apenas dois povos indígenas, os de Água Azeda<sup>23</sup> (São Cristóvão) e os Xokó<sup>24</sup> (da Ilha de São Pedro de Porto da Folha) lutando pelo direito à posse de suas terras.

E os negros, principalmente nos municípios onde predominava a existência das grandes fazendas de gado e as usinas açucareiras,

Os negros de Sergipe livraram-se das correntes mas não da miséria e da discriminação racial. Entregues à própria sorte, os ex-escravos sergipanos ficaram abandonados pelo governo imperial e republicano, numa situação de desorientação e sofrendo discriminação racial e social, levando muitos deles aos vícios, à prostituição e ao crime (MELO CORRÊA, 2008, p. 44).

Ainda vivem encurralados entre as estradas vicinais que limitam grandes latifúndios e ou espremidos entre latifúndios e o rio São Francisco. São visíveis as comunidades de afro-descendentes do Mocambo (em Porto da Folha), de Lagoa de Campinhos, Pontal e Serraria (em Amparo do São Francisco) e Bongui (em Ilha das Flores). Entre as fazendas e as estradas vicinais como Ladeiras (em Japoatã),

---

<sup>22</sup> Anápolis (Simão Dias), Aquidabã, Aracaju, Arauá, Boquim, Campo do Brito, Campos (Tobias Barreto); Capela, Cristina (Cristinápolis), Divina Pastora, Espírito Santo (Indiaroba), Estância, Gararu, Itabaiana, Itabaiânia, Itaporanga, Japarutuba, Lagarto, Laranjeiras, Maruim, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Socorro, Pacatuba, Porto da Folha, Propriá, Riachão do Dantas, Riachuelo, Rosário do Catete, Santa Luzia do Itanhy, Santo Amaro das Brotas, São Cristóvão, São Paulo (frei Paulo), Siriri, Vila Nova (Neópolis). (ANDRADE, 2010, p. 110, citando Livro de Tombo da Cúria Diocesana de Aracaju).

<sup>23</sup> Que lutaram pela posse da terra de 1829 até 1978 onde o “processo, em três volumes, dorme o sono dos justos na Comarca de São Cristóvão. Encerra-se, assim, mais um drama da Aldeia ou Missão de Água Azeda. Até, certamente, novas agressões e injustiças contra os que trabalham as suas terras.” (FIGUEIREDO, 1981, p. 76-81).

<sup>24</sup> Lutaram contra a tomada de suas terras pelos fazendeiros de meados do século XIX até 1978, quando saíram vitoriosos após o apoio do Bispo da Diocese de Propriá [Dom José Brandão de Castro] e de várias entidades (FIGUEIREDO, 1981, p. 90-94).

Patioba (Japaratuba), Caraíbas (Canhoba) e Santa Terezinha (antes conhecido como Urubu, em Aquidabã). Nos pés da Serra da Guia (entre Poço Redondo/SE e Pedro Alexandre/BA) e Forras no alto da Serra de Palmares (em Riachão do Dantas). Na região das praias: Brejão dos Negros formado por mais três comunidades – Resina, Carapitanga e Brejo Grande (no município de Brejo Grande), e as comunidades no município de Santa Luzia do Itanhy. As localizadas nas periferias das cidades, como Maloca (em Aracaju), Laranjeiras, Riachuelo, Maruim, Santo Amaro, Itabi (o bairro Matias, tipicamente de negros)

Todos, negros, índios e mestiços formavam um povo “*sem eira e nem beira*”, conforme o dito popular, vítima da exclusão da terra, legitimada pela oligarquia que detentora do poder, composta dos maiores proprietários e políticos, os de antes (monarquia e império) e os de agora (república). A população, por ser considerada pelos brancos dominantes como portadora de costumes bárbaros e ferozes, estava excluída do processo de colonização do país, aberta aos imigrantes europeus em meados do século XIX<sup>25</sup>.

Enquanto que a Igreja Católica, mesmo depois do advento da República que lhe era formalmente hostil, continuou aliada às forças políticas que mantinham a maioria da população sem qualquer perspectiva de inclusão social:

Era interessante para as elites locais estreitar os laços com a autoridade eclesiástica, porque estar próximo significava sacralizar as relações. A Igreja legitimava o poder de mando da oligarquia local e, concomitantemente, garantia os espaços necessários à sua penetração em todas as esferas da sociedade (ANDRADE, 2010, p. 110).

Neste contexto, em 1910 todo o Estado de Sergipe se torna a Diocese de Aracaju e, em 1911, toma posse seu primeiro bispo Dom José Thomaz Gomes da Silva, que a governou até 1948. Em sua ação episcopal priorizou a fundação do Seminário do Sagrado Coração de Jesus, a formação permanente e de convivência do clero, através das Conferências do Clero. Estimulou a participação dos leigos nas novas associações devocionais: Pia União das Filhas de Maria<sup>26</sup>, Apostolado da

---

<sup>25</sup> Sobre a fundação da Colônia Quissamã, em São Cristóvão, para receber os imigrantes alemães em Sergipe (<http://jorge-educahist.blogspot.com>, acessado no dia 08/03/11 às 01h08).

<sup>26</sup> “Antes da criação da Diocese [de Aracaju] havia somente uma filial da Pia União em Sergipe, localizada em Propriá, instalada pelo Mons. Antonio dos Santos Cabral” (ANDRADE, 2010, p. 141). Foi fundada no dia 15/08/1908 (A Defesa, 14/08/48, p.2).

Oração<sup>27</sup>, e Devocionário das Almas, que se diferenciavam das irmandades e confrarias porque estas não estavam sob controle do clero (ANDRADE, p. 126-129.138-141). Em consonância com a propaganda católica da Boa Imprensa, funda em 1912, o boletim *A Diocese de Aracaju – Orgam Oficial*, que depois foi ampliado e se tornou, em 1918, o jornal *A Cruzada* “consagrado à defesa dos interesses da religião e do Estado” (ANDRADE, p. 162). Estruturou a Ação Católica e suas específicas, a Liga Eleitoral Católica e os Círculos Operários<sup>28</sup>, com seus cinemas em Aracaju (Cines Vitória e Vera Cruz) e Propriá (Cine Odeon)<sup>29</sup>.

A relação da Igreja com os excluídos era feita conforme a mentalidade da época que privilegiava a prática da esmola. Na diocese de Aracaju a ação assistencial passou a ser feita através de várias organizações: o Instituto Bento XV, o Orfanato da Imaculada Conceição, o Oratório Festivo São João Bosco<sup>30</sup> e a Associação Santa Zita, destinada a menores carentes.

No entanto é de tradição oral que no início do século o pároco de Lagarto, Monsenhor João Batista de Carvalho Daltro, incentivava que os noivos, antes de se apresentarem para a celebração do matrimônio procurassem adquirir uma pequena propriedade e um cavalo, como atesta o professor Luis Antonio Barreto<sup>31</sup>:

Na segunda metade do século XIX, um padre nascido em Simão Dias, em 23 de junho de 1828, que foi vigário em Lagarto por longo tempo, deixou entre os fiéis lagartenses um gesto inesquecível, de exigir de quem fosse casar, que possuísse um cavalo e um pedaço de terra. Essa exigência, que está na tradição, tem singularizado o município de Lagarto, com seus sítios de fruteiras e pequena lavoura de fumo, dando independência econômica aos seus proprietários. É raro um sítio que não tenha como garantir o sustento familiar e não tenha, em sobra, gêneros úteis, que sejam levados à feira da cidade. Bicicletas e motos e mais recentemente automóveis, atestam o poder aquisitivo dos lagartenses, resultante do trabalho e do compromisso que parece ter ficado das prédicas e atitudes do padre Daltro.

---

<sup>27</sup> “O culto ao Sagrado Coração de Jesus foi estimulado em Sergipe com a criação da Diocese de Aracaju. Num primeiro momento D. José consagrou toda a circunscrição eclesiástica à devoção do Coração de Jesus em março de 1912. Em seguida, as paróquias foram gradativamente consagradas, obedecendo às prescrições diocesanas”. (ANDRADE, 2010. p. 154). Em Propriá o Apostolado da Oração foi fundado no dia 16/11/1896 pelo Cônego José R. Passos (A Defesa, 12/01/46).

<sup>28</sup> A Cruzada, 06/08/50, p. 1.

<sup>29</sup> A Cruzada, 30/04/50, p. 1.

<sup>30</sup> Fundado por Genésia Fontes, conhecida carinhosamente como Bebê: Oratório de dona Bebê. (<http://arquidiocesedearacaju.org>, acessado no dia 16/02/2011, 21h18).

<sup>31</sup> BARRETO, 2011, p. 12

Verdadeira ou fantasiosa tal tradição, o fato é que nesse município predomina, até hoje, as pequenas propriedades rurais e, em conseqüência, a população local tem um menor índice de pobreza.

Da parte do poder público houve tentativas de reforma agrária no final da década de 40. Na época o governador José Rollemberg Leite (29/03/47 a 31/01/51) foi impedido judicialmente de prosseguir com processo de desapropriação da fazenda Crioulo, em Riachão do Dantas, na região centro-sul do Estado, para assentar famílias sem-terra. Somente no início da década de 50 é que a Cooperativa Agro-pecuária, do mesmo município, conseguiu empréstimo bancário de 100 mil cruzeiros para a compra da fazenda Bela Vista, que foi dividida entre 26 cooperados<sup>32</sup>.

A Igreja no Brasil nos primeiros 50 anos do período republicano se posicionara contra o laicismo do Estado e os valores defendidos por este e com mais firmeza ainda contra os protestantes, espíritas e comunistas. Posteriormente, encontramos um episcopado com mais consciência da realidade de pobreza e exclusão social da maioria da população brasileira e que procurou oferecer sua missão a serviço dos mais pobres numa visão desenvolvimentista:

O projeto desenvolvimentista de Juscelino também contou com o apoio da instituição católica, apelando então os prelados pela necessidade das reformas sociais. Essa nova tomada de posição não foi motivada apenas pela solidariedade ao poder político, sendo também conseqüência de uma nova consciência a respeito da realidade brasileira. Assim sendo, diversos documentos do magistério eclesiástico refletem a disposição de um reformismo desenvolvimentista. Convém ter presente, entretanto, que a Igreja permanece sob a influência do medo ao comunismo.

Duas foram as colaborações mais específicas oferecidas pela instituição eclesiástica ao governo. Na década de 1930 a Igreja procurou exercer uma influência junto ao Ministério do Trabalho mediante os princípios da doutrina social católica sobre a questão operária. Após 1950 se realiza uma maior aproximação com o Ministério da Agricultura, procurando os setores mais progressistas incentivar as reformas sociais, não obstante a resistência de grupos católicos mais conservadores.

O pensamento de Leão XIII e Pio XI orientou os líderes católicos até o final da década de 50; em princípio dos anos 1960 houve uma acentuação significativa em prol das reformas sociais, sob o estímulo das *Mater et Magistra* e *Pacem in Terris* de João XXIII (AZZI, 2008, p.351).

---

<sup>32</sup> SILVÉRIO, J. In. A Experiência de Riachão do Dantas (A Cruzada, 06/04/52, p. 1).

Neste período a Igreja contou com a firme contribuição do Núncio Apostólico Dom Armando Lombardi<sup>33</sup> que favoreceu a criação de várias Dioceses dirigidas por bispos gerados nas frentes da Ação Católica Brasileira e suas específicas, fortalecendo assim o levante de um movimento em defesa das causas sociais que favoreciam a maioria da população brasileira que era pobre:

A partir de meados dos anos 1950, em decorrência do maior comprometimento dos bispos do Nordeste com as questões sociais, a Igreja do Brasil passou a viver de otimismo, em sintonia com o entusiasmo desenvolvimentista do governo JK e do prestígio dado por ele à colaboração social da instituição católica. Havia muito alarde, embora os resultados fossem relativamente restritos. Não obstante, esse clima de entusiasmo ofereceu condições, não apenas para que se pusesse em desenvolvimento a pesada máquina institucional, mas sobretudo, para que ela começasse a ser orientada por novos rumos de atuação pastoral...

Os bispos comprometidos com a renovação pastoral não tinham, evidentemente, estruturas mentais para assumir posições mais radicais, pelo próprio aspecto da romanidade que perpassava todo o período. Não obstante, foi essa Igreja, designada como “progressista”, que ofereceu as condições favoráveis para que, na etapa seguinte, diversos setores da instituição católica pudessem avançar, numa etapa posterior, em direção às classes populares (AZZI, 2008, p. 634-635).

O referido grupo episcopal era formado quase que na sua totalidade por bispos de origem ou residente no nordeste, entre eles estavam Dom Helder Câmara e Dom José Vicente Távora (desde quando auxiliares no Rio de Janeiro), Dom Eugênio Sales, Dom Fernando Gomes da Silva, Dom Antonio Frago. Estes e outros poucos bispos eram reconhecidos como “os bispos dos pobres” devido à convivência e o compromisso com as camadas mais sofridas da população.

No caso da Diocese de Aracaju, a ação pastoral do segundo Bispo, Dom Fernando Gomes dos Santos<sup>34</sup> (05/05/48 a 17/03/57)<sup>35</sup>, é mais enfática no serviço

---

<sup>33</sup> Foi Núncio Apostólico no Brasil no período de 24/09/1954 a 1964. Ele criou 48 novas dioceses, 11 Arquidioceses e 16 prelazias. Providenciou a nomeação de 109 bispos e 24 Arcebispos. Faleceu na Itália no dia 24/05/1965, às 23hs30 e foi sepultado em sua cidade natal, Cercepicola, Província de Campobasso, Região de Molise. Dom José Brandão escreveu no seu “Bilhete de Roma”, datado de 28/11/1965, que um grupo de 18 bispos brasileiros foi visitar seu túmulo. (A Defesa, 15/12/1965, p.1)

<sup>34</sup> Transferido da Diocese de Penedo, Alagoas. Nasceu no dia 04/04/1910 em Patos, Paraíba, filho de Francisco Gomes dos Santos e Veneranda Gomes Lustosa. Aos 10 anos de idade entrou no Seminário da Paraíba onde estudou até o 2º ano de Teologia. Depois concluiu os estudos no Colégio Pio Latino-Americano em Roma onde foi ordenado padre no dia 1º de novembro de 1932. Em 1936 assumiu a paróquia de Cajazeiras e depois em Patos. Em 1943, aos 33 anos de idade, foi nomeado bispo de Penedo, Alagoas, onde passou 06 anos, sendo o mais jovem bispo do Brasil. No dia 25/02/1949 ele foi transferido para Aracaju, Sergipe. Em 1952 participa da criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil- CNBB. No dia 07/03/1957, foi nomeado 1º Arcebispo de Goiânia,

aos pobres e à educação da juventude. Fundou a Faculdade Católica de Filosofia<sup>36</sup>, a Escola de Serviço Social, e o SAME para acolher os mendigos e abandonados de Aracaju:

[...] O Nordeste sofria, naqueles meus primeiros tempos em Sergipe, uma terrível seca. Multidões de flagelados invadiam as cidades em busca de comida. O trabalho que se organizou, na Diocese, para atendimento aos flagelados, foi a base de um intenso apostolado social, que se articulou em torno do SAME – uma entidade que criei, para a assistência aos mendigos e desamparados, e que ainda hoje funciona em Aracaju (DOM FERNANDO, 2010, p. 10).

Diante da política coronelista em vigor, atuou como intermediário entre as forças políticas do Estado que se digladiavam ferozmente, e juntou estas forças contra a pobreza e a fome em que o povo vivia, promovendo reuniões nas grandes cidades do Estado de Sergipe a fim de coletar propostas de ações concretas, especialmente nos anos de seca, em que chegavam à capital imigrantes do interior sergipano e de outros estados à procura de comida e trabalho. Havia propostas de cunho assistencial para auxílio imediato como a coleta de alimentos, criação de empregos temporários, adoção de crianças e adolescentes ou famílias famintas, como também propunham aos governos projetos consistentes de inclusão social:

[Dom Fernando] também fazia parte do bloco dos bispos nordestinos envolvidos na Ação Católica, preocupados com a situação dos pobres e, conseqüentemente, comprometidos com as mudanças sociais. Ele já era reconhecido como o Bispo da Ação Social por dedicar-se aos excluídos de Aracaju (NASCIMENTO, 2008, p. 45).

Foi durante o pastoreio de Dom Fernando que aconteceu em Aracaju o Encontro dos Bispos do Vale do São Francisco no período de 25 a 29 de agosto de 1952, articulado por Dom Helder Câmara, em que se fizeram presentes os bispos das Arquidioceses e Dioceses de Minas Gerais até o Ceará, área geográfica sob o raio de ação da Usina Hidroelétrica de Paulo Afonso, conforme declarou Dom Helder Câmara:

---

Goiás. Em 1959 inicia a experiência de Reforma Agrária na Fazenda Conceição, em Corumbá de Goiás (o maior imóvel da Arquidiocese), com distribuição de terras, construção de casas e prestação de assistência técnica a 52 famílias de lavradores pobres. Aos 17 de outubro, funda a Universidade Católica de Goiás. Participou de todas as sessões do Concílio Vaticano II (1962-65). Participou como delegado eleito pela CNBB da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín no ano de 1968. No dia 04 de abril de 1985, em Goiânia, numa quinta-feira santa, o 75º aniversário de vida e 42º de episcopado, e no dia 1º de junho do mesmo ano faleceu, e foi sepultado no dia 03 na Catedral Metropolitana.

<sup>35</sup> A Cruzada, 02/01/10, p.1.

<sup>36</sup> A Cruzada, 16/07/50 (Decreto da Diocese) e 28/02/51 (Decreto do Governo), ambas p.1.

[...] os Bispos se reunirão para examinar, antes de tudo, que ajuda poderá a Igreja prestar aos Planos de Valorização Econômica, particularmente em capítulos que para nós fundamentais, como saneamento e saúde, educação, imigração e colonização. De modo algum se tratará de discussão no ar e sem consequência: comparecerão aos Encontros dos Bispos da Bacia do Amazonas, que será em Manaus, de 2 a 7 de julho, e ao Encontro de Aracaju, de 25 a 29 de agosto, representantes de grandes instituições oficiais e particulares, que firmarão convênios com as Autoridades eclesiásticas, quanto a trabalhos conjuntos a empreender. É evidente que os Bispos não se limitarão aos problemas econômicos: articularão, fraternalmente, as forças de que dispõem, a serviço de uma ampla e segura valorização espiritual, que se antecipe à arrancada econômica, ou pelo menos que lhe siga de perto os passos. O acontecimento terá grande relevância. Mais de 20 Bispos deverão estar reunidos em Aracaju: de Belo Horizonte, Minas, ao Cariri, no Ceará. Estará presente o Exmo. Sr. Carlos Chiarlo, Digníssimo Núncio Apostólico, representante do Santo Padre em terras do Brasil (A Cruzada, 15/06/1952, p. 1).

O objetivo principal era construir propostas para ajudar o governo federal na implantação do Plano de Valorização Econômica na região, como também, propostas de cunho pastoral para a própria Igreja<sup>37</sup>. Entre as várias propostas são evidentes às relativas ao saneamento básico e à saúde, (combate à malária e doença de chagas), à imigração e colonização (item 3) e à Reforma Agrária (item 4), enfatizando a agricultura irrigada no vale do S. Francisco<sup>38</sup>. Mais dois encontros se sucederam com a mesma finalidade: um em Campina Grande, na Paraíba (26/05/56), e o outro em Natal, no Rio Grande do Norte (23 a 27/5/59)<sup>39</sup>.

Para os bispos nordestinos, fundamentados na Doutrina Social da Igreja, era importante impulsionar o desenvolvimento econômico, mas na medida em que se promovesse o Bem Comum a fim de libertar os nordestinos da miséria em que viviam. A proposta de execução da reforma agrária, coligada à educação de base e a organização sindical seria uma revolução sem precedentes na história do Brasil. Se a seca era um problema, não era tão maior quanto as cercas dos grandes latifúndios existentes no Nordeste. Como dizem tão bem hoje os líderes populares, “se o analfabetismo é como a cegueira, a falta de consciência torna o cidadão refém dos poderosos como o peixe o é para a isca”.

---

<sup>37</sup> A Cruzada, 15/06/52, p. 1.

<sup>38</sup> A Cruzada, 07/09/52, p. 1.

<sup>39</sup> NASCIMENTO, 2009, p.127,

O 3º Bispo de Sergipe, Dom José Vicente Távora<sup>40</sup>, que ficou conhecido como “O Bispo dos Operários”, deu continuidade pastoral às iniciativas de Dom Fernando:

Juntamente com Dom Helder, Dom José Vicente Távora fazia parte do grupo de bispos brasileiros que deram início a um empreendimento renovador da Igreja, que foi precursor do Concílio Vaticano II. Este grupo cresceu consideravelmente a partir de 1956, quando chegou ao Brasil o Núncio Dom Armando Lombardi, que adotou uma estratégia nova para a nomeação de bispos, renovando o episcopado nacional. Só eram indicados para bispos, sacerdotes que tivessem comprovadamente desenvolvido uma experiência pastoral renovadora. Durante o Concílio, constatava-se que, em comparação com os demais episcopados do mundo, o episcopado brasileiro era no seu conjunto um dos mais jovens e ansiosos por absorver e assimilar o que a Igreja no seu conjunto tinha de melhor na sua teologia e na sua encarnação pastoral. Em consequência, ao visitar nesses últimos quarenta anos muitos países de várias regiões do mundo, fiquei com a impressão que a Igreja no Brasil foi aquela que com maior rapidez, amplitude e profundidade implantou as grandes diretrizes conciliares. Dom Vicente Távora foi dentro do episcopado brasileiro um dos protagonistas da riqueza que o Concílio Vaticano II representou para a Igreja, sobretudo no posicionamento que ela amadurecidamente tomou frente aos governos militares (CARAMURU, 2010, p.41).

A sociedade sergipana reconhecia a posição e a ação da Igreja a favor das reformas de base, tanto para a classe operária urbana tanto quanto para a classe rural, quando defendia salários justos e batia-se em defesa da reforma agrária. Tais posicionamentos sofreram reações contrárias, tanto da sociedade civil como da religiosa. As acusações de “esquerdista” e “comunista” eram freqüentes contra tais bispos. O Bispo de Aracaju, Dom Távora, era conhecedor das tais

---

<sup>40</sup> Nasceu em Orobó, Pernambuco, no dia 19/07/1910. Aos 10 anos de idade entrou no Seminário Menor de Nazaré da Mata e depois no Maior de Olinda. Foi ordenado padre no dia 06/05/1934 aos 23 anos. Desde seminarista dedicou-se à causa operária. Como padre criou Escolas Operárias, à luz da Doutrina Social da Igreja, na Diocese de Nazaré da Mata, e realizou o I Congresso Operário de Pernambuco na cidade de Goiana em 1939. Nos início dos anos 40 foi convidado pelo Cardeal Leme a atuar na Capital Federal, Rio de Janeiro. Com Dom Helder, seu ‘Eu’, assumiu compromissos na dinâmica da Ação Católica e da JOC, como também com os excluídos da Capital e do Nordeste, sua terra natal. Foi nomeado Bispo de Aracaju no dia 30/11/1957 e tomou posse no dia 22/03/1958. Participou de todas as Sessões do Concílio Vaticano II fazendo parte do grupo “Igreja dos Pobres”. Reagiu publicamente à tentativa de golpe quando Jânio Quadros renunciou. Fundou a Rádio Cultura, o MEB - foi seu primeiro presidente. Foi preso por 30 dias em domicílio pelo regime militar de 64. Estimulou a organização dos estudantes na UNE. Estimulou a criação de comunidades missionárias de padres e freiras nas paróquias. Num clima de perseguição dos militares e vítima de delação entre os seus, morreu após o 3º enfarto, aos 59 anos de idade no dia 03/04/1970. Está sepultado na Catedral Metropolitana de Aracaju, em Sergipe.

reações, sofria, mas não se deixava intimidar, e publicava sua indignação diante das injustiças sociais que causavam o sofrimento humano:

A pior injustiça não é a que provoca as reações imediatas. A injustiça mortal, sobretudo no domínio social, é aquela que, de tão repetida, se tornou comum e, de tão comum, foi ficando normal aos olhos dos homens, como uma espécie da situação em que alguém foi destinado a nascer, viver e morrer. Essa impostura deve terminar (NASCIMENTO, 2009, p. 134).

Em carta direcionada ao presidente Jânio Quadros, Dom Távora relata a realidade do povo nordestino e convida-o a liberar recursos direcionados para a alfabetização no empreendimento do Movimento de Educação de Base, o que foi feito posteriormente:

Trata-se, Senhor Presidente, de enfrentar o espantoso problema que esmaga 20 milhões de brasileiros (a adultos e adolescentes), analfabetos, vítimas da ignorância, em tudo que diz respeito à Educação de Base e, mais, corroídos pela fome, ou subnutrição, quando não, pelas doenças endêmicas.

V. Excia. sabe que, sem exagero, esse é o quadro do nosso mundo rural e sub-proletário, em especial das áreas subdesenvolvidas no Brasil. Não podemos dizer que é insolúvel este problema. Também não podemos alinhá-lo fora de um critério de prioridade, porque seria desprezar o homem, a pessoa humana, num mundo em que o progresso material cresce a cada passo.

Diante dessas considerações, Senhor Presidente, o Episcopado Brasileiro, somando com outros setores da vida nacional, dos quais se destaca de maneira especial 'O Cruzeiro' - que já vinha preocupado com este problema e em cujo nome também falo - deseja lhe entregar esta bandeira de extraordinária grandeza humana, qual seja a de libertar esses milhões de irmãos nossos, de seus males, a partir dos males da ignorância num gesto equivalente a uma segunda abolição da escravatura (NASCIMENTO, 2009, p.149, citando A Cruzada, 31/12/1960).

Dom Távora usou de dois meios de comunicação existentes na Diocese, o jornal *A Cruzada* e a *Rádio Cultura de Sergipe* com o objetivo de prestar um serviço à libertação dos pobres da cidade e do campo através das escolas radiofônicas do MEB (Movimento de Educação de Base):

Vamos lançar uma Empresa de Divulgação e Cultura que tenha, entre outros objetivos, a finalidade imediata de editar um jornal diário e organizar uma emissora que se unam, pelo seu programa e pelas suas campanhas, aos outros órgãos de publicidade da terra, para lutarem juntos, cada vez mais, em plano alto, pelo nosso Bem Comum (NASCIMENTO, 2009, p. 143, citando o Manifesto aos Sergipanos. A Cruzada, 31/12/1960).

É neste contexto que a Diocese de Aracaju, ao completar 50 anos de existência foi promovida a sede Arquidiocesana, em 30 de abril de 1960, com a contemporânea nomeação de dois bispos para as novas dioceses sufragâneas:

[...] o Papa João XXIII, através da Bula *Ecclesiarum Omnium*, criou a Província Eclesiástica de Aracaju, desmembrando-a da Província Eclesiástica de Maceió, Alagoas. Elevou a capital de Sergipe, Aracaju, a sede Arquiepiscopal, tendo Dom Távora como seu primeiro Arcebispo e administrador das duas dioceses recém-criadas, Propriá e Estância. A Diocese de Propriá, localizada ao norte do Estado, recebeu a notícia da nomeação do Pe. José Brandão de Castro, missionário redentorista, mineiro, Vigário da Paróquia de São José em Belo Horizonte, Minas Gerais, como seu primeiro bispo. E a Diocese de Estância, localizada ao sul do Estado, foi informada da nomeação de Mons. Francisco de Assis Portela, Vigário da Paróquia de Maranguape, Ceará, que renunciou ao episcopado antes de ser sagrado (NASCIMENTO, 2009, p. 83-84; para a Bula, vide Anexo B).

Para Dom Távora a chegada de mais dois bispos era importante porque se abria

[...] uma perspectiva religiosa e social nova imensa para nosso estado. Em vez de um, são três bispos unidos pelo mesmo ideal de pastores, que vamos trabalhar pelo progresso cristão de nossa terra. Daí a razão pela qual se propaga a estas horas uma grande alegria na alma de nossa gente (NASCIMENTO, 2009, pág. 84, citando o jornal 'A Cruzada', 09/07/1960).

O processo de criação da Província Eclesiástica se deu a partir de várias visitas às cidades de Propriá e Estância, durante as quais reunia-se o povo e as autoridades políticas locais a fim de averiguar se os requisitos básicos para a instalação da nova diocese tinham sido cumpridos: catedral<sup>41</sup>, residência episcopal<sup>42</sup>, e seminário<sup>43</sup>. E isto custava muito. O povo, na maioria pobre, não tinha

<sup>41</sup> Sobre a Catedral e a Residência Episcopal de Estância: O Jornal *FOLHA DA REGIÃO*, 05 a 10/18/2010, pág. 04, citando o jornal *A ESTÂNCIA*, de 14/06/1959, número 2.254, registrou que "O deputado Pedro Soares apresentou ao legislativo um projeto de Lei autorizando o auxílio de Cr\$ 100.000,00 para obras da Matriz... Com a criação da futura Diocese, a nossa Matriz será elevada à categoria de Catedral da mesma Diocese". O mesmo jornal datado de 28/06/59, n. 2.256: "A AQUISIÇÃO DA SEDE EPISCOPAL: Na penúltima quinta-feira, 18 do corrente, no Seminário Diocesano de Aracaju foi assinada a compra e venda do imóvel e terrenos anexos, avaliados em um milhão de cruzeiros, onde se instalará a residência Episcopal e sede da futura Diocese de Estância... O referido pertencia ao casal Teodomiro Andrade e D. Alice Andrade. Ao ato estiveram presentes o Diocesano de Aracaju Dom José Vicente Távora e mais o Cônego José P. de Santiago, Vigário desta Paróquia, Sr. Pedro Barreto Siqueira, Prefeito deste município. Drs. Belmiro da Silveira Góis e Carlos Gomes Leite, respectivamente Juiz de Direito e Promotor Público da Comarca Srs. Domingo Alves da Silva, Presidente da Associação Comercial desta cidade, industriário Sr. Constâncio Vieira e prof. Oscar Fontes de Farias".

<sup>42</sup> Sobre a Residência Episcopal de Aracaju: "Lei n. 76 de 12 de janeiro de 1958 - Dep. Celso de Carvalho - concretizada no dia 15/10/1960, um dia após a instalação da Arquidiocese de Aracaju,

condições. O poder público entrava com a maior parte da soma em dinheiro, seguindo pelos comerciantes e fazendeiros, e a massa dos pobres com a “moedinha da viúva”.

No final de abril e começo de maio de 1958, Dom Távora, recém-chegado a Sergipe, visitou a cidade de Propriá para conhecer as iniciativas já providenciadas pelo Monsenhor José Soares a fim de constar no relatório a ser enviado à Nunciatura Apostólica com objetivo de criar a futura Diocese de Propriá. Esteve reunido com vários representantes da sociedade para ouvir relatos da comunidade. Depois, já em Aracaju, deu uma entrevista a respeito das impressões que teve da cidade:

Tenho a impressão de que todos os problemas em torno da criação da nova Diocese de Propriá estão equacionados. Em torno do Mons. José Soares, com seu dinamismo e grande influência, se congregam os elementos do maior prestígio naquela próspera região sergipana e me asseguraram a decisão de trabalhar, decisivamente, para a efetivação do esquema traçado para a preparação do patrimônio do Bispado, da residência do Bispo<sup>44</sup> e da instalação da Diocese. Grande parte do trabalho já está feito e posso, em julho, enviar à Nunciatura Apostólica o relatório definitivo sobre o assunto. Regressei com a melhor impressão de Propriá, de sua vida espiritual e do seu povo. Especialmente apreciei o esforço gigantesco do Mons. Soares, em torno do Ginásio Diocesano e da preparação de tudo o que possa concorrer para a efetivação do plano de criação da Diocese de Propriá (A Cruzada, 03/05/1958, p. 1).

---

tendo Dom Távora como seu primeiro Arcebispo (NASCIMENTO, 2008, p. 55, rodapé 31 citando A Cruzada, 22/10/1960)”.

<sup>43</sup> Sobre a Residência Seminário de Propriá: Houve a abertura no dia 18/03/1961, com a entronização da imagem de São Geraldo e acolheu 21 alunos 10 seminaristas que desde o 1º de março estudavam no Ginásio Diocesano, e 11 pré-seminaristas. O Padre José Amaral de Oliveira, pároco de N. S. da Glória foi o primeiro Reitor por somente 6 meses, depois o próprio bispo assumiu a Reitoria. As Irmãs Franciscanas do Hospital São Vicente assumiram a cozinha: Irmã Urânia, Eufrosia e depois a Maria Carlota (A Defesa, 21/09/1961, 3ª e 4ª páginas). Havia também 19 seminaristas fora da diocese: 17 no Sem. Arquidiocesano de Aracaju, um no de Maceió e outro em Lovânia, na Bélgica. (A Defesa, 30/11/1961 e 1º/04/1962, p. 1)

<sup>44</sup> A Residência do Bispo pertencia ao casal José Maria Tavares casado com uma irmã de Dom Antonio Cabral. A casa foi construída em terreno foreiro pertencente ao casal Dr. Herval Berenguer de Brito e D. Julieta Bartholo de Brito. (A Defesa, 15/08/1978, p. 2).

## 2.2. À nomeação de Dom José Brandão de Castro

Quando o mineiro Pe. José Brandão de Castro, missionário redentorista, vigário da Paróquia de São José, em Belo Horizonte, Minas Gerais, soube de sua nomeação para ser o primeiro Bispo de Propriá, pelo Papa João XXIII declarou:

Recebo esta nomeação verdadeiramente confundido perante a escolha do Santo Padre. Nem de longe podia imaginar que algum dia fosse alvo de designação tão importante. Se eu tivesse que contar apenas com minhas forças e recursos humanos, não teria coragem de arcar com a responsabilidade do episcopado. Creio sinceramente que é Deus quem dirige os nossos destinos de maneira que me entrego nas mãos da Sua Divina Providência, na certeza de que Ele suprirá todas as minhas falhas. Conto com as orações dos meus caros paroquianos e de todos os meus conhecidos, para poder realizar tudo aquilo que Deus deseja seja por meu intermédio realizado. Quanto ao meu programa de ação, parece-me que ele já se acha suficientemente traçado no Código do Direito Canônico, livro segundo, título 8º, parte que trata dos Bispos e de suas obrigações. O que terei de fazer, tomando isso como base, é o que chamamos de planejamento. Este, entretanto, a meu ver só poderá arquitetado 'in loco', examinando todas as circunstâncias". (A Cruzada, 16/06/1960, p. 1).

O Padre José Brandão escolheu como lema "CLARIFICETUR NOMEN CHRISTI" – Para que o nome de Cristo seja Glorificado", da II Tessalonicences 2,1, e foi sagrado Bispo na Igreja Matriz da Paróquia de São José, em Belo Horizonte, no dia 21 de setembro de 1960, pelo Núncio Apostólico Dom Armando Lombardi. Dom José Vicente Távora, Arcebispo de Aracaju, foi um dos consagrantes. Uma comissão da recém-criada Diocese de Propriá, coordenada pelo prefeito João Caldas e os deputados Wolney Melo e Viana de Assis, se fez presente.

A instalação da Diocese de Propriá aconteceu na tarde do dia 16 de outubro de 1960, um dia de domingo, por volta das cinco e meia da tarde.

Dom José Brandão e a comitiva foram recebidos em clima de festa pela multidão na Praça do Chafariz. A comitiva era formada, além de Dom José Brandão de Castro, pelo Núncio Apostólico Dom Armando Lombardi, pelo Governador do Estado, Dr. Luiz Garcia, pelo deputado Antonio Torres Junior, Presidente da Assembléia Legislativa, pelo Desembargador João Bosco de Andrade Lima, Presidente do Tribunal de Justiça, por Dom José Vicente Távora, Arcebispo Metropolitano de Aracaju, por Dom Fernando Gomes, Arcebispo de Goiânia e o pelo

Bispo de Penedo, Dom José Terceiro. Depois todos seguiram em procissão até a Catedral de Propriá, onde o Núncio leu a comunicação oficial sobre a criação da Diocese e a nomeação de Dom Brandão.

A cerimônia, registrada em Ata (Anexo D), constou da leitura da Bula Papal, em latim, e a sua tradução em português e dos Decretos da Nunciatura dando execução às determinações da Cúria Romana (para o texto em latim da Bula e sua tradução, vide Anexo B). Depois o deputado Viana de Assis saudou o bispo em nome do prefeito e do povo de Propriá.

Por fim, Dom Brandão saudou seus diocesanos. Por volta das 10 horas da noite o prefeito ofereceu um banquete para as autoridades no “12 Tênis Clube” de Propriá.

A instalação da Província Eclesiástica de Sergipe se deu no ano em que Jânio Quadros foi eleito Presidente da República, e no período em que a Igreja Católica, em nível mundial, vivia as expectativas da realização do Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII no dia 25 de janeiro de 1959, para responder pastoralmente aos desafios da modernidade.

### 3. DAS MINAS GERAIS PARA SERGIPE: Diocese de Propriá, Igreja em missão no baixo São Francisco

O bispo e missionário redentorista Dom José Brandão de Castro nasceu no município mineiro de Rio Espera, Minas Gerais, no dia 24 de maio de 1919. Ele, mais seis irmãos<sup>45</sup>, eram filhos do casal César Augusto de Oliveira Castro<sup>46</sup> e dona Maria Afonso Brandão de Castro<sup>47</sup>. Foi batizado pelo Cônego Agostinho Rezende da Assunção e recebeu a primeira comunhão com o Cônego Galdino Malta:

[...] Meu pai era Coletor Federal. Nem meu pai, nem minha mãe eram formados, mas liam muito. Livros e jornais, bem como as revistas mais importantes da época, não faltavam em nossa casa. Éramos sete irmãos e formávamos uma família realmente unida, mas sempre aberta para os outros. Ser cristão sempre foi para a nossa família interessar-se pelos problemas do próximo. Rezávamos em comum todos os dias, e, freqüentemente, à noite, à luz de um lampião de querosene, discutíamos sobre assuntos religiosos, políticos e sociais. Tudo muito naturalmente, muito informal, num debate em que até os menores podiam perguntar e dar a sua opinião. Minha vocação de ser padre foi espontânea. Em momento algum fui compelido a isso por quem quer que fosse [...]<sup>48</sup>.

Era uma família de classe média, pois o salário de 'coletor federal' possibilitava a aquisição de 'livros e jornais' e as 'revistas mais importantes da época'. A espontaneidade da vocação, não foi tão espontânea quanto parece, visto que sua família já tinha uma vida religiosa católica comprometida através da Sociedade Vicentina, de forte compromisso com os pobres e com a Igreja: segundo Dalton (2000, p. 92), o pai e os dois irmãos eram vicentinos e as três irmãs se tornaram freiras vicentinas.

---

<sup>45</sup> Irmãos de Dom José Brandão: Antonio, Alice, Divino, Ir. Vicência, Ir. Zoé e Ir. Maria de Santo Afonso de Ligório. (A Defesa, 15/01/61, p.1). Em 1973 aparecem os nomes civis das religiosas: Maria de Lourdes, Edith e Irene (A Defesa, 22/09/73, p. 1). Ver em anexo Foto 3

<sup>46</sup> Falecido no dia 24/12/64, em Rio Espera, Minas Gerais. (A Defesa, 15/01/65, p. 1).

<sup>47</sup> Falecida no dia 24/07/58, em Rio Espera, Minas Gerais. (A Defesa, 15/08/64, p. 3).

<sup>48</sup> Revista PERFIS REDENTORISTAS N° 13, Província do Rio, Minas Gerais e Espírito Santo, Juiz de Fora, novembro de 2000, p. 35



(Acervo da Cúria Diocesana de Propriá)

Aos 13 anos de idade entrou no Seminário de Mariana (1932-35), coordenado pelos Padres Lazaristas, onde estudou o curso ginasial. Depois optou pelos Missionários da Congregação do Santíssimo Redentor, os Redentoristas, sendo enviado para o Juvenato São Clemente Maria, em Congonhas (1936-37), onde estudou o ensino médio. Foi admitido no noviciado na Igreja da Glória em Juiz de Fora (1938). Em seguida foi fazer os estudos filosóficos e teológicos no Seminário Maior em Tietê, São Paulo (1939-44) e ainda, em 1939, emitiu os primeiros votos. Foi ordenado sacerdote na Igreja da Penha, São Paulo, no dia 06 de janeiro de 1944, por Dom José Carlos de Aguirre, Bispo de Sorocaba.

No ano sucessivo, 1945, foi nomeado Diretor e Redator-Chefe da Revista [Santuário] São Geraldo, “com uma tiragem de 30 mil exemplares”, função que exerceu até 1968, já em Propriá como Bispo. Era escritor, poeta e tradutor. Publicou uma biografia sobre a vida de São Geraldo Magela<sup>49</sup>, coletâneas de poesias<sup>50</sup> e

<sup>49</sup> DE CASTRO, José Brandão. **Vida de São Geraldo Majela**. Aparecida: Editora Santuário Aparecida, 1977, 151 p.

<sup>50</sup> DE CASTRO, José Brandão. **Deus na Minha Vida**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Lince Ltda, 1993, 80 p.

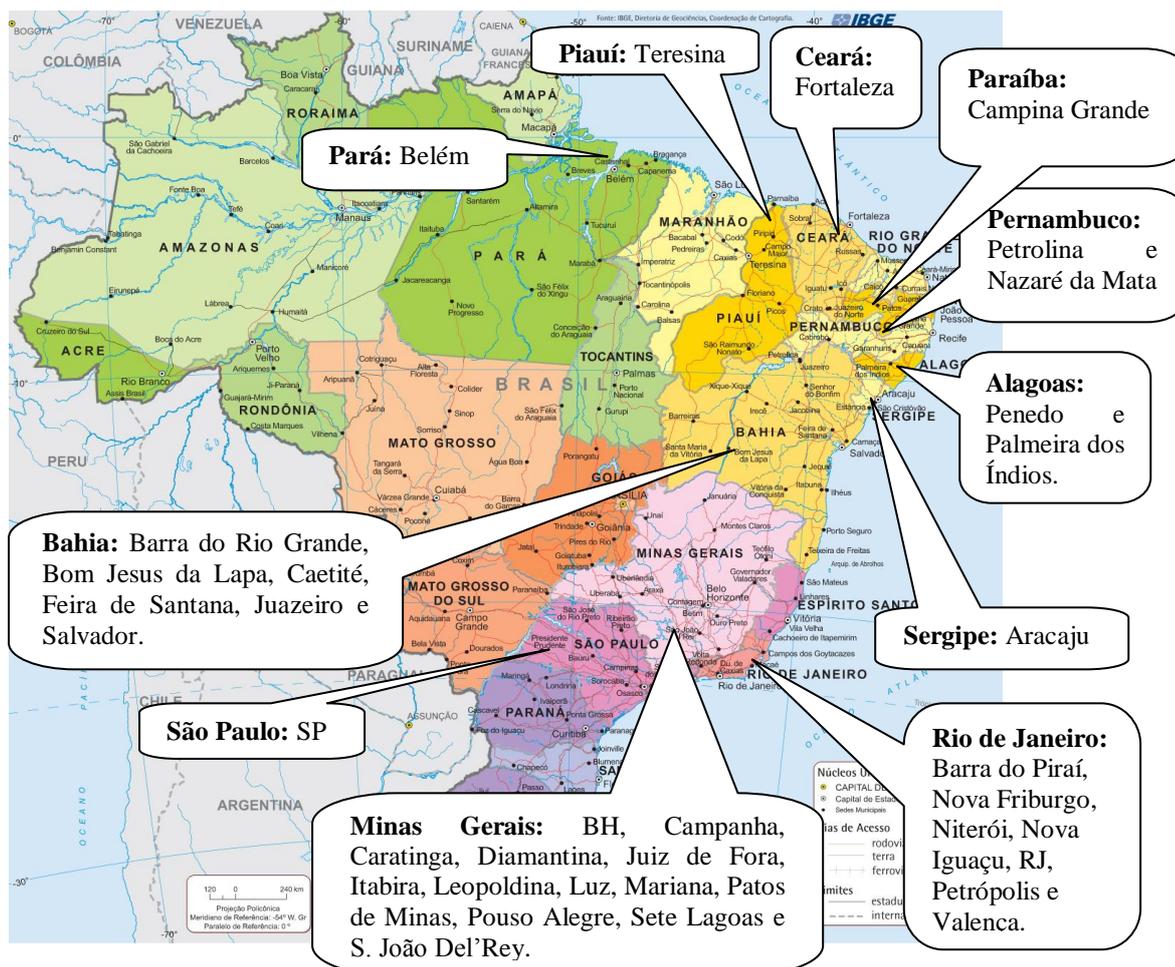
compôs hinos<sup>51</sup> que ainda hoje são cantados pelos diocesanos. Em Curvelo, Minas Gerais, atuou como auxiliar no Santuário São Geraldo, e professor de Religião de todos os cursos do Ginásio Padre Curvelo. Em 1946, depois de fazer o segundo noviciado<sup>52</sup>, foi transferido a Belo Horizonte,

[...] deu início à sua carreira de missionário e pregou missões e outros exercícios em centenas de cidades, vilas e povoados das seguintes Arquidioceses ou dioceses: Diamantina, Luz, Mariana, Belo Horizonte, Patos de Minas, Pouso Alegre, Juiz de Fora, Leopoldina, Campanha, Caratinga, Itabira, São João del-Rei, Sete Lagoas (MG); Rio de Janeiro, Niterói, Valença, Barra do Piraí, Petrópolis, Nova Iguaçu, Nova Friburgo (RJ); São Paulo (SP); Bom Jesus da Lapa, Barra do Rio Grande, Juazeiro, Caetité, Feira de Santana, Salvador, onde trabalhou também na Basílica do Senhor do Bonfim (BA); Aracaju (SE); Penedo e Palmeira dos Índios (AL); Petrolina e Nazaré da Mata (PE); Campina Grande (PB); Fortaleza (CE); Teresina (PI); Belém (PA). (A Defesa, 18, 19 e 10/10/68, p. 1 e 16.10.75, p.1)

---

<sup>51</sup> Entre outros, os mais conhecidos e cantados são “Eu quero a Terra” (A Defesa, 12/08/76, p. 3) e o “Hino à Padroeira da Diocese de Propriá” (A Defesa, 30/06/63, p. 1)

<sup>52</sup> Conforme as Constituições e Regras da Congregação dos Redentoristas publicadas em 1936, portanto válidas desde que Dom José Brandão entrou na Congregação até o Capítulo Geral de 1967 a 1969, o Segundo Noviciado, que durava seis meses servia para preparar os jovens sacerdotes para o ofício de missionário. Durante esse tempo estudava Eloquência Sacra e elaborava os esquemas de suas futuras pregações e catequese. (§ VI. *De studiis*. II *De secundo Novitiatu*. *Constitutio*. *De hac matéria*, p. 559-560).



Em 1948, foi transferido para Juiz de Fora. No período de 1953-58 assumiu o cargo de Superior e Vigário da Paróquia São Sebastião em Coronel Fabriciano. No período, foi também professor de Religião no Colégio Angélica, das Irmãs Carmelitas. Em seguida, nomeado pregador de retiros, transferiu-se para a Casa de Retiro São José, em Belo Horizonte. Em 1959, foi nomeado Reitor da comunidade dos Padres Redentoristas<sup>53</sup> de Belo Horizonte, e Vigário da Paróquia de São José<sup>54</sup>, localizada no centro da capital mineira. Dali, no início da década de 60, transferiu-se para recém criada Diocese de Propriá<sup>55</sup>, da qual foi nomeado o primeiro bispo, em 02 de julho de 1960 (vide Anexo C: Bula de Nomeação).

<sup>53</sup> Era o Superior da fraternidade dos padres redentoristas residentes em Coronel Fabriciano e Vigário da Paróquia sob a responsabilidade deles.

<sup>54</sup> Vigário, não Pároco, por ser uma paróquia confiada a uma Congregação Religiosa. O Vigário exercia seu múnus em nome de todos os seus confrades.

<sup>55</sup> Dados Biográficos: Revista PERFIS REDENTORISTAS N° 13. Província do Rio, Minas Gerais e Espírito Santo, Juiz de Fora, novembro de 2000, p. 35 e "A DEFESA", 18, 19 e 20/10/68, Edição Especial, p. 1.



Foto Oficial (Acervo da Cúria Diocesana de Propriá)

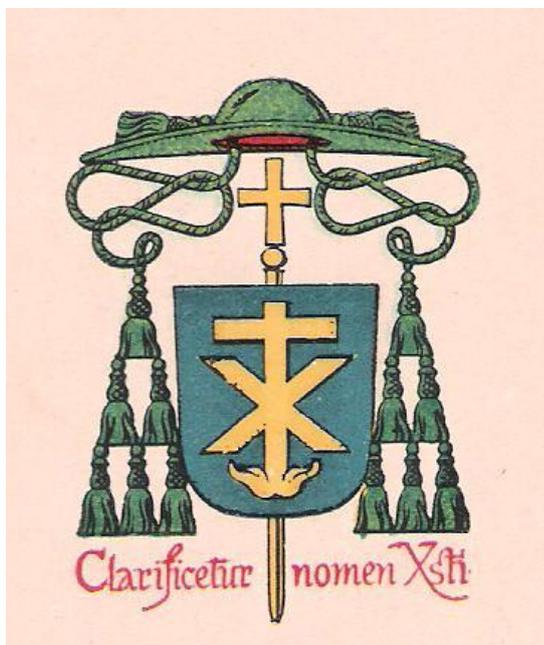
Há fortes indícios de que foi Dom Antonio dos Santos Cabral, primeiro Arcebispo Metropolitano de Belo Horizonte<sup>56</sup>, filho de Propriá, sede da Diocese para a qual Dom José Brandão fora nomeado, quem indicou o amigo Redentorista ao Núncio Apostólico, Dom Armando Lombardi, para que fosse nomeado bispo de sua terra natal. O próprio Dom José Brandão sugere isto na sua primeira carta pastoral publicada no dia de sua posse:

Admiráveis os caminhos de Deus. Um dia, criada a Arquidiocese de Belo Horizonte, a Providência divina foi buscar na cidade de Propriá, o seu primeiro Bispo, na pessoa de D. Antonio dos Santos Cabral.

---

<sup>56</sup> Nasceu no dia 08 de outubro de 1884, em Propriá (SE), onde iniciou seus estudos, depois foi para a cidade de Penedo (AL) e mais tarde matriculou-se no Seminário de Santa Teresa, em Salvador (BA). Sua ordenação sacerdotal deu-se em 1º de novembro de 1907. Regressou a Propriá, onde ficou como coadjutor do cônego Rosa. Permaneceu nesse posto de 1907 a 1912. Foi promovido a pároco em 05 de março de 1912, onde ficou até abril de 1918. Depois, Dom Cabral foi nomeado cônego capitular da Sé de Aracaju e recebeu do Papa em janeiro de 1914 o título de monsenhor. Dom Cabral rejeitou duas vezes, o convite para ser bispo, o primeiro em abril de 1916 e depois em junho de 1917. No dia 1º de outubro de 1917 foi publicada a bula do Sumo Pontífice Bento XV que o nomeou bispo de Natal. A Sagração de Dom Cabral deu-se na Catedral Metropolitana, em 14 de abril de 1918. Foi transferido para a diocese de Belo Horizonte, tomou posse no dia 30 de abril de 1922. Em 1957 começou a ter problemas de saúde e morreu em 1967, aos 80 anos de idade. Ver mais detalhes no site <http://www.arquidiocesebh.org.br>.

Agora, foi ela procurar em Belo Horizonte o primeiro Bispo para Propriá. Ao grande Arcebispo, a cujo lado trabalhamos alguns anos, o preito de nossa veneração, e um pedido para que nos abençoe e ore por nossa intenção, a fim de que possamos realizar, em sua terra natal, ao menos a metade do que ele realizou na sua arquidiocese<sup>57</sup>.



Acervo da Cúria Diocesana de Propriá

Durante o banquete oferecido pela prefeitura municipal de Propriá à comitiva que compareceu à posse de Dom José Brandão, na sede social do “12 Tênis Clube” de Propriá, o Monsenhor José Soares, pároco local, também fez recordação do Arcebispo de Belo Horizonte, dizendo que

“Propriá o recebe não somente com espírito de fé e amor, mas com santa ufania e comoção. Temos a impressão de que o grande Estado Montanhês - Minas Gerais - está pagando uma dívida preciosa nos restituindo, na pessoa de V. Excia. o ilustre filho e vigário querido, que foi o primeiro Bispo e hoje ainda é o Arcebispo de Belo Horizonte, D. Antonio Cabral”<sup>58</sup>.

Ordinariamente, conforme o Código de Direito Canônico hoje em vigor<sup>59</sup>, as indicações ao episcopado deveriam ser feitas a cada 3 anos pelos bispos de uma

<sup>57</sup> Carta Pastoral de Saudação de D. José B. de Castro, 1960, pág 16. Belo Horizonte: Tipografia Marília.

<sup>58</sup> A Defesa, 22/10/60, p. 5 e 6.

<sup>59</sup> Cân 377. § 2. Pelo menos a cada três anos, os Bispos de uma província eclesiástica ou, onde as circunstâncias o aconselhem, os Bispos de uma conferência de Bispos, por meio de consulta comum e secreta, façam uma lista de presbíteros, também dos que são membros de institutos de vida consagrada, mais aptos para o episcopado, e a enviem à Sé Apostólica, mantendo-se o direito de

determinada Província Eclesiástica, ou mesmo pela Conferência episcopal. Ato nem sempre respeitado pela Cúria Romana que, quando lhe convém, “atropela” estes direitos em várias partes do mundo (BEOZZO, 1983, p. 279-189). No caso de Dom José Brandão, é possível que tenha havido uma estreita relação entre vários bispos nordestinos: entre Dom Antonio Cabral, nordestino e propriense, Arcebispo de Belo Horizonte(MG), reconhecendo no Pároco da Paróquia São José de sua Arquidiocese, um missionário sensível à realidade nordestina, por onde atuou em várias missões; com Dom Távora, Bispo de Aracajú, e Dom Helder Câmara, o então Secretário Geral da CNBB e influente nas escolhas dos bispos da época, junto ao Núncio Apostólico, Dom Armando Lombardi<sup>60</sup>.

### 3.1. Contexto da Diocese de Propriá

O Código de Direito Canônico, promulgado por João Paulo II em 1983, define uma diocese como

porção do Povo de Deus confiada ao pastoreio do Bispo com a cooperação do presbitério, de modo tal que, unindo-se ela a seu pastor e, pelo Evangelho e pela Eucaristia, reunida por ele no Espírito Santo, constitua uma Igreja particular, na qual está verdadeiramente presente e operante a Igreja de Cristo una, santa, católica e apostólica (Can. 369).

Já no antigo código promulgado em 1917, pelo papa Bento XV, a noção de diocese estava ligada à existência de uma área geográfica definida, passível de sustentar-se com autonomia<sup>61</sup>. A criação de dioceses, no antigo código, exigia a

---

cada Bispo apresentar à Sé Apostólica os nomes de presbíteros que julgar dignos e idôneos para o múnus episcopal. § 3. Salvo legítima determinação em contrário, sempre que deva ser nomeado um Bispo diocesano ou Bispo coadjutor, compete ao Legado pontifício, para formar os chamados ternos, fazer indagações individualmente, e comunicar à Sé Apostólica, junto com seu voto, o que sugerirem o Metropolita e os Sufragâneos da província, à qual pertence a Conferência dos Bispos; além disso, o Legado pontifício ouça alguns membros do colégio dos consultores e do cabido da catedral; se julgar oportuno, indague, individualmente e em segredo, também a opinião de outros, de ambos os cleros, e também de leigos eminentes em sabedoria. (Código de Direito Canônico. Totus Tuss. Brasília: Edições Loyola, 1983, p.179)

<sup>60</sup> Sobre a provável influência de Dom Helder, vide MARQUES, 2011, p.

<sup>61</sup> O Código de 1917 tratava a questão das dioceses nos seguintes cânones: “quid hoc nomine veniat iure, 215 § 2; eius constitutio, circumscripção, divisio, unio, supressio, 215 § I, 248 § 2; 255, 260; eius territorium in parochias est dividendum, 216, et in regiones quoque ac districtus, qui vocantur, vicariatus foranel, archipresbyteratus, etc. 217; eius regimen sede plena, 335, 336 § I, 391 § I, 427. sede vacante vel impedita, 391 § I, 427, 429, 431; forum, 1557 § 2 n. 2”. (Codex Iuris Canonici, Benedicti papae XV, Typis Polyglottis Vaticanis, MCMXXXVI, p. 803).

constituição prévia de um patrimônio que pudesse sustentar o bispo e o seu clero. Ainda não estão abertos, no Arquivo Secreto do Vaticano, as pastas de documentos referentes à divisão da Diocese de Aracaju, com sua elevação a sede metropolitana e a criação das dioceses sufragâneas, Propriá e Estância. Assim, não sabemos exatamente, os critérios seguidos para a definição dos respectivos limites territoriais. Corre a voz entre os mais velhos que não foi uma decisão pacífica e que “toda a pobreza ficou na diocese de Propriá<sup>62</sup>”.

Fato está que a parte geográfica do Estado de Sergipe<sup>63</sup> que coube à Diocese de Propriá é, ainda hoje, a mais pobre<sup>64</sup>. Localizada ao norte do Estado, com a extensão 8.597 km<sup>2</sup>, correspondendo a toda a Bacia Hidrográfica do Baixo São Francisco, tendo os seguintes limites: ao norte, o rio São Francisco e o Estado de Alagoas (Dioceses de Palmeira dos Índios e Penedo); ao sul, com a Arquidiocese de Aracaju; ao leste, o oceano Atlântico, e ao oeste o Estado da Bahia (Diocese de Paulo Afonso). Na época contava com aproximados 180 mil habitantes para 21 municípios, cuja maioria se localizava na região do polígono da seca.

Havia 12 paróquias, servidas por um clero escasso, idoso e doente<sup>65</sup>:

Conhecendo de fora a fora a Diocese instalada canonicamente a 16 de outubro do ano passado, estou convencido de que espiritualmente é das mais necessitadas do Brasil. Temos doze sacerdotes apenas, dos quais dois estão enfermos, há vários anos, e impossibilitados até de celebrar a santa missa. Mais outros quatro se encontram também muito doentes, mas assim mesmo ainda conseguem dar assistência aos fiéis. Estes, porém na Diocese, são em número de cerca de 180.000, espalhados por uma área que abrange em extensão toda a região norte de Sergipe (Carta de Dom José Brandão ao Pe. Lourenço van Sonsbeek, C.SS.R, 18/08/1961).

Segundo as fontes que pudemos comparar, Dom José, na verdade, podia contar com Mons. Afonso Medeiros Chaves coadjuvado por Pe. Darci de Souza Leite, para Propriá e Canhoba; com Pe. Manuel Guimarães, para Cedro de S. João

<sup>62</sup> O município mais rico da região era o de Capela, produtor de cana de açúcar, que geograficamente está mais próximo a Propriá do que da Metrópole Arquidiocesana, Aracaju, a qual ficou pertencendo.

<sup>63</sup> O Estado de Sergipe está localizado na região do Nordeste brasileiro e tem um território de 22.050,4 km<sup>2</sup>, limitando-se ao Norte com o Estado de Alagoas, ao Sul e ao Oeste com o da Bahia, e ao Leste com o Oceano Atlântico. Etiologia: Siri-i-pe: em tupi, siri é “caranguejo”, i é “água”, pé significa “caminho” ou “curso” = curso do rio dos siris, ou simplesmente rio dos siris. Na linguagem do colonizador, Siri-i-pe transformou-se em Sergipe. História de Sergipe: <http://www.guiadeitabaiana.com.br>, acessado no dia 14/12/10, às 6h33.

<sup>64</sup> O Baixo São Francisco tem saído nas manchetes dos jornais locais como o Haiti sergipano.

<sup>65</sup> A Defesa, 16/10/1961, p. 1 e 3.



forma de vivência da fé católica, dentro dos parâmetros estabelecidos pelo Concílio de Trento, com ênfase na doutrina católica, na vida ascética e na prática sacramental. O bom católico, segundo o modelo romano, era aquele que tinha conhecimento das verdades da fé, seguia os preceitos morais estabelecidos pela Igreja e recebia com frequência os sacramentos da confissão e da comunhão. (AZZI, 2008, p. 381).

No entanto, devemos considerar que, pelo fato de a estrutura clerical ser escassa, predominava na maior parte da diocese a religiosidade popular: novenas, procissões, ofícios de N. Senhora, reza do rosário, ofício das almas, entendida esta conforme João Fagundes Hauck:

[...] a religião do povo brasileiro brotava de três raízes: a herança das crenças medievais em que o sagrado e o misterioso apareciam em todas as atividades do dia-a-dia e que recebeu farta contribuição das culturas indígena e africana, criando uma prática religiosa que ocupava lugar de destaque na vida familiar, ou passava de pessoa a pessoa, numa troca de experiências do poder maravilhoso de certas orações, devoções e benzeções. Religiosidade ontocrática, que buscava intermediários bem próximos e sensíveis para o relacionamento com o sobrenatural, o divino, sentido como facilmente acessível; servia-se de imagens, fitas, medalhas, rosários, bentinhos, patuás, benzeções. Convivia com a misteriosa presença de almas do outro mundo, num misto respeito, piedade e medo; protegia-se com rituais que garantiam proteção contra doenças, animais peçonhentos, mau-olhado, quebranto, feitiço. Contra inimigos havia orações bravas, em bentinhos e patuás, ou pregadas atrás das portas da casa. (HAUCK, 1985, p.112).

Entre as associações religiosas que foram substituindo as antigas irmandades, a do Apostolado da Oração<sup>68</sup> era a que mais estava enraizada em toda Diocese. Seus participantes assumiam as celebrações devocionais nas Igrejas matrizes e capelas, cabendo ao padre somente a celebração das missas e dos sacramentos. Havia também os grupos da Pia União das Filhas de Maria<sup>69</sup>, da Congregação Mariana<sup>70</sup> e um grupo de Adoração Contínua, em Propriá<sup>71</sup>.

<sup>68</sup> “O culto ao Sagrado Coração de Jesus foi divulgado em Sergipe com a criação da Diocese de Aracaju, através do 1º Bispo Dom José Thomaz Gomes da Silva. Num primeiro momento D. José consagrou toda a circunscrição eclesiástica à devoção do Coração de Jesus em março de 1912. Em seguida, as paróquias foram gradativamente consagradas, obedecendo as prescrições diocesanas”. (ANDRADE, 2010, p. 154).

<sup>69</sup> “Antes da criação da Diocese [de Aracaju] havia apenas uma filial da Pia União em Sergipe, localizada em Propriá, instalada pelo Mons. Antonio dos Santos Cabral. (ANDRADE, 2010, p. 141), fundada no dia 15/08/1908 (A Defesa, 14/08/48, p. 2).

<sup>70</sup> No dia 13/06/1932, foi fundado o jornal ‘A DEFESA. Órgão da Ação Católica da Congregação Mariana – PER TUA SEMITAS DUC NOS – Publica-se aos 2º e 4º sábados’, pelo Cônego Lauro de Souza. É corrente entre os congregados de Propriá que foi o mesmo cônego que fundou a Congregação Mariana, porém numa data posterior a do jornal: 08.12.1938.

Vários santos faziam, e ainda hoje o fazem, parte das devoções populares predominantes na região: São Sebastião (20/01); São Benedito, em Japarutuba, na região da praia; Gloriosa Santa Cruz, principalmente nas comunidades onde predomina a raça negra (03/05 – Brejo Grande, Brejão dos Negros, Lagoa de Campinhos, Mocambo e Serra da Guia); São José (19/03) para que chovesse no seu dia a fim de se ter um bom inverno e, conseqüentemente, uma boa roça e muito milho para as festas de São João e de São Pedro (24/06 e 29/6); Santo Antonio, dia 13/06; Santa Luzia, até hoje é dia santo na região da praia - para pedir proteção das vistas e contra o mal olhado (13/12); Santa Quitéria (em Alagoas); a Nossa Senhora da Conceição (várias paróquias e capelas); em Propriá havia a devoção a Nossa Senhora do Rosário, que depois do “Breve Apostólico” do Papa João XXII, a mesma Igreja recebeu outra imagem, a de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, que se tornou a Padroeira da Diocese<sup>72</sup>; O Padre Cícero Romão Batista, ainda não canonizado, além da devoção, já se fazia romarias ao Juazeiro do Norte; frei Damião de Bozano, missionário Capuchinho, que ainda estava na ativa pelo nordeste e que para muitos era a encarnação do Pe. Cícero; e a festa do Bom Jesus dos Navegantes que estava em plena expansão em toda a margem do Rio São Francisco.

As festas dos padroeiros eram concorridas, visto que além de serem momentos de reencontro com amigos e familiares, das disputas entre os donos das noites de novena para ver quem arrecadava mais dinheiro e soltava mais fogos, eram também momentos para pedir os sacramentos. Enfim, a fé e a devoção do povo revelavam o como era grande a riqueza da religiosidade popular na região.

Na chegada de Dom Brandão a maioria das comunidades indígenas, que à época da colonização vivia às margens do rio São Francisco já haviam sido

---

<sup>71</sup> Fundado no dia 15/08/1927, no paróquia de Monsenhor Floduardo. (A Defesa, 15/08/77, p. 4).

<sup>72</sup> No dia 08/12/1962, durante o Concílio Vaticano II, Dom José Brandão fez um pedido ao Prefeito da Sagrada Congregação dos Ritos, Cardeal Arcádio Larraona, para que N. S. do Rosário de Fátima fosse declarada a Padroeira da Diocese de Propriá. No dia 12 seguinte, o Papa João XXIII, através de um “Breve Apostólico”, vide Anexo G, traduzido do latim, proclamou N. S. do Rosário de Fátima a Principal Padroeira da Diocese de Propriá. (A Defesa, 31/08/1963 p. 2 e 31/01/1963, p. 2.). A data celebrada passou do dia 13 de outubro para o dia 13 de maio para ficar em sintonia com Fátima em Portugal. No dia 08/09/63, dia do aniversário de nascimento de Maria, a Mãe de Jesus, houve festa para celebrar a re-inauguração da Igreja de N. S. do Rosário de Fátima e re-introduzir, oficialmente, a imagem – que chegou no dia 15/08/1956 com Monsenhor José Curvelo Soares (A Defesa, 31/08/1963, p. 4. e A Defesa, 15/09/1963, p. 4). Vide in Anexo A, a declaração da bênção da imagem, assinada pelo reitor do santuário de Fátima, Portugal.

dizimadas<sup>73</sup>. Na época republicana, sobraram apenas dois povos, remanescentes dos extintos Aldeamentos de Água Azeda (ou Nossa Senhora da Fé, em São Cristóvão, Arquidiocese de Aracaju) e do Povo Xokó na Fazenda Caiçara (Ilha de São Pedro, município de Porto da Folha), na Diocese de Propriá<sup>74</sup>, que entraram no século XX tentando assegurar as suas terras<sup>75</sup>.

Os afro-descendentes, após a Lei Áurea, ficaram ao “Deus dará”, sem qualquer lugar para viver dignamente. Os negros, a maioria dos pobres sem “eira e nem beira”, estavam reduzidos à miséria na região da praia (Pirambu, Pacatuba e Brejo Grande); na região da cana (Muribeca, Japarutuba e Japoatã), ao longo do rio São Francisco (Mocambo, em Porto da Folha, e Lagoa de Campinhos, em Amparo do São Francisco), no médio sertão (Caraíbas e Santa Terezinha, entre Aquidabã e Canhoba), no alto sertão (Serra da Guia, divisa com a Bahia) e na periferia de Itabi, no bairro conhecido como Matias.

Com o processo de expulsão dos indígenas de suas terras, surgiram os latifúndios predominantes na região, que serviam para a criação de gado, plantação de cana de açúcar na região agreste, e do arroz nas lagoas naturais. Seus proprietários quase sempre tinham o controle político e econômico da região.

---

<sup>73</sup> “Clodomir Silva, a partir de Antonio José da Silva Travassos, localiza, geograficamente, os seguintes chefes indígenas sergipanos: ‘Sergipe tinha sede no lugar de Aracaju e dominava de Irapiranga ao rio Sergipe; Siriri residia no local onde foi o engenho Saco, junto à Vila do Rosário, governava do rio Sergipe ao rio Siriri; Japarutuba morava à margem do rio Japarutuba, no ponto chamado Cachoeirinha, tinha domínio do rio Siriri até o confluente do rio São Francisco – o Poxim do Norte; Pacatuba, chefe do Poxim do Norte no rio São Francisco e daí a serra da Tabanga, tinha sede na Vila de Pacatuba; Pindaíba, estabelecido na Ilha de São Pedro de Porto da Folha, dominava da Serra da Tabanga até o riacho Tamanduá. Havia, ainda, os chefes Aperipê, Surubi, nas margens do rio Vaza-Barris, em Itaporanga e, mencionado por Antonio José da Silva Travassos, o chefe Moribeca, que marcava seu limite entre o rio Itapicuru e o rio Vaza-Barris”. (FIGUEIREDO, 1981, p. 32.)

<sup>74</sup> “Apesar da calculada e mais que secular violência contra os indígenas, há índios em todas as Freguesias sergipanas, Nossa Senhora dos Campos do Rio Real [atual município de Tobias Barreto], a mais habitada. Mesmo assim, “Mapa Geral de todas as Missões e Aldeias de gentio manso que estão situadas nesta Capitania da Bahia”, em 20/12/1758, registra, para Sergipe, mencionados os missionários que as assistem, as Aldeias de Lagarto (jesuíta), Porto da Folha (italiano), Rodelas (italiano), Rio Real (carmelita), Japarutuba (carmelita) e Água Azeda. Estatística de Luiz R. B. Mott, para o período 1825/1830, acusa presença de 708 (47,20 por cento de homens) e 792 (52,80 por cento de mulheres), nas 4 aldeias então existentes: Água Azeda, Pacatuba, Japarutuba e Porto da Folha. É o que resta como inventário da destruição”. (FIGUEREDO, 1981, p. 76.)

<sup>75</sup> “No que se refere às terras dos indígenas, depois de baixado o Regimento das Missões em 1686, um Alvará Régio datado de 23 de novembro de 1700 mandava “dar uma légua de terra em quadra para sustentação dos índios e missionários”; enfatizando logo adiante, no mesmo alvará, que: “para cada uma aldeia (e não para os missionários) mando dar esta terra; porque pertence aos índios e não a eles (ANAIIS do APB, nº 29, p.74)”. (NUNES, Antonietta de Aguiar, JUNIOR, Ruydemberg. IMPACTO DA LEI DE TERRAS DE 1850 SOBRE AS TERRAS INDÍGENAS NA BAHIA.. <http://www.ppgh.ufba.br>, acessado no dia 29/11/11, às 15hs27). Em medidas atuais: 36 km<sup>2</sup>, correspondendo a 10.909 tarefas, medida conhecida na região (Nota do autor).

Os homens – fossem eles adultos, jovens ou meninos –, serviam como vaqueiros nas fazendas; como plantadores/cortadores nas áreas de produção de cana; trabalhavam no plantio do arroz sob o regime de meação. Às margens do S. Francisco, no mar e nos manguezais, trabalhavam na pesca predatória e extrativista. Encontravam-se ainda artesãos de pano, palha e barro.

As mulheres – fossem também elas adultas, jovens ou meninas –, além dos trabalhos domésticos, trabalham também no plantio de roças e do arroz nas lagoas e nelas praticavam a pesca com o jereré e puçá. Eram também bordadeiras e artesãs em palha e barro. Somente poucos/as viviam como operários/as nas fábricas de tecidos de Neópolis e Propriá.

Poucos moravam nas áreas urbanas: maioria dos habitantes ainda morava na área rural do sertão, habitando em casas de taipa, ou os da região da praia, em casas de palha de coqueiro, contra cuja precariedade Dom Brandão não deixou de opor-se, denunciando-a sempre que possível<sup>76</sup>. Moravam, seja os das periferias das cidades, seja a maioria, nos povoados, nas margens das lagoas de arroz, nas próprias fazendas onde trabalhavam. Dormiam geralmente em redes, em esteiras feitas de palha de junco ou em camas de varas; no tempo do calor, era no chão frio da casa ou nas calçadas destas. Comiam em pratos de barro e com as mãos. Não havia água encanada na maioria dos municípios e nem saneamento básico.

Nos tempos de seca tudo piorava: faltava água, trabalho e comida. Muitos emigravam do sertão para as grandes cidades do sul do país, a fim de encontrar melhores condições de vida.

O índice de analfabetismo no Estado era mais de 70%, enquanto que na diocese havia município com mais de 92%<sup>77</sup>. As raras escolas públicas só ofereciam

---

<sup>76</sup> No dia 11/11/1966, dia da inauguração da água de Japoatã, houve reunião no prédio da Prefeitura com a presença de várias autoridades políticas, entre elas o Governador eleito do Estado Lourival Batista. Dom José Brandão acompanhado do Pe. Peretti aproveitou o ensejo e fez três pedidos: 1º) Um ginásio gratuito para Japoatã; 2º) Um Colégio Estadual para Propriá e 3º) A solução de um problema social que se agrava cada vez mais na zona da praia e nas plantações de coqueiros, ou seja, a substituição imediata das casas de condições infra-humanas por casas de alvenaria. (A Defesa, 30 de novembro de 1966, p. 1 e 25/05/1967, p. 2)

<sup>77</sup> Considerando que o analfabetismo no Brasil em 1970, para 53.633 milhões de habitantes, era de 33,7%. O Nordeste tinha, no mesmo ano, uma taxa de 54%. Então, não é de estranhar que o índice de Sergipe nos anos 60 estivesse acima dos 70%. No ano 2000, 30 anos depois, o Nordeste além de ostentar a região mais pobre do país, ostentava 50% de analfabetos, equivalente a 8 milhões de pessoas. Em Sergipe, no ano 2000, 3 municípios somavam 66.265 mil analfabetos acima de 15 anos

o chamado “ensino primário” (os quatro primeiros anos), e os professores eram contratados por influência política, mesmo sem possuírem formação regular para tal função. Após o quarto ano, os pobres não prosseguiram por falta de condições econômicas. Só os remediados e os ricos podiam continuar os estudos nas escolas da Igreja, que eram particulares, em Propriá, em Aracaju, ou no outro lado do rio, em Penedo, Alagoas. Não que, para muitos destes, continuar estudando fosse fácil.

Apesar do pequeno número de padres, a Diocese possuía uma estrutura de comunicação e educação razoáveis, porém a serviço de poucos, visto que a maioria da população era pobre e analfabeta. Dom José Brandão retomou o jornal *A Defesa*, da Paróquia de Propriá<sup>78</sup> e o transformou num jornal diocesano, do qual era assíduo escritor. Encontrou em funcionamento o Colégio Diocesano<sup>79</sup>; a Escola Técnica de Comércio de Propriá<sup>80</sup>, o Colégio N. S. das Graças<sup>81</sup>, e o Ginásio de N. S. da Glória em fase de organização:

Por quatro anos consecutivos assumi aulas numerosas nos três colégios ligados diretamente à Igreja – o Colégio Nossa Senhora das Graças, o Diocesano e a Escola Técnica – não somente pelo número exíguo de professores com Licenciatura Plena na cidade, mas também porque, devido à dificuldade da época, eu precisava de prover assim ao meu sustento. (Mensagem aos Meus Diocesanos, *in*, *A Defesa*, Agosto de 1986, p. 1).

A Escola Técnica já não funciona mais a vários anos. O Colégio Diocesano nos ofereceu uma declaração datada de 23/12/11, na qual mostra Dom José Brandão como professor de E.M.C (Educação Moral e Cívica), O.S.P.B (Organização Social Política Brasileira) e Português no Ensino Médio. As somas dos valores/aulas neste Colégio não chegavam a um Salário Mínimo vigente na época<sup>82</sup>.

---

de idade. Atualmente, o estado sergipano tem 2.068,017 habitantes, com renda média de R\$ 459,00 (2009) – Censo de 2010/IBGE – tem uma taxa de 16,3% de analfabetos, acima de 15 anos de idade.

<sup>78</sup> Fundado pelo Cônego Lauro de Souza Fraga, no dia 13/06/32 era um “Órgão da Ação Católica da Congregação Mariana – PER TUA SEMITAS DUC NOS...”. Publicava-se aos segundos e quartos sábados de cada mês (*A Defesa*, 13/10/45 p.1). Em 1959, deixara de circular.

<sup>79</sup> Fundado pelo Mons. Soares em 1951 com o nome de Ginásio Diocesano. Em 1960, era dirigido pelo Pe. Darci de Souza Leite. Depois, quando passou à Diocese de Propriá, passou a ser chamado Colégio Diocesano de Propriá.

<sup>80</sup> Fundada em 1955 também pelo Mons. Soares (*A Defesa*, 30/01/66, p. 4.).

<sup>81</sup> Conhecido como “Colégio das Freiras”, pertencente às Irmãs Franciscanas (*A Defesa*, 08/08/1965, p. 1)

<sup>82</sup> Durante os anos de 1974 (24 aulas de Português a Cr\$ 6,00 = Cr\$ 144,00, o salário mínimo, contando a partir do mês de maio, cujo mês o governo federal reajustava seu valor, era de Cr\$ 376,80), 1975 (32 aulas de E.M.C., O.S.P.B. e Português a Cr\$ 10,00 = Cr\$ 320,00, o salário mínimo era de Cr\$ 532,80), 1976 (34 aulas de E.M.C., O.S.P. B. e Português a Cr\$ 13,00 = Cr\$ 442,00, o

Certamente, além das espórtulas de missas e sacramentos, ele recebeu outras contribuições.

Em síntese, Dom José Brandão de Castro, ao assumir Propriá, recebeu sob seus cuidados um povo simples e religioso, porém vítima de um país construído sobre os alicerces da injustiça social. Um povo sem terra, vivendo em condições de semi-escavidão, na região do baixo São Francisco, abandonado à própria sorte, “vítimas da ignorância, em tudo que diz respeito à Educação de Base e, mais, corroídos pela fome, ou subnutrição, quando não, pelas doenças endêmicas”, como escreveu Dom Távora, ao “Presidente eleito do Brasil, e ainda não empossado, Jânio Quadros”<sup>83</sup>. Um povo pobre que se tornou objeto de preferência pastoral para a maioria do episcopado nordestino:

Senhores e senhoritas da ASDIP, ajudadas por alguns jovens e coroinhas, percorreram várias ruas dos bairros pobres, fazendo a entrega a domicílio dos comestíveis. Era de ver, nos olhos de algumas velhinhas, o contentamento pela dádiva recebida, sabendo-se que em Propriá há pessoas que somente duas vezes por semana podem botar na boca um punhadinho de farinha de mandioca. O espetro da fome não apenas ronda, mas está residindo em muitos lares, sendo expressiva da situação a palavra de uma menina pálida e sofredora: “Vão à nossa casa, que nós está tudo se acabando de fome” (Dom José Brandão, A Defesa, 13/06/62, p. 1). Só na cidade de Propriá são beneficiadas pela Cáritas Diocesana, semanalmente, 6.550 pessoas, que recebem gêneros alimentícios no Hospital Velho (Dom José Brandão, A Defesa, 22/08/62, p. 4).

---

salário mínimo era de Cr\$ 768,00) e 1977 (37 aulas de E.M.C. e O.S.P.B. a Cr\$ 18,20 = Cr\$ 673,40, o salário mínimo era de Cr\$ 1.106,40)

<sup>83</sup> Carta dirigida ao Presidente Jânio Quadros em novembro de 1960 (NASCIMENTO, 2009, p.148, citando o jornal “A Cruzada”, 31/12/1960).

### 3.2. A missão pastoral

Analisando a missão pastoral de Dom José Brandão de Castro como Bispo de Propriá, entre 16 de outubro de 1960, dia em que tomou posse, aos 41 anos de idade, e 30 de outubro de 1987, dia em que foi publicada a eleição de seu sucessor, Dom José Palmeira Lessa, podemos delimitá-la em três períodos distintos: o primeiro, de 1960, até 1968, ano da Conferência de Medellín; o segundo, de 1969 a 1978, ano da Conferência de Puebla. O terceiro, de 1979 até 1987, quando, depois de 27 anos de exercício pastoral, pressionado pelo seu Metropolita e pelo Núncio Apostólico, que o tinham como comunista, ou “inocente útil” a serviço dos comunistas, apresentou sua renúncia ao Papa João Paulo II<sup>84</sup>.

O primeiro período se caracteriza pela sua preocupação em estruturar o clero e, sensibilizado pelas idéias conciliares, em assumir nova postura pastoral. O segundo é caracterizado pela a opção preferencial pelos pobres, a luta pela terra, e organização das CEB's à luz da teologia da libertação. E, o terceiro, é caracterizado pela perseguição do Vaticano contra a Igreja progressista e de políticos e proprietários da região contra a caminhada da Igreja local.

Em seguida, aprofundaremos a análise desses períodos e, para exemplificar a diferença de postura de Dom José à medida que vivenciava os desafios pastorais de Propriá, serão relatados casos que nos parecem significativos.

#### 3.2.1. Primeiro período 1960-1968

Neste primeiro período Dom José Brandão inicia seu pastoreio priorizando a formação do clero. Estrutura a Ação Social, com seus departamentos, para servir aos pobres. Entra em sintonia com o episcopado de Sergipe em defesa das causas populares. Participa do Concílio Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII<sup>85</sup> e lá se soma ao grupo “Igreja dos Pobres”. Vivencia a realidade da ditadura

---

<sup>84</sup> A carta de renúncia, datada de 07 de julho de 1986, foi levada pessoalmente por Dom Brandão ao Núncio, segundo sua entrevista concedida ao jornal A Defesa, Abril de 1987, p. 4.

<sup>85</sup> “Grande coisas, na verdade esperamos deste Concílio, que quer ser o revigoramento de fé, de doutrina, de disciplina eclesial, de vida religiosa e espiritual e, além disso, uma grande contribuição para a reafirmação daqueles princípios de orientação cristã, nos quais se inspira e se

militar. Acontece a II Conferência Episcopal de Medellín sem repercussão na imprensa diocesana. Defende o desenvolvimento do Baixo São Francisco.

No início do seu pastoreio Dom José Brandão priorizou solucionar o problema da falta de padres. O desafio inicial do bispo era o de fundar um seminário para formação dos futuros padres. No dia 18 de março de 1961, fundou o Seminário Menor São Geraldo<sup>86</sup> para a formação dos futuros padres, que era mantido por subvenções do governo, deputados e prefeituras da região<sup>87</sup>. No dia 30 de março de 1961 escreveu o seguinte ao Núncio Apostólico:

Propositadamente, escrevo a V. Excia. Revma. na data de hoje. Ela recorda a agonia de Cristo no jardim das oliveiras e a instituição do sacerdócio. Após a euforia dos primeiros momentos, começaram a chegar as incompreensões de toda sorte, assim que nunca me senti tão perto da Paixão de Cristo. Todos têm sua cruz. Estou disposto a levar a minha, confiado em Cristo que foi à nossa frente. Quanto ao segundo aspecto da comemoração de hoje, quero referir-me à necessidade de padres, em que se encontra a Diocese. Neste envelope, Sr. Núncio, V. Excia. encontrará um pedido feito diretamente à Comissão Pontifícia para a América Latina (CAL), da qual espero a solução para o caso de Propriá. E a solução não deve tardar muito, antes que esse povo quase 100% católico, porém desprovido de instrução religiosa e vida sacramental, seja trabalhado pelos adversários de Cristo. Seis sacerdotes bastariam para começar. V. Excia. desculpe a insistência, mas constrange-me o coração verificar de perto a falta de sacerdotes nesta região.

E a situação ia se agravando na medida em que o tempo passava:

Minha situação é de tal modo precária que, por falta de padre, a quem confiar o Seminário, tenho de fechá-lo este ano, espalhando os alunos por vários seminários. Mais esta: até a ida dos Redentoristas [do Nordeste] para Propriá, tenho de ficar como Cura da Catedral, uma vez que o sacerdote que era Vigário ficou sofrendo das faculdades mentais e o seu substituto provisório, cedido por outra diocese, regressou à capital do Estado, onde arranjou um emprego

---

orienta também o desenvolvimento da vida civil, econômica, política e social” (Declaração do Papa João XXIII, in A Defesa, 30/09/1962, p. 1).

<sup>86</sup> Iniciou com 21 alunos: 10 seminaristas que já estudavam no Ginásio Diocesano desde o 1º de março, e 11 pré-seminaristas. O Padre José Amaral de Oliveira, pároco de N. S. da Glória foi o primeiro Reitor, por somente 6 meses, depois o próprio bispo assumiu a Reitoria do Seminário. As Irmãs Franciscanas do Hospital São Vicente de Paulo assumiram a cozinha – Irmãs Urânia, Eufrosia e depois a Maria Carlota (A Defesa, 21/07/1961, p. 3 e 4). Tem-se notícias da reabertura no período de 66-68 sob a reitoria do Pe. Eduardo Puzkiel (A Defesa, 11/02/68, p. 4).

<sup>87</sup> Pelos Deputados Lourival Batista e Leite Neto (A Defesa, 29/10/1961, p. 1), e pelas prefeituras (A Defesa, 08/08/1965, p. 2. e ‘A Defesa’, 23/03/1969, p. 3.). Também ver carta ao Prefeito de Propriá, datada de 31/12/1966.

do Governo. Bispo e Cura da Catedral, com todas as incumbências de Vigário de uma grande Paróquia!<sup>88</sup>.

No dia 03 de abril de 1963 escreveu aos Frades Carmelitas Descalços da Paróquia de N. Sra. Auxiliadora, de Belo Horizonte (MG), pedindo frades, quase que implorando pela abertura de uma comunidade em Japarutuba, onde estiveram no século XVII e XVIII, coordenando uma aldeia Indígena:

Quem escreve esta carta a V. Revma. é um Bispo que deseja imensamente prover de sacerdotes a diocese que lhe foi confiada, há pouco mais de dois anos. Minha Diocese tem uma antiga tradição Carmelita, pois que, no passado, quando do florescimento no Norte da Ordem Carmelitana, a região que hoje constitui foi campo de apostolado dos Frades do Escapulário. Essa mesma região – a de Japarutuba – está hoje a necessitar de sacerdotes. Tenho outras paróquias a oferecer. Asseguro que é um campo de trabalho, onde muito poderá sua Ordem realizar para a glória de Deus e da Virgem do Carmo. Para que veja nossa penúria de padres, basta que lhe diga que para 200.000 almas só tenho dois padres incardinados com saúde! Dois outros sacerdotes aqui estão ad tempus e um frade franciscano é capelão de uma fábrica. Eu mesmo sou o Cura da Catedral – com 20.000 almas a meus cuidados. Desejava uma resposta de V. Revma. para breve. Dois frades bastariam para começar”.

Na carta escrita no dia 21 de janeiro de 1964 ao seu irmão de Congregação, Pe. Tiago Cloin, CSSR, Secretário da Conferência dos Religiosos do Brasil, no Rio de Janeiro, demonstra grande temor diante da chegada dos protestantes:

Com grande angústia, venho agora comunicar à CRB que aquilo que eu mais temia acaba de acontecer: os protestantes “descobriram” que minha diocese está desguarnecida... Viram-na destituída de sacerdotes e fácil campo de suas atividades. Exatamente, em Japarutuba, para onde, desde que aqui cheguei chamei a atenção da CRB! E lá vão eles fundar um Colégio, com dólares e tudo...

E, na mesma carta, se sente cobrado pelo povo:

Peço, pois, à CRB que, através de algum organismo internacional (Talvez o “Pro Mundi Vita), faça algo em benefício dessa pobre comunidade cristã que, há três anos, vem vivendo tanto de esperanças que já vai perdendo a confiança no seu Bispo e nas suas iniciativas.

---

<sup>88</sup> Carta ao Pe. Reitor Mor [Redentorista?!], de 28/01/1962. Dom Brandão também acumulou o cargo de Vigário da Paróquia de Canhoba e Japoatã.

Na carta endereçada ao angolano Padre Rui da Silva<sup>89</sup>, datada de 02 de março de 1965, acolhendo “de braços abertos” aquele que, mais tarde lhe causaria tanto sofrimento<sup>90</sup>, esclarece qual é a missão dos padres, a realidade do povo, de onde é tirado o sustento dos padres e do próprio bispo:

1. Preciso de sacerdotes para a vida paroquial, antes de tudo... 2. Tenho Paróquias para lhe oferecer. O povo é pobre e simples, mas profundamente cristão. O nível intelectual da grande maioria ainda é infelizmente bem baixo. Mas, por isso mesmo, há um campo imenso que se abre ao zelo sacerdotal. 3. Os sacerdotes no Brasil não tem ordenado. Nada recebem do governo. Vivem das missas que celebram e das espórtulas de batizados e casamentos. Também os bispos estão na mesma condição. Mas a Providência divina cuida de nós, melhor do que ninguém. 4. Urge entre nós a catequese de crianças e adultos. E também urgem atividades no campo social.

Aproveitou das viagens às Sessões Conciliares do Vaticano II (1962-65)<sup>91</sup> para visitar diversas casas religiosas, masculinas e femininas, em vários países europeus para pedir missionários e missionárias. Ir Francisca Hendrick nos conta que

Dom José, participante do Concílio Vaticano II, foi em 1965 bater na porta do convento das Irmãs da Caridade de Namur – Bélgica. Ali esteve solicitando a presença de irmãs na diocese. Na época poucos padres atendiam o povo, o próprio bispo era vigário da catedral. Havia duas comunidades de irmãs, mas ocupadas no hospital e no colégio. Dom José queria irmãs na pastoral. Eu, irmã Francisca estava já me preparando para trabalhar na África. Deus mudou os meus rumos e aceitei vir ao Brasil, para diocese de Própria. A nossa chegada bem preparada pelo homem que era, sensível e humano, foi uma festa. (HENDRICK, 19/08/11).

A presença de religiosas se reduzia a duas congregações, ambas na sede diocesana: As Irmãs Franciscanas (do Colégio Nossa Senhora das Graças) e as Irmãs Hospitaleiras da Imaculada Conceição (do Hospital S. Vicente de Paulo).

<sup>89</sup> Da Paróquia de São Pedro, em Chibia, da Diocese de Sá da Bandeira, Angola, na época colônia de Portugal. (ver também a Carta ao Núncio Apostólico, D. Sebastião Baggio, 13/03/1966)

<sup>90</sup> Foi acolhido na diocese em 1966, e nomeado pároco de Aquidabã no dia 17 de agosto do mesmo ano: “Mas nunca se entrosou com a nossa Pastoral. É declaradamente contra ela, do que não faz segredo para ninguém. Acha tempo para longas viagens, não fica nunca na sede da diocese, quando fazemos reuniões de dois ou três dias: assiste a algumas reuniões e viaja de volta para a sede da paróquia” (Carta a D. Lara, de 1º/09/84, pedindo orientação sobre o caso). No dia 21/09/1984, Dom José Brandão emitiu um Comunicado, resultado de consulta ao Conselho Presbiteral, afirmando que “sua jurisdição nesta Diocese termina dia 31 de dezembro próximo e não será renovada”.

<sup>91</sup> Dom José Brandão participou das quatro sessões conciliares e obteve ajuda econômica dos fiéis diocesanos para outras despesas, visto que o governo brasileiro havia liberado um avião da PANAIR do Brasil para levar todos os bispos brasileiros. Ele viajou ao Recife para a Abertura e Primeira Sessão no dia 07 de outubro de 1962, onde embarcou no dia seguinte no referido avião que vinha do Rio de Janeiro. (A Defesa, 07/09/1962, p. 4.)

No mesmo período conciliar e nos primeiros anos da ditadura militar, recebeu respostas positivas de abertura de comunidades de religiosos na Diocese: vieram os da Congregação Redentorista da Bélgica<sup>92</sup>, dos Padres Marianos Poloneses<sup>93</sup> e dos Franciscanos<sup>94</sup>. Chegaram também alguns padres Diocesanos<sup>95</sup>.

A partir de 1966 a presença feminina ficou mais fortalecida com a chegada de leigas voluntárias<sup>96</sup> e das Irmãs da Caridade de Namur<sup>97</sup>, da Bélgica.

Os missionários que eram padres foram enviados a preencherem as vagas das paróquias, e os não ordenados e as missionárias, foram enviados a serem seus colaboradores na catequese e outras tarefas paroquiais. Em relação às questões sociais, principalmente sobre a questão dos pobres, na sua maioria do meio rural, Dom José Brandão entrou em sintonia com a pastoral vigente na Igreja em Sergipe, reconhecida como da ala progressista, tendo o Arcebispo de Aracaju, Dom José Vicente Távora, como seu referencial. Na primeira reunião da Província Eclesiástica de Aracaju, ele se somou aos seus irmãos no episcopado, o Bispo de Estância e o Arcebispo de Aracaju, na assinatura de uma nota em defesa da

---

<sup>92</sup> No dia 18/02/1964 chegaram os padres Paulo Lebeau, de Tournai; Pe. Nestor Mathieu, de Namur; e o Irmão Guido Michel Dessy, de Liege. No mesmo ato de chegada, o Pe. Paulo Lebeau foi nomeado Vigário de Propriá (e dias depois Vigário Geral), o Pe. Nestor como Cooperador e o Irmão Guido o Auxiliar (A Defesa, 29/03/1964, p. 3 e 27/06/1964, p. 1). Em abril de 1965 chegaram mais padres redentoristas: León Gregório (que substituiu o Pe. Paulo em Propriá) e Pe. Gerard Olivier (Padre Geraldo) que substituiu o Pe. João de Deus em Japarutuba (A Defesa, 15/04/1965, p. 1). Em junho de 1967 chegaram os Padres Claudio Philippe (Belga) e o iugoslavo Domingos Pulgiz (A Defesa, 04/05/1967, p. 2). Depois, em 1970, chegaram os padres Eduardo e Estevão (A Defesa, 09/05/1970, p. 4)

<sup>93</sup> No dia 31/07/1964 chegaram os Padres Marianos para a Paróquia de N. S. da Glória: Pe. João Szureck e José Sielski (A Defesa, 02/08/68, p. 3). Depois, chegaram o Irmão Roberto, Pe. Adão, Pe. Henrique Tomazzewski, Pe. Henrique Kuleska e o Pe. Aloísio (A Defesa, 31/07/1966, p. 4). Eles deixaram a Diocese em fins de 1968 por ordem da Congregação (Carta a D. Ceslaus Sipovic, Superior Geral, 23/02/1969).

<sup>94</sup> Chegaram em 1968 e assumem Porto da Folha: Frei Angelino, Frei Enoque Salvador de Melo, Frei Roberto Eufrásio, o leigo Sebastião José de Lima (A Defesa, 11/10/1969, p. 2.). No dia 06/04/1970 chegou Frei Juvenal Bonfim (A Defesa, 18/04/1970, p. 4.) e, depois, chegou o vocacionado Anízio Freire. Frei Angelino, Frei Juvenal e o Anízio retornaram a Pernambuco em 1973. Em 1986, Frei Anízio, Frei Walter e Frei Juraci abrem uma fraternidade na periferia de Propriá (A Defesa, 12/1987).

<sup>95</sup> No dia 18/04/1965 chegou o Pe. Raimundo Peretti, japarutubense, mas incardinado à Diocese de Niterói, Rio de Janeiro, que assumiu a paróquia de Brejo Grande (A Defesa, 15/04/1965, p. 1). No dia 21/08/1968, chegou o angolano Pe. Rui da Silva, que assumiu a Paróquia de Aquidabã (A Defesa, 31/08/1968, p. 1).

<sup>96</sup> Em maio de 1966 chegaram três voluntárias da Bélgica para colaborar com o Centro de Promoção Social João XXIII: Jeaninne Struman, Anita Nissink e Mônica Poncin (A Defesa, 13/06/1966, p. 4). Anita e Jeannine retornaram à Bélgica em março de 1969 (A Defesa, 23/04/1969, p. 1).

<sup>97</sup> No Domingo de Ramos de 1968 (A Defesa, 12/1987) chegaram a Japarutuba as Irmãs Matilde, Terezinha, Francisca e Cecília Pranger (Defesa, julho/1981, p. 4). Ir. Cecília faleceu aos 44 anos de idade, na Bélgica, no dia 23/06/81 (A Defesa, julho/1981, p. 4).

Reforma Agrária<sup>98</sup>, da alfabetização do homem do campo<sup>99</sup>, e da organização dos camponeses nos sindicatos dos trabalhadores rurais<sup>100</sup>.

No dia 06 de janeiro de 1962<sup>101</sup> fundou a Ação Social da Diocese de Propriá (ASDIP), e suas equivalentes nas paróquias, com a finalidade de prestar assistência aos pobres e excluídos. No dia 29 de junho do mesmo ano, fundou a Organização das Voluntárias, que reunia mulheres, casadas e solteiras, que davam aulas de corte e costura para 40 alunas, sob a coordenação da Irmã Teresa do Menino Jesus, e confeccionavam roupas para os pobres<sup>102</sup>. Em 1963 foi fundada em

---

<sup>98</sup> “No nordeste, é imperiosa a Reforma Agrária. Nesse sentido, os Bispos de Sergipe já se manifestaram... embora pequeno, há numerosos latifúndios. É premente a necessidade de uma Reforma Agrária. Na primeira reunião dos Bispos da Província Eclesiástica de Aracaju, formulou-se apelo neste sentido. Mas a reforma deverá ser nossa, variável de Estado para Estado e de região para região. Não de modo generalizado e nas mesmas bases, devendo-se ter em consideração as circunstâncias locais. Apesar de pequeno Estado, Sergipe tem grandes latifundiários. Existe uma reforma pioneira no município de Lagarto, onde um fazendeiro doou terras a 300 famílias, com excelentes resultados para a economia da região. No próprio Sergipe, a Reforma Agrária teria de se fazer sem generalização, dadas as condições peculiares de cada zona, pois as áreas que margeiam o São Francisco, por exemplo, apresentam as mesmas características das terras do interior. Qualquer planejamento de Reforma Agrária, cumpre finalmente ressaltar, não poderá ser omisso no que diz respeito aos problemas assistenciais e educacionais das populações rurais”. (Entrevista de Dom Brandão ao jornal *Senhor Bom Jesus* in *A Defesa*, 15/11/1961, p. 3).

<sup>99</sup> “As dificuldades do Nordeste se agravam com o alto índice de analfabetismo. Haja vista que há em minha diocese um município com 92 % de analfabetos, Igreja e governo deram-se as mãos. Instituiu-se a educação pelo rádio, como vem fazendo Mons. Salcedo, na Colômbia. É um método prático. Bastam apenas uma professora e uma monitora para cada núcleo. Sem remuneração, fazem isto por espírito de apostolado e patriotismo. São 75 as Escolas Radiofônicas na minha Diocese. Esperamos que, com o convênio assinado recentemente com o Governo Federal, dentro de 5 anos, não haja mais analfabetos no Nordeste”. (Entrevista de Dom Brandão ao jornal *Senhor Bom Jesus* in *A Defesa*, 15/11/1961, p. 3).

<sup>100</sup> “Temos de caminhar para o Sindicalismo Rural e sem perda de tempo. Louvo a sua expansão em Sergipe e faço votos para que ele floresça em nossa Diocese. Não é possível que continuemos a viver nessa disparidade gritante entre o homem da cidade e o homem do campo. Com razão, o Papa João XXIII, em sua *Mater et Magistra*, lamenta que uma das causas do êxodo rural seja exatamente o abandono em que vive o homem do campo, em quase todos os países. O Sindicato vai instruí-lo a respeito de suas reivindicações e vai orientá-lo para que seja uma alavanca na promoção de sua classe. Estamos aguardando a organização de Sindicatos Rurais. Assim que os tenhamos, vamos tratar de mobilizar o homem do campo para os novos rumos que lhe estão sendo apontados. A Igreja, que nunca esteve ausente dos sofrendores e injustiçados, não deixará de dar o seu apoio ao Sindicato Rural. Mas o que é triste é que a parábola da semente pode se realizar mais uma vez. Lança-se a semente à direita e à esquerda, e ou pisam os transeuntes, ou a comem as aves, ou a pedra dura não a deixa deitar raízes, ou os espinheiros a abafam, apenas germinada. A Igreja nunca deixou de pregar a verdade e de concitar os cristãos a praticá-la. Nós, cristãos é que não temos tido a coragem necessária de vivermos o Evangelho até as últimas conseqüências”. (*A Defesa*, 16/10/61, p. 4).

<sup>101</sup> Possuía os seguintes departamentos: Departamento Cultural (DC), Departamento de Economia Doméstica (DE), Departamento da Cáritas Diocesana (DCD), Departamento de Assistência aos Necessitados (DAN) e Departamento Esportivo (DE). (*A Defesa*, 11/02/1962, p. 1 e 3).

<sup>102</sup> *A Defesa*, 15/07/1962, 1ª página, e 29/07/1962, p. 4).

Propriá a creche São José para crianças de famílias pobres<sup>103</sup>. Havia também a Sociedade São Vicente de Paulo, que articulava e concretizava várias ações através de suas entidades que eram o Hospital e o Asilo Dom Juvêncio Britto<sup>104</sup>. Em meio a tudo isso, Dom Brandão indignava-se com a falta de seriedade das providências do governo em relação às vítimas da seca:

A seca do sertão precisa deixar de ser simplesmente tema de tiradas oratórias ou poéticas. O povo quer água, água. Agar, em pleno deserto, ao ver prestes a morrer de sede seu filho Ismael, suplicou a Deus e ele lhe mandou um anjo para matar a sede de seu filho. Mas Deus, para nós do sertão, fez já a sua parte. Mandou-nos o São Francisco, cujas águas continuam desperdiçadas até sua foz. Dizia-se que “Paulo Afonso” clamava pela Engenharia brasileira. Sua voz foi ouvida. Temos a energia elétrica. Mas o povo do sertão morre de sede, a lavoura se perde os municípios do sertão se despovoam, o povo grita nos estertores da sede. O que falta? Apenas levar o São Francisco para o sertão, ou canalizando, ou em tubos. Para a engenharia isso não é problema. É ridículo alegar que é muito caro. Coisas muito mais caras se têm feito neste país. Mas então o que falta? O ouvinte que responda! (A Defesa, 22/08/1965, p. 3).

Assumi as dores dos flagelados da seca, tornando-se seu porta-voz diante do governo:

[...] não posso deixar de ser o porta-voz daqueles que fizeram chegar a mim os gritos de seu sofrimento. Ao menos isso está em meu poder. Queira receber, pois, Sr. Governador, por meu intermédio mais um apelo de uma região que, ano após ano, vê sempre mais adiada a esperança de uma solução definitiva para o seu caso doloroso. (A Defesa, 13/02/1966, p. 4).

Em 1984, Dom Brandão admitiu que as ações da Diocese para os pobres no início do seu episcopado foram assistencialistas, principalmente a Cáritas que tinha como atividade principal a distribuição do leite americano do programa *Aliança para o Progresso*, e que, naquele tempo, foram alvos de críticas da parte do movimento estudantil, exigindo, como solução, as reformas de base, principalmente a reforma agrária, a fim de que houvesse a justiça social no país. No dia 19 de março de 1968, o padre José Peres<sup>105</sup>, representando a rede Cáritas na América Latina, numa reunião em Salvador, suspendeu a distribuição de alimentos frisando que a função da entidade não era a de “fazer mendigos”:

<sup>103</sup> A Defesa, 10/04/1966, 3ª página. No dia 15/08/77 foi substituída por outra de nome Creche S. Vicente de Paulo, dirigida pelos padres Etienne Lemaire e Cristiano de Paul. (A Defesa, 15/08/77, p. 1)

<sup>104</sup> Inaugurado no dia 23/02/1964 (A Defesa, 29/03/1964, p. 4).

<sup>105</sup> Os novos rumos da Cáritas, in A Defesa, 31/05/68, p. 4.

“Fui paternalista como vigário durante as campanhas de leite em pó que os Americanos enviavam ao Brasil. Posteriormente a gente veio crescendo e vendo que isso não resolvia, que este não era o caminho, mas a gente não sabia qual podia ser a solução. Lendo, refletindo, ouvindo observações dos amigos, a gente veio crescendo. Nomeado bispo de Propriá, a gente estava cheio de paternalismo: construções, projetos para o povo, escolas de corte e costura, artesanato, coisas que nunca saíram do papel para execução... pois eram muito ambiciosas. Por volta de 1963-64, quando veio a revolução. Eu já estava mais avançado neste setor, porém o meu engajamento claro na luta pela terra veio mais tarde. Nos primeiros anos, como bispo me envolvi em lutas a favor dos pescadores da região. Mas era na linha paternalista. Eu fazia por eles, eu ia conversar com as autoridades mesmo sem primeiro escutar os pescadores, querendo resolver as coisas na cúpula: uma coisa completamente errada. (A Defesa, 15/08/1963, p. 3; Perfis dos Redentoristas, p. 93, citando a Revista O Mensageiro, Abril de 1984 – Editora Padova. p. 10-12).

A Diocese de Propriá procurou acompanhar as mudanças eclesiais provocadas pelo Concílio Vaticano II e fazê-las acontecer no território diocesano:

O Concílio permitiu não só uma primavera inesperada, mas que novas formas de eclesialidade fossem sendo tecidas no chão da Igreja, com as comunidades eclesiais de base; nos corpos intermediários, com os conselhos paroquiais, conselhos diocesanos de pastoral e grandes assembleias diocesanas; nos regionais com as assembleias das Igrejas; e, por fim, no corpo episcopal, com o forte senso de colegialidade vivido pela CNBB em plano regional e nacional. (BEOZZO, 1993, p.11).

O Bispo aplicou na diocese as normas decididas no período conciliar e pós-conciliar<sup>106</sup>. Promoveu vários eventos para divulgar seus resultados<sup>107</sup>:

No primeiro período nossa diocese cuidava do conhecimento dos documentos do Concílio e juntos procurávamos como pô-los em prática. Desde então começou a revelar sua capacidade de adaptação ao novo, da parte do nosso bispo. A pastinha cheia de documentos, ele chegava e nos encantava com seu entusiasmo. O entusiasmo é contagiante, mais padres, irmãs e agentes de pastoral vinham chegando. Quando nos encontrávamos era uma festa, o nosso Dom cantava, gargalhava e acolhia a todos. O povo da diocese participava ativamente da vida da diocese de Propriá. (HENDRICK, 19/08/11).

Dom Brandão emitiu opiniões sobre estratégias pastorais para uma melhor presença do clero no meio do povo, que foram e são polêmicas até os dias

<sup>106</sup> Através do Comunicado de 08/08/1964 autorizou o uso da nossa língua na Santa Missa e na celebração dos Sacramentos a partir do dia 15 seguinte (A Defesa, 15/08/1964, p. 1).

<sup>107</sup> A Defesa, 30/01/1966, p. 1.

de hoje como, por exemplo, a ordenação sacerdotal de homens casados<sup>108</sup> e o sacerdócio feminino<sup>109</sup>. Somou-se ao grupo conhecido como “Igreja dos Pobres”, do qual faziam parte Dom José Vicente Távora e Dom Helder Câmara, e com eles assinou e assumiu o compromisso de viver o evangelho interpretado pelo famoso Pacto das Catacumbas<sup>110</sup>, que salienta a vida de pobreza e o compromisso com a causa dos pobres.

Após o Concílio, Dom Brandão vai se distanciando do regime militar. Não era mais aquele que celebrou a vitória do golpe, como a maioria do episcopado, quando estimulou a reza do terço em várias paróquias para agradecer a Nossa Senhora pela derrubada do comunismo:

“Um suspiro de alívio atravessou o Brasil, de um ponto a outro, quando se tornou público que, em poucas horas, o poder tinha saído das mãos dos que estavam para lançar-nos na órbita de Moscou e Pequim. A vitória foi comemorada em todos os recantos do país. Na diocese de Propriá, a sede foi a primeira. Uma grande marcha – a marcha da Família com Deus, em ação de graças – mobilizou grande massa popular. Achava-me ausente, em Recife [na posse de Dom Helder Câmara], e de lá mandei uma mensagem que foi lida, no final da passeata, pelo Cura da Catedral Pe. Paulo Lebeau. Seguiram-se depois, o Cedro, Aquidabã, Japoatã. Aliás, no próprio dia da vitória, o povo se reuniu, à noite, no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, para recitar o terço em agradecimento pelo triunfo”. (O Brasil Camponês Confia na Revolução, artigo de Dom José Brandão, in A Defesa, 13/06/1964, p. 1)

Desde as primeiras horas do dia 1º de abril de 1964, a cidade de Propriá foi ocupada por agentes do Exército: capitão Bião, o tenente Jorge Fontes e o

<sup>108</sup> “Já estão sendo ordenados Diáconos homens unidos em matrimônio. Mesmo aqui no Nordeste, já temos Diáconos casados. Quanto à sugestão que já foi apresentada a Roma, quanto à ordenação de homens casados, acho-a muito válida, apesar de não ser praxe tal sistema na Igreja Latina. Pio XII já autorizou, como é sabido, há mais de vinte anos a ordenação de alguns homens casados, na Alemanha. Tratava-se de pastores protestantes que se converteram à Igreja Católica e pediram ao Papa que lhe permitisse continuar com a mesma missão sobrenatural, a que se haviam dedicado até então. Pio XII permitiu que fossem ordenados padres e que continuassem como casados” (Dom Brandão in A Defesa, 11/09/1969, 1ª pág.). Em meados de 1974 a maioria absoluta dos membros da Comissão Nacional de Pastoral da CNBB aprovou a proposta de se apresentar ao Sínodo dos Bispos um pedido urgente “a fim de que seja permitida no Brasil a Ordenação Sacerdotal de homens casados” (Dom Brandão in A Defesa, 25/09/1974). Cf.

<sup>109</sup> “A revista católica ‘Ecclesia’, referindo-se à ordenação de mulheres, disse em artigo que seria triste se a Igreja seguisse em sua atitude tradicional, ‘herdada de critérios sociológicos anti-feministas’ e ‘continuasse desperdiçando as ricas energias de suas filhas que formam mas da metade do povo de Deus. No artigo o Padre Juan Eguren, sacerdote jesuíta, analisou as possibilidades do sacerdócio feminino, motivado por uma recente nota da Pontifícia Comissão Bíblica do Vaticano. Nesta nota, eruditos na Sagrada Escritura reconhecem por unanimidade que no Novo Testamento não há indícios suficientes para ‘determinar de forma claro e definitiva’ que as mulheres não possam ser ordenadas”. (A Defesa, 16/10/1976, p. 3.).

<sup>110</sup> A Defesa, 10/04/1966, p. 2. Ver o Pacto das Catacumbas in NASCIMENTO, 2009, p.119

promotor de Estância, Carlos Leite<sup>111</sup>. O Governador do Estado, Seixas Dória, é exonerado do cargo e levado, com o governador de Pernambuco, Miguel Arraes, para a prisão na Ilha de Fernando de Noronha. Assumiu o poder o vice-governador Sebastião Celso de Carvalho.

O prefeito de Propriá, Dr. Geraldo Maia, e seu irmão Cleto Maia, deputado estadual, sabendo do golpe pela madrugada, conseguiram fugir e se refugiar na casa da sua irmã Maria de Lourdes Maia, em Aracaju, onde permaneceram por uns 60 dias, quando se entregaram aos militares.

É de conhecimento público que José Hélio Gomes, vereador e partidário de Geraldo Maia, foi preso, confundido pelo vereador Lila, às 6hs da manhã em Propriá, por um sargento do exército para interrogatório, a fim de dar conta do paradeiro do prefeito. Foi ele, sob a ordem do capitão Bião, quem convocou os outros colegas para reunião na Câmara de Vereadores, cujo presidente era Jackson Figueiredo Guimarães. O capitão Bião propôs a todos os vereadores a votação do impeachment do prefeito. O vereador Hélio Gomes votou a favor do prefeito. Como não houve unanimidade, encontraram outra solução: declararam o cargo vacante e deram posse ao presidente da Câmara, Jackson de Figueiredo Guimarães. Um mês depois, os militares descobriram que o recém empossado baixou o valor do imposto predial da própria família, por este motivo, foi cassado do cargo. Foi substituído pelo tenente da Marinha, Feliciano Almeida<sup>112</sup>, que também, por motivo semelhante, foi substituído pelo Tenente reformado da Marinha, Moisés de Abreu Filho. No final de fevereiro de 1967, foi nomeado um interventor para Propriá, o Sr. Pedro Ferreira de Barros<sup>113</sup>, por força das eleições municipais que se realizaram em março seguinte, da qual saiu eleito o Sr. Francisco Guimarães<sup>114</sup>.

O prefeito de Neópolis, além de exonerado, foi levado preso, passou 11 dias no quartel do exército e depois foi reempossado no cargo<sup>115</sup>. O prefeito de Cedro foi substituído pelo Pe. Manuel Guimarães, com a anuência do Bispo<sup>116</sup>.

---

<sup>111</sup> A Defesa, 13/06/1964, p. 1.

<sup>112</sup> A Defesa, 27/06/1964, p. 1.

<sup>113</sup> A Defesa, 28/02/1967, p. 1.

<sup>114</sup> A Defesa, 10/06/1967, p. 2.

<sup>115</sup> A Defesa, 30/05/1964, p. 1.

<sup>116</sup> A Defesa, 27/06/1964, p. 1.

Todos os funcionários da Rede Ferroviária Federal foram considerados subversivos e afastados<sup>117</sup>.

A partir de setembro de 1966, o jornal diocesano “A Defesa” dá início às publicações relacionadas com a vida concreta do povo no Brasil e na América Latina, distanciando-se do regime militar. Defende os militantes e assistentes dos quadros da Ação Católica Brasileira, comprometidos com as transformações sociais, evoluindo assim, em defesa da justiça social, sem temer a censura do regime militar:

“Durante o regime militar, o bispo de Propriá, Dom José Brandão de Castro, foi chamado várias vezes à Polícia Federal por causa do jornal “A Defesa”, criado pela Diocese e que incomodava os políticos e os grandes proprietários de terra do Baixo São Francisco. O religioso sempre ouvia dos policiais federais que os militares estavam “por aqui com este jornaleco vermelho”. Calmo, Dom Brandão escutava as queixas, mas ao retornar para Propriá, não fazia qualquer reprimenda ao corpo editorial do periódico. Certo dia, porém, o religioso se irritou com o superintendente da PF, pois esse queria obrigá-lo a nomear como editor para “A Defesa”. A exigência tinha uma absurda explicação: como a Polícia Federal não podia prender um bispo, pois causaria comoção social era preciso que se nomeasse um jornalista para ser preso de imediato, visando dar uma satisfação aos políticos e latifundiários da região que apoiavam o regime militar. Naturalmente, Dom Brandão não atendeu o desejo do ‘capa preta’ da PF e o jornal editado por ele permaneceu circulando e incomodando por muito tempo”<sup>118</sup>.

Na edição de 15 de setembro de 1966, 4ª página, o referido jornal publicou na íntegra o Manifesto dos Bispos do Nordeste em apoio aos militantes da Ação Católica Operária (ACO), Ação Católica Rural (ACR) e da Juventude Agrária Católica (JAC), por terem publicados documentos sobre a realidade dos trabalhadores urbanos e rurais do nordeste, e serem acusados de agitadores comunistas por setores da imprensa e do governo:

Diante de documentos tão objetivos, cumpre-nos agradecer-vos, caros Militantes e Assistentes, a contribuição que eles representam em prol da verdade e da justiça. Ao ensejo da nossa reunião, queremos reafirmar nossa inteira solidariedade aos trabalhadores especialmente aqueles que passam fome, sofrem pressão ou são vítimas de injustiças. Proclamamos com o Concílio que o trabalho supera em valor e em dignidade aos demais elementos da vida econômica e reconhecemos que não pode haver desenvolvimento ou promoção onde não se coloca o homem em primeiro lugar. Onde se despreza a pessoa humana, onde não se têm as vistas voltadas

---

<sup>117</sup> A Defesa, 15/04/64, p. 4, e 30/04/64, p. 1 e 4.

<sup>118</sup> Adiberto de Souza: Dom José Brandão de Castro, Jornal ‘A Defesa’ e a Polícia Federal, in <http://www.tribunadapraiaonline.com>, acessado no dia 29/11/11, às 09hs42.

para o Bem Comum ou não se defende a igualdade essencial de todos os homens, não existe desenvolvimento nem cristianismo. A Igreja, Mãe e Mestra de todos, não toma posição contra ninguém. Colocada no mundo para servir, sente-se devedora a todos, patrões e operários, assalariados e proprietários, pobre, ricos e homens de condição média. Se, por imperativo de consciência, condenamos a injustiça, não queremos acentuar as divergências entre os homens ou entre os grupos sociais: queremos sim unir cada vez mais os membros do Povo de Deus. Entretanto a solicitude maternal da Igreja há de voltar-se de preferência para os que sofrem, os que não conseguem ganhar o pão para si e sua família, mesmo com o suor abundante de seus rostos, para aqueles que parecem condenados à estagnação em condições infra-humanas de vida<sup>119</sup>.

O próprio Dom José Brandão deu seu apoio a Ação Católica Operária do Recife quando esta lançou o Manifesto ao Brasil «NORDESTE: DESENVOLVIMENTO SEM JUSTIÇA», publicado no dia 1º de maio de 1967, dizendo que

trata-se de um apelo confiante aos técnicos do Desenvolvimento para que não percam de vista o «HOMEM» no planejamento novo que prepararam para ser lançado em 1968, o Terceiro Plano Diretor da SUDENE. (A Defesa, 25.05.67, p. 1).

Na noite do dia 1º de junho de 1967, ao receber o título de Cidadão Sergipano da Assembléia Legislativa de Sergipe, juntamente com o Bispo de Estância, Dom José Bezerra Coutinho, indicado pelo deputado Francisco de Melo Novais e tendo como relator o Deputado Wolney Melo, confirmou que estava em sintonia com o pensamento social da Igreja: “Nossa missão é ajudar nossos irmãos a realizar seu destino de pessoas humanas” (A Defesa, 10/06/1967, p. 4).

Continuando, publicou como manchete em seu jornal *A Defesa*, do dia 20 de julho de 1967, o manifesto da Juventude Agrária Católica (JAC), datado de 10 a 26 de maio de 1967, demonstrando a *angústia e as aspirações* dos trabalhadores rurais do Brasil. Documento que é fundamentado no ensinamento social da Igreja, principalmente em sintonia com a recém publicada encíclica *Populorum Progressio*, de 26 de março de 1967, que denuncia a situação de injustiças sociais no mundo:

---

<sup>119</sup> Bispos da CNBB Nordeste II: Dom Helder Câmara (Olinda e Recife); Dom José Maria Pires (João Pessoa), Dom Adelmo Machado (Maceió); Dom José Adelino (Garanhuns), também em nome de Dom Nivaldo Monte (Natal); Dom Manuel Pereira (Campina Grande), Dom Severino Mariano (primo de Dom Távora, de Pesqueira); Dom Augusto Carvalho (Caruaru); Dom Antonio Campelo (Petrolina); Dom Manuel Lisboa (Nazaré da Mata); Dom Francisco A. Mesquita (Afogados da Ingazeira); Dom Francisco Xavier (Floresta); Dom Acácio Alves (Palmares); Dom José Lamartine (Auxiliar de Dom Helder), também por delegação de Dom Diniz Barreto (Mossoró).

“DESENVOLVIMENTO É O NOME DA PAZ: 76. As excessivas disparidades econômicas, sociais e culturais provocam, entre os povos, tensões e discórdias, e põem em perigo a paz. [...] Combater a miséria e lutar contra a injustiça, é promover não só o bem-estar, mas também o progresso humano e espiritual de todos e, portanto, o bem comum da humanidade. A paz não se reduz a uma ausência de guerra, fruto do equilíbrio sempre precário das forças. Constrói-se, dia a dia, na busca de uma ordem querida por Deus, que traz consigo uma justiça mais perfeita entre os homens<sup>120</sup>.”

O bispo, à luz da referida encíclica, defende uma ação eficaz para o verdadeiro desenvolvimento humano na região de sua Diocese, como forma concreta de combate à pobreza e à miséria, afim de que o povo pudesse viver dignamente e, conseqüentemente, em paz. Em agosto de 1967, esperando o Ministro do Interior, responsável pela SUVALE (Superintendência do Vale do São Francisco), em visita a Propriá, ele afirmou categoricamente:

Se o caminho da paz, como disse Paulo VI, na *Populorum Progressio*, passa pelo desenvolvimento, este só merecerá esse nome se for integral. E será integral se atingir todos os homens e o homem todo. Mas o homem todo só será atingido, se se levar em conta o verdadeiro humanismo, aquele que não permite que o econômico seja separado do humano, aquele que ignora no homem a faceta espiritual. É, pois, chegado o momento em que a técnica, de mãos dadas com o humanismo, deve incentivar o desenvolvimento sócio-econômico deste Vale, para que ele, deixando de ser «vale de lágrimas» venha a ser realmente o «vale de maravilhas». (A Defesa, 20/08/67, p. 1).

O acontecimento da II Conferência Episcopal da América Latina em Medellín, Colômbia, em agosto de 1968, passou pela manchete do jornal diocesano apenas como um momento de grande importância histórica porque, pela primeira vez na história da América Latina, um Papa - Paulo VI – visitava o continente. As manchetes estavam direcionadas aos preparativos da festa dos 250 anos da Paróquia de Propriá, do jubileu de prata sacerdotal do bispo diocesano e às visitas importantes: o Núncio Apostólico Sebastião Baggio, Dom Helder Câmara, Dom Távora e a vinda dos bispos de Sergipe e da Bahia para a reunião do Regional Nordeste 3 da CNBB<sup>121</sup>. A entonação pastoral da mensagem de Medellín vai ser sentida no discurso de Dom Helder proferido após a celebração jubilar.

<sup>120</sup> Populorum Progressio. Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa Paulo VI sobre o Desenvolvimento dos Povos. São Paulo: Edições Paulinas, 1977, 7ª edição, 72 p.

<sup>121</sup> A Defesa, 02/10, p.1 e 22/11/1968 p. 1 e 3.

No dia 20 de outubro de 1968, ano de chumbo do regime militar, durante festa, recebeu apoio público de Dom Hélder Câmara, em frente às autoridades civis e militares, na defesa da reforma agrária nas várzeas naturais ao longo do Vale do São Francisco, discurso que recordava o pedido dos bispos da região nas reuniões ocorridas nos anos 50:

[...] Nós temos que pensar também na vida terrena, porque é através da vida terrena que nós chegamos à vida eterna. Nós não temos direito de esquecer o lado físico, material, terreno da vida humana, porque nós sabemos que Deus nos fez, de tal maneira, alma e corpo unidos, que não é possível nós esquecermos o corpo. A Igreja não pode ficar indiferente a ver criaturas que tenham necessidade, que estejam numa situação difícil, que estejam numa situação que não chega a ser humana. A Igreja tem que se preocupar, mesmo porque ela não quer desenvolvimento apenas para alguns. Ela quer desenvolvimento para todos os homens. E ela se preocupa. Ela sabe que sem justiça não haverá verdadeiro desenvolvimento. Ela sabe que, sem justiça, não haverá paz no mundo. [...] Nós precisamos [agir] porque o povo está cansado e nós não podemos deixar que se esgote a paciência do povo. Temos que chegar a tempo. [...] Nós sabemos que nesta região do São Francisco, aqui mesmo no nosso Sergipe e ali defronte em Alagoas há vales úmidos. Pois bem, a Ação, Justiça e Paz deve preocupar-se em ajudar as autoridades a conseguir, quanto antes, a recuperação desses vales úmidos. Nós podemos imaginar o arrozal que há de rebentar em Betume, do lado de cá, em Marituba, em Boacica, do lado de Alagoas. A Ação, Justiça e Paz, procurando levar à prática as preocupações de Medellín, não pode deixar de alegrar-se, vendo que estão chegando a São Brás fábricas que vão beneficiar produtos agrícolas de nossa região. [...] E assim tudo o que puder melhorar a situação do homem interessa a Igreja e interessará a Ação, Justiça e Paz. Nós queremos o desenvolvimento de todos, o crescimento de todos. Pois, se alguns ficarem poderosos e muito ricos e a massa ficar na miséria, sem justiça, não haverá paz. Nós vemos com alegria e estaremos aí para incentivar as experiências que estão começando para a criação de peixes. Criatório científico de peixes. Melhorar não só o rendimento, não só o orçamento doméstico do nosso homem no campo, mas também a alimentação da nossa gente, que é tão deficiente e tão precária. [...] Vou pisar num terreno delicadíssimo. Mas não há alusão a ninguém em particular, porque a culpa ninguém pode dizer que seja deste ou daquele. É a estrutura que é injusta e que precisa mudar. E o melhor é que há remédio, há caminho. Por exemplo, a situação do meeiro do arroz, nesta região. É uma situação difícil. Eu não preciso ensinar isso à gente humilde deste lugar, que ela sabe melhor do que eu, mas eu estou aqui para dizer que a Igreja está dentro do sofrimento do povo. E o remédio é simples. Juntarmos em cooperativas esses trabalhadores que hoje são meeiros. Uni-los em cooperativas para que eles não fiquem na dependência de aceitar um empréstimo de quem pede empréstimo, juros mais altos de quem paga juros e depois ter que ficar com toda a sua produção nas mãos dos poderosos. Nada como o povo se unir e ter a sua cooperativa.

[...] Vamos resumir tudo isso. Nós precisamos de ação, porque não bastam palavras. Nós precisamos de ação, porque até nem basta que haja leis. Se não houver ação para ajudar as leis, as leis correm o perigo de ficar no papel. Ação para que haja justiça e justiça para que haja paz. A Igreja preocupada com a paz sabe que o novo nome da paz é desenvolvimento. Mas ela sabe que o desenvolvimento que é sinônimo de paz é o desenvolvimento integral. É desenvolvimento do homem todo, corpo e alma, vida terrena e vida eterna. É desenvolvimento de todos os homens. [...] Senhor, que haja justiça, para que haja paz, desenvolvimento do homem todo e de todos os homens. Amém<sup>122</sup>.

Este discurso comprometeu os representantes governamentais presentes a ponto de, a partir dos anos 70, comparecerem na região técnicos do governo para ver como concretizar a proposta.

### 3.2.2. Segundo período 1969-1978

Este segundo período é marcado por vários fatores que influenciaram nas posições pastorais assumidas por Dom Brandão: o endurecimento do regime militar; a grande seca de 1970; os agentes de pastorais assumem a evangelização como um processo de inculturação<sup>123</sup>, vivendo o evangelho no meio dos pobres formando as CEB's e ajudando nas suas organizações; a exploração dos pobres e sua exclusão da terra sensibilizam os agentes pastorais; Dom José Brandão lança Cartas Pastorais em defesa da luta pela terra dos camponeses do Betume. As reações contrárias à Diocese e ao Bispo são organizadas e realizadas publicamente.

<sup>122</sup> A Defesa, 22/11/1968, p. 3.

<sup>123</sup> Entendida aqui conforme o conceito do Marcelo Azevedo, sj: "A evangelização inculturada é mediação dialogal e pedagógica tanto nos contatos com as culturas autóctones e tradições recentes ou milenares como na relação com as culturas modernas e pós-modernas e suas múltiplas e diversas subculturas. Será sempre a partir de dentro delas e do fundo mais autêntico de suas identidades que se procederá ao discernimento evangelizador. Este as ajudará a descobrir nelas e por elas mesmas as riquezas humanas e os vestígios de Deus. Mas igualmente as verá identificar, por si mesmas, sob a luz do Espírito, as marcas de ruptura e de pecado que necessitam de purificação". (AZEVEDO, 2001, p. 33). No entanto, Comblin nos adverte: "... a inculturação não se faz por decreto. Não se faz pela decisão pastoral dos evangelizadores. Pois ela é feita por cada povo. A inculturação é imprevisível. Não se pode saber de antemão se um povo se abrirá ou não, se aceitará algo do cristianismo ou não. Ele mesmo decide o que aceita ou não. O diálogo nascerá ou não. Ninguém pode decidir quando nascerá. Não nasce somente porque um missionário quer. Mas é claro que somente se tornará viável a partir de uma longa e profunda convivência. Num momento dado começa uma compenetração entre o cristianismo e outra cultura. Com certeza todos os chamados planos de pastoral são inúteis nesta matéria". (COMBLIN, 2002, 2ª Ed. p.306)

Neste período chegaram mais agentes de pastoral: as Irmãs Escolápias (Escolares)<sup>124</sup>, as Vicentinas<sup>125</sup>, as Irmãs de Notre Dame de Namur<sup>126</sup>, os Irmãos Maristas<sup>127</sup>, missionários leigos<sup>128</sup>, e as Irmãs da Providência de Gapp<sup>129</sup>.

Tudo está acontecendo no espaço político dominado pela ditadura militar. Apesar da seca<sup>130</sup> e das tensões do regime militar, os agentes de pastoral não se deixam intimidar e nem desanimam. Estão juntos com seu bispo. A conjuntura exige unidade e solidariedade entre todos da Igreja local e com a Igreja regional<sup>131</sup>. Dom Brandão avança e publica suas condolências a Dom Hélder Câmara no jornal

<sup>124</sup> No dia 12/02/1970 chegaram as Irmãs Escolares para Brejo Grande: Ir. Calistina, Ir. Catarina, Ir. Holofina e Ir. Ana. (A Defesa, 12/03/70, p. 1)

<sup>125</sup> No dia 23/02/1970 chegaram três irmãs Vicentinas para trabalhar na Paróquia de S. Miguel: Ir. Chantal, Clotilde, Aparecida e, dias depois, a Ir. Rosicler. (A Defesa, 12/03/1970, p. 1).

<sup>126</sup> No dia 11/04/1971, chegaram a Aquidabã as Irmãs Elisabete Ryckaert, Gertrudes Brant e Margarida Torfs, procedentes de Berchem, próximo a Antuérpia, Bélgica. (A Defesa, 13/06/1971, p. 1). Depois chegou a Irmã Joana Vermeulen (A Defesa, 11/04/1972, p. 4)

<sup>127</sup> No dia 09 de fevereiro de 1974, chegou o Irmão Salatiel Amaral, abrindo uma comunidade no Bairro Brasília, em Propriá. Neste mesmo ano chegou o Pe. Etienne Lamaire.

<sup>128</sup> Em 1975, chegou o cearense Raimundo Eliete, que se somou aos freis Enoque e Roberto (OLIVEIRA, 2007, p. 51). Em abril de 1976 chegou uma equipe do movimento missionário belga “Entraide et Mission” ligado aos Missionários Redentoristas: Pe. Cristiano de Paul de Barchefontaine e o casal Jean Noel e Nanou. O Pe. Cristiano foi cooperador da Catedral junto ao Pe. Etienne Lamaire (A Defesa, 25/04/1976, p. 4).

<sup>129</sup> Residência em Japoatã. Chegaram em 1978 as Irmãs Guiomar, Andréia, Inês, Maria Lúcia, (depois vieram Aparecida, Lêda, Regina, Zélia, Sandra e Eliete) – Nota do autor.

<sup>130</sup> “Há poucos dias, foi criada aqui em Porto da Folha, uma sociedade, com o nome de “Ação Fraternal”. Nesta ação, trabalham cerca de vinte pessoas, como leigos engajados, inclusive a minha humilde pessoa. Elas estão encarregadas de visitar os necessitados para auxiliá-los segundo as contribuições que este mesmo grupo arranja com os cristãos de boa vontade. Este, até agora, tem concorrido para que os pobres passem menos fome. – Ó Senhor Deus, que fome! Óh! Só nós que visitamos, podemos comprovar mediante as lamentações do povo, talvez injustiçado, não sei se digo bem estas palavras, mas tudo indica. Em muitas casas, pois, se ouve dizer quando perguntamos: “aqui tem alguma pessoa que trabalha na frente de emergência?”. E nos responde alguém: “tem, sim!, mas o ganho não dá para nada. Somos dez pessoas! Às vezes, vivemos passando fome, e mesmo! Que são Cr\$ 14,00 (catorze cruzeiros) se a maioria dos gêneros sofre alta demasiada e o dinheiro é sempre Cr\$ 14,00.” – Em outras casas se ouve: “Tinha este menino, mas ele só tem 13 anos. Por isso, foi tirado do serviço!” E ainda em outras: “Não há nenhuma na frente de emergência, porque não há gente de trabalho!” Pessoas velhos e velhas sem assistência! Fome... Fome... Apelamos para vós homens, filhos de Deus, que governais os meios pelos quais bem podeis vos lembrar que Porto da Folha existe e que, por existir, grita por vós. Ó homens dos poderes que venhais em auxílio dos seus filhos, que sofremos terrível flagelo da seca. (Testemunho do Poeta Manoel Antonio de Miranda Filho, in A Defesa, 03/03/71 p. 3).

<sup>131</sup> “A virada da Igreja em direção ao povo provoca não apenas tensões, mas também uma situação de confronto em relação às classes dominantes e ao poder político (citando a encíclica *Populorum Progressio*, em que Paulo VI advoga o direito dos pobres e dos povos do terceiro mundo). O poder dominante, as classes dominantes e alguns setores da própria Igreja, depois de um momento de perplexidade, tornaram-se agressivos. A Igreja que se renova passa a ser considerada como traidora, por ter-se passado para o “outro lado”. Assim, ela não somente deixa de gozar dos benefícios da aliança com o poder, como também passa sofrer represálias secretas e indiretas ou abertas e violentas a começar pelos elementos do clero considerados como peças-chaves(o que funciona como advertência e desestímulo). E, quando as advertências não são ouvidas ou entendidas, então as represálias assumem um caráter mais extenso, claro, direto e violento”. (MARTINS, 1979, p. 25)

diocesano pelo bárbaro assassinato do Pe. Antonio Henrique no dia 27 de maio de 1969<sup>132</sup>, e o defendeu publicamente em seu jornal, indo de encontro à TV Globo que abre campanha difamatória contra o mesmo em rede nacional<sup>133</sup>. É solidário ao padre maranhense José Antonio Magalhães Pinto que foi preso e torturado<sup>134</sup>. E, diante do enrijecimento da ditadura, passando sobre o controle midiático do regime, publicou a Declaração da Comissão Central da CNBB, que se reuniu no dia 20 de setembro de 1969, sobre a realidade do país <sup>135</sup>:

[...] 1. Ninguém contesta que o Brasil está em regime de exceção, circunstancial e transitório. Compreendemos as causas da atual situação. Consideramos, porém, indispensável que o Brasil retorne à normalidade jurídica, mediante uma Constituição, capaz de consultar reais interesses e anseios nacionais.

2. Esta exigência supõe, evidentemente, o funcionamento normal dos poderes Legislativo e Judiciário.

3. O cristianismo ultrapassa e transcende formas de governo e regimes políticos. Sua mensagem, porém, não pode ser indiferente à situação concreta do povo. Se não cabe à Igreja conduzir oficialmente e indicar com exclusividade o processo de transformação das estruturas temporais, cabe-lhe, entretanto, apresentar princípio e normas que, à luz do Evangelho, possam aclarar modelos e projetos de convivência social.

4. Verificamos, com profunda tristeza, o alargamento dos conflitos ideológicos no seio da família brasileira. Lamentamos as posições radicalizadas em suas variadas manifestações, como os movimentos terroristas de direita e de esquerda, atividades clandestinas, prisões, torturas, seqüestros e, fruto trágico deste clima, a pena de morte. A precipitação e a violência dos inconformados trazem consigo males, às vezes irreparáveis. A força pela força não promove a solidariedade, antes estimula a clandestinidade. Como Pastores, grande será a nossa alegria quando tivermos a certeza de que, a despeito das divergências das opiniões, há lugar para todos na construção na Cidade dos homens, a caminho da Casa do Pai... (A Defesa, 11/10/1969, p. 1).

As reações dos militares, políticos e fazendeiros à ação pastoral da Igreja tiveram início, primeiramente, contra os missionários redentoristas: no dia 04 de outubro de 1969, Dom José Brandão responde carta recebida do Sargento Meira, no “dia anterior,” pedindo a relação dos padres, freiras e leigos estrangeiros que atuam

---

<sup>132</sup> A Defesa, de 06/07/1969, à p. 2.

<sup>133</sup> A Defesa, 13/09/1970, p. 1 e 2, e de 03/12/1970 (no Editorial). Ver também a declaração de Dom Helder sobre o programa com Amaral Neto, veiculado pela TV Globo, Canal 2, no dia 24/08/70, contra ele.

<sup>134</sup> A Defesa, 13/09/ 1970, p. 1.

<sup>135</sup> A Defesa, 11/10/1969, p. 1

na diocese de Propriá, o que obrigou Dom Brandão a defender os padres de origem belga:

“União com os irmãos, com todos os nossos irmãos! É triste, meus caros amigos, eu falo agora com a franqueza de um Bispo e de um Pai espiritual, é triste, quando nós vemos esses homens mal compreendidos, mal interpretados. Há pessoas que lhes seguem os passos, como se estivessem seguindo os passos de um bandido. Homens que se dedicam a toda prova, suspeitos, muitas vezes, de serem comunistas! Ora, quem assim pensa, não tem o que fazer. Ou, como eu disse uma vez, aí, na zona rural, onde espalhavam que os padres eram comunistas: ‘Comunistas são aqueles que pensam e dizem que os padres belgas são comunistas’. Porque eles só querem o bem do povo. Que o povo não seja explorado. Que o povo seja promovido. Que todos tenham uma felicidade temporal e eterna. E talvez isto melindre algumas pessoas que acham melhor barrar o seu caminho, atrapalhar sua atividade, arrasar com sua vida. Ah! Meus prezados irmãos, é com o sentimento de Bispo e de Pastor que eu digo isto: Padres dedicados à toda prova! E agora os nossos católicos, ou que se dizem católicos, imaginando cobras e lagartos a respeito deles. Todos sabem que neste momento, na região rural de São Miguel, Boa Esperança, Soldeiro, Marcação, Cacimbas, estão quinze irmãs religiosas que vieram de São Paulo para trabalhar para o povo desta região que muita gente, mesmo talvez de Propriá, nunca tenha visitado. Elas estão encantadas com o povo, trabalhando com aquela gente de nossa zona rural, para promover esses brasileiros em todos os sentidos. Então, união com todos os irmãos. Somos todos irmãos”. (A Defesa, 28/01/1970, p. 1).

O clima de tensão não é só entre a Igreja e o Estado, mas dentro da própria Igreja. Sergipe já não conta mais com o apoio de Dom José Vicente Távora, falecido no dia 03 de abril de 1970, que era um animador dos movimentos libertários dos trabalhadores e na resistência contra o regime militar. Era de conhecimento público que o seu sucessor, Dom Luciano José Cabral Duarte, havia aderido ao regime militar<sup>136</sup> e, tão logo assumiu o Arcebispado, expulsou os padres franceses, brasileiros e religiosas afinados pastoralmente com a perspectiva pastoral do seu antecessor. Diante desta postura ideológica e, conseqüentemente, pastoral, acontece um distanciamento afetivo e pastoral entre as duas Igrejas, Propriá e

---

<sup>136</sup>“Batalhador contra os movimentos de esquerda dentro da Igreja antes de 1964, inclusive como assistente eclesiástico da JUC, identificado com a pregação anticomunista, revelou-se um adepto importante do regime [...]. Com a Instauração do Estado Autoritário sua influência aumentou ainda mais. Visitou presos, celebrou missa no Quartel 28º e impôs-se como elemento de confiança e interlocutor junto às autoridades castrenses, ganhando terreno. Ao sagrar-se Bispo Auxiliar, por força do cargo, tenderiam a aumentar, embora plenas de dificuldades, mesmo porque raramente se encontrariam dois tipos tão diferentes. Embora irmanados na mesma religião e no mesmo pastoreio, quantas discrepâncias”. (DANTAS, 1997, p.146). Curiosa esta visita aos presos... a historiografia no futuro deverá examinar melhor esta atividade pastoral do arcebispo.

Arquidiocese de Aracaju, entre o bispo de Propriá, Dom José Brandão de Castro e o seu Metropolita, estreitamento que só foi recuperado no período de Dom José Palmeira Lessa como 3º Arcebispo, a partir de março de 1996.

Dom Brandão prossegue sua missão e, diante da situação política do país e de miserabilidade do povo nordestino, se soma aos Bispos do Nordeste II<sup>137</sup> e aos Superiores Religiosos do Nordeste, e assina o bombástico documento “*Eu ouvi os clamores do meu povo. (Êxodo 3,7)*”<sup>138</sup>, no dia 06 de maio de 1973, denunciando as injustiças e as atrocidades praticadas pelo regime militar:

A situação sócio-econômica, política e cultural, de nosso povo desafia a nossa consciência cristã. Subnutrição, mortalidade infantil, prostituição, analfabetismo, desemprego, discriminação, cultural e política, exploração, crescente desigualdades entre rico e pobres e numerosas outras conseqüências caracterizam uma situação de violência institucionalizada em nosso país. Os ricos se tornam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres pelo processo avassalador da concentração econômica inerente ao sistema. Por outro lado, a necessidade de repressão, para garantir o funcionamento e a segurança do sistema capitalista associado, manifesta-se cada vez mais imperiosa, revelando-se inexorável no cerceamento das instituições constitucionais dos legislativos, na despolitização dos sindicatos rurais e urbanos, no esvaziamento das lideranças estudantis, enfim no dispositivo da censura, nas medidas de perseguição a operários, camponeses e intelectuais, nos vexames infligidos a padres e militantes das igrejas cristãs, tudo isso assumindo as mais variadas formas de encarceramento, torturas, mutilações e assassinatos<sup>139</sup>.

O Documento foi apreendido pelos militares e, obviamente, teve sua divulgação proibida, mas circulou do mesmo jeito. Alguns fatos concretos ocorridos na diocese de Propriá ilustram a situação:

<sup>137</sup> Sergipe e Bahia formam o Regional da CNBB NE III. Os Estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e do Rio Grande do Norte formam o NE II.

<sup>138</sup> “A preparação deste documento foi um dos milagres de Dom Helder. Ele teve a idéia. A equipe, coordenada por Dom Lamartine, trabalhou o tema. Dom Marcelo [Carvalho] e Ernani Pinheiro fizeram o primeiro esboço. A equipe coordenadora ia de diocese em diocese para fazer reuniões, ouvir as pessoas e completar o texto. A gente passava uma noite lendo o documento, estudando e dando opiniões. Eles anotavam as opiniões de cada um e iam para outra diocese. Percorreram todas as dezoito dioceses do Nordeste, voltaram com o material, e o reelaboraram. Nada foi enviado pelo correio; foi tudo assim, direto. Quando estavam pronto e assinado foi para a publicação. Foi uma verdadeira bomba, porque passou despercebido a toda inteligência do Exército e as acusações à ditadura eram, realmente, muito sérias! Teve uma repercussão muito grande!” (Testemunho de Dom José Maria Pires, Arcebispo Emérito da Paraíba in PASSOS, 2011, p.80).

<sup>139</sup> Eu Ouvi os Clamores do Meu povo. Êxodo, III,7. Documento de Bispos e Superiores Religiosos do Nordeste, 06 de maio de 1973. Recife: Salesianos, Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, 2003. p. 27-28.

### 3.2.2.1 O caso da ocupação da Cooperativa Camurupim

No dia 27 de agosto de 1973, a Polícia Federal fez buscas na sede da Cooperativa Camurupim, coordenada pelo Pe. Domingos Puljiz, no Centro Social do Povoado Santa Cruz, da mesma Cooperativa, onde residia o irmão Guido e na casa das Irmãs de São Vicente de Paulo de Gyseghem, que ajudavam na cooperativa. No dia 29 seguinte, o Pe. Domingos foi à sede da Polícia Federal, em Aracaju, para saber dos motivos, mas só foi informado que “se tratava de assunto de Segurança Nacional”<sup>140</sup>. Manifestações de comunhão e solidariedade chegaram de várias partes do Brasil:

Prezado irmão, recebi sua circular. É doloroso ver os pobres sofrerem. Mais triste ainda é não fazer nada por quem sofre. Alegria esperançosa é quando há alguém que os defenda. Creio que sua circular fez bem a Igreja toda no Brasil. Há ainda quem defenda os pobres e humildes. Queira transmitir ao seu padre e suas religiosas a certeza de nossas orações na perseverança deles e serviço aos irmãos. Creio que o problema é o mesmo. As manifestações dos males do sistema de repressão é que variam de lugares. Mas a iniquidade continua tendo sua expressão. Estou sabendo que os nossos irmãos [bispos] de Mato Grosso (ou Maranhão) vão se manifestar em conjunto pelos pobres que estão sendo expulso de suas terras compradas pelos poderosos de São Paulo. Será mais um testemunho semelhante ao pessoal de Pedro Casaldáliga... Bem meu irmão fique certo de nossa união a você e a sua Igreja em Propriá, + Waldyr. (Bispo de Volta Redonda, RJ, 17.08.1973).

Caro amigo Dom José Brandão... Não é preciso dizer-lhe que estou inteiramente solidário com vocês que foram vítimas de arbitrariedades policiais. O clima é de insegurança. A diferença entre o regime anterior e o atual, em matéria de insegurança é que antes a insegurança era causada por facções extremistas, hoje são os próprios representantes do poder que deixam todo mundo na insegurança. Desconfia-se de tudo e de todos. Qualquer cidadão pode ser detido e ver sua casa vasculhada e violada e intimidade do seu lar... Você sabe perfeitamente que nós não pretendemos acobertar a subversão ou a desordem ou o extremismo. Nosso jogo é sempre claro como devem ser todos os gestos da Igreja. O que nós censuramos e repudiamos, no atual sistema de governo, é a suspeita infundada de que todo trabalho com o povo ou em benefício do povo contem sementes de agitação ou de subversão. Muitas iniciativas nascidas da fé ou do mais puro idealismo abortam em razão do medo que se tem da acusação de subversivo. Assim, o que caracteriza as relações entre governo e o povo pe o medo. O governo tem medo do povo e, por isso, tenta impedir pela força, as

<sup>140</sup> Histórico da Busca Policial na Cooperativa do Camurupim - O fato como se deu: Dom José Brandão de Castro, (A Defesa, 02/09/1973).

manifestações populares mesmo as mais legítimas como é o direito do voto. O povo tem medo do governo e se torna cada vez mais acomodado e subserviente. Como nos países, vivemos numa atmosfera de medo. É neste contexto que a Igreja não pode faltar à sua missão de anunciar a liberdade e pregar o amor. O que vocês vem fazendo aí, com esse grande esforço pastoral que tive a felicidade de conhecer de perto, é um belo testemunho de fé, de liberdade e de amor aos homens. Ele deve continuar tranqüila e corajosamente. Que o Senhor seja o sustentáculo dessa obra e de seus promotores. Fraternalmente, em Cristo, José Maria Pires” (Arcebispo da Paraíba, Carta, São Paulo, 29.09.1973).

Prezado Dom José Brandão... Antes de tudo queira receber o testemunho de minha solidariedade a sua marcha. O importante é ser fiel aos planos de Deus que nos ilumina e conforta, sobretudo quando prova a nossa fé e exige que lhe sejamos fiel. Rezemos uns pelos outros, pela Igreja e pela Pátria. Dia virá em que se há de reconhecer que estamos colaborando pelo triunfo da verdade e da justiça. Se somos vigiados pelos homens, somos protegidos por Deus. Receba com muita estima o cordial abraço do irmão em Jesus Cristo, + Fernando Gomes (Arcebispo de Goiânia, GO, 01.10.1973). Dom José Brandão de Castro [...] Vocês dizem muito bem que “estas visitas fazem parte do esquema montado”. Sabemos disto. Ainda estes dias, com a excusa de um “Aciso”, temos a área da Prelazia sob controle de armas e revistas[...] Eu mesmo fui revistado, por duas vezes, numa só viagem, esta semana. Foram também revistados dois Padres, e tiraram de um deles uma carta e vários documentos eclesiais... A cruz é nossa força. Demos graças a Deus. Na comunhão sincera, crescente, seu irmão, Pedro Casaldáliga” (Bispo da Prelazia de São Félix, Mato Grosso, 20.X.73).



Dom Pedro Casaldáliga, Dom Brandão e Ir. Francisca em Santana dos Frades (Acervo de Ir. Francisca)

As perseguições foram além dos padres de origem belga: no início de 1974, a Pólicia Federal vetou os nomes dos Padres Claudio Philippe para Presidente da Ação Social da Paróquia de Japarutuba, Miguel Derideau da Ação Social da Paróquia de Propriá e, também, o de Mons. José Moreno Santana, para a Ação Social de Neópolis, sem qualquer esclarecimento<sup>141</sup>, impedindo, desta forma, repasse de recursos governamentais da LBA (Legião Brasileira de Assistência) para tais entidades.

### 3.2.2.2 O caso da agressão ao frei Roberto Eufrásio

O frei Roberto Eufrásio, missionário franciscano em Porto da Folha, que foi agredido pelo filho do fazendeiro da Fazenda Araticum, no dia 02 de fevereiro de 1974, provocou um levante solidário em toda diocese. O bispo convocou todas as paróquias a participar da missa de desagravo, que aconteceu no dia 17 de março, em Porto da Folha, com a presença dos padres, religiosas e representantes de várias comunidades. Frei Roberto relata uma de suas visitas missionárias à referida fazenda:

“Fomos à fazenda Araticum, situada à margem do Baixo São Francisco. Durante o dia, eu, frei Enoque e o missionário Júlio Justino fomos visitar a rua dos moradores. Chegamos até a lagoa onde os trabalhadores plantavam arroz. No trabalho eles contaram de como eram tratados, de suas filhas defloradas pelos filhos do fazendeiro Elpídio, dos açoites no trabalho, morador lançado ao rio com uma pedra no pescoço, jovem trabalhador arrastado na cauda de um cavalo pelo Zé Pretinho, filho do proprietário. Conversamos entre nós sobre esses fatos, além do regime de meação na hora da colheita do arroz, da medida grande do patrão ao receber a sua parte. Oramos. No dia seguinte, à noitinha, começamos a celebrar a missa na frente da capelinha da fazenda perto dos moradores. Logo desceu o carro da fazenda com o pai e os filhos. O evangelho lido eram as bem-aventuranças de Lucas 6,20-26. Enoque anunciou a felicidade dos pobres. Comigo ficou a maldição aos ricos. Neste momento em que fiz a advertência a eles diante de sua exploração, os filhos intervieram acusando-nos de comunistas, subversivos. O clima esquentou. O velho mandando os filhos calar e, nada! Então, propus uma conversa depois da missa onde eles podiam expor suas reclamações e assim aconteceu. Quais eram as queixas básicas? 1 - Por que os senhores não se hospedam na casa-grande? Os padres anteriores sempre se hospedam conosco. 2 - Por que não celebram a missa em frente da Casa Grande iluminada, preferindo celebrar nesta capela sem iluminação? 3 - Por que e com que autoridade

<sup>141</sup> Carta de Dom José Brandão ao “amigo” João Moreira, do SNI, em 09/08/1974 e ao Ministro da Justiça, Armando Falcão, em 27/08/1974.

ensinam aos moradores leis de arrendamento? Frei Enoque, Júlio e eu procuramos responder a estas questões. E a conversa encerrou-se com esta declaração: ‘amanhã às oito horas desocupem a fazenda!’” (OLIVEIRA, 2007, p. 27-28).

A Igreja da América Latina celebra a realização da II Conferência Episcopal de Medellín, na Colômbia, realizada em agosto de 1968. Este documento vem enraizado espiritualmente, conforme Oscar Beozzo, nas encíclicas *Mater et Magistra* (1961)<sup>142</sup>, *Pacem in Terris* (1963)<sup>143</sup>, e nos documentos do Concílio Vaticano II<sup>144</sup>. Para a maioria dos estudiosos a Conferência de Medellín é a inculturação do Concílio Vaticano II na América Latina<sup>145</sup>. O documento, na sua mensagem, mostra sensibilidade à situação de injustiça em que vive o povo latino americano, e convida a todos à conversão a fim de que, a partir do amor, ensinado e testemunhado por Jesus, se possa reagir:

“A Igreja Latino-Americana tem uma mensagem para todos os homens que neste continente têm «fome e sede de justiça. O mesmo Deus que criou o homem à sua imagem e semelhança, criou a terra

---

<sup>142</sup> “Pela primeira vez na doutrina social da Igreja, de modo largo e preciso, a questão da terra e da reforma agrária, tema que está no coração e nas marcas do sofrimento de todos os deserdados da América Latina, índios, camponeses, favelados, cujo drama começa e termina na privação da terra. (BEOZZO, 1993, p. 118).

<sup>143</sup> “Nascida da crise que envolveu os supergrandes a propósito da instalação de mísseis atômicos em Cuba, levando o mundo à beira de uma III Guerra Mundial e de um confronto nuclear, chamou a atenção do mundo sobre a necessidade de respeito e colaboração entre os diferentes regimes sociais e políticos. Na América Latina, isto significava o direito de Cuba à sua experiência social e política, uma denúncia da guerra fria e uma resposta à questão em que se debatiam os militantes leigos dos diferentes movimentos de Ação Católica sobre a liceidade da colaboração, no terreno do social, do político, da justiça, entre cristãos e movimentos históricos vindos de outros horizontes doutrinários e ideológicos<sup>143</sup>. (BEOZZO, 1993, p. 118).

<sup>144</sup> “... inspira-se, é certo, na *Lumen Gentium*, na *Gaudium et Spes*, mas principalmente em certas correntes que se estruturaram ao longo do concílio como compromisso com os mais pobres e com a Justiça. Encontram-se nesta linha os bispos dos cinco continentes que se reuniam todas as sextas-feiras, na Domus Mariae, a convite do CELAM e sob o patrocínio do cardeal Suenens, arcebispo de Malines-Bruxelles e um dos quatro moderadores do Concílio e que se preocupava de fazer o Concílio andar na direção das grandes Encíclicas Sociais e do que queria o papa João XXIII. Também o grupo de padres conciliares comprometidos com a “Igreja dos Pobres”. (BEOZZO, 1993, p. 119).

<sup>145</sup> “Medellín, assume a tarefa de codificar o caminho tomado por muitas de nossas Igrejas, que haviam assumido o dinamismo inaugurado pelo Vaticano II, traduzindo-o em grandes opções “pelo homem, por nossos povos, pelos pobres, pela libertação cristã integral. Denunciam-se estruturas de opressão internas e externas; abrem-se caminhos com os novos motivos da libertação; impulsionam-se as comunidades eclesiais de base. A Igreja volta a irromper na história da América Latina com dinâmica própria, respondendo a necessidades coletivas. É um acontecimento que ultrapassa os marcos eclesiais”. (MARINS, 1979, p.22). “Uma minoria de católicos criou nova práxis. Uma parte da Igreja, conduzida pelos bispos de Medellín e um grupo de teólogos, fez com que a Igreja abandonasse as posições defensivas e se lançasse numa ação em favor dos povos recentemente descobertos. Essa Igreja descobriu-se como povo de Deus na sua ação pelos povos, ação de conjunto. Já não se trata de atividades individuais, ou de ações de instituições particulares, mas do agir de todo um povo, um agir coletivo em que todos se juntam com os outros para buscar um fim comum”. (COMBLIN, 2002, 344).

e tudo o que nela existe para uso de todos os homens, e de todos os povos, de modo que os bens criados possam bastar a todos de maneira mais justa (GS 69), e dá poder ao homem para que solidariamente transforme e aperfeiçoe o mundo (Gn 1,29). É o mesmo Deus que, na plenitude dos tempos envia seu Filho para que feito carne, venha libertar todos os homens, de todas as escravidões a que o pecado os sujeita: a fome, a miséria, a opressão e a ignorância, numa palavra, a injustiça que tem sua origem no egoísmo humano (Jo 8,32-34). Por isso, para nossa verdadeira libertação, todos os homens necessitam de profunda conversão para que chegue a nós o «Reino de justiça, de amor e de paz». A origem de todo desprezo ao homem, de toda injustiça, deve ser procurada no desequilíbrio interior da liberdade humana, que necessita sempre, na história, de um permanente esforço de retificação. A originalidade da mensagem cristã não consiste tanto na afirmação da necessidade de uma mudança de estruturas, quanto na insistência que devemos por na conversão do homem. Não teremos um continente novo, sem novas e renovadas estruturas, mas sobretudo, não haverá continente novo sem homens novos, que à luz do Evangelho saibam ser verdadeiramente livres e responsáveis. Somente a luz de Cristo esclarece o mistério do homem. Sob essa luz, toda a obra divina, na história da salvação é uma ação de promoção e de libertação humana que tem como único objeto o amor.[...] Cremos que o amor a Cristo e a nossos irmãos será não somente a grande força libertadora da injustiça e da opressão, mas também e principalmente a inspiradora da justiça social, entendida como concepção de vida e como impulso para o desenvolvimento integral de nossos povos (Documento de Medellín, pdf).

O documento de Medellín faz uma intimação para a missão em caráter de urgência:

“Não basta, certamente, refletir, conseguir mais clarividência e falar. E necessário agir. A hora atual não deixou de ser a hora da «palavra», mas já se tornou, com dramática urgência, a hora da ação. Chegou o momento de inventar com imaginação criadora a ação que cabe realizar e que, principalmente, terá que ser levada a cabo com a audácia do Espírito e o equilíbrio de Deus. Esta Assembléia foi convidada "a tomar decisões e a estabelecer projetos, somente com a condição de que estivéssemos dispostos a executá-los como compromisso pessoal nosso, mesmo à custa de sacrifícios. (Documento de Medellín, pdf).

Atendendo ao chamado de Medellín, a maioria do clero e das religiosas passa a assumir um estilo de vida de simplicidade, pobreza e compromisso com os pobres e suas causas na realização de uma utopia<sup>146</sup>. Concretamente, os padres

<sup>146</sup> Aqui entendido o significado de utopia conforme o teólogo Franz Hinkelammert: “*La utopía es una fuente de ideas sobre el sentido de la vida, una referencia para el juicio, una reflexión sobre el destino, una imaginación de los horizontes*”. HINKELAMMERT, F. J. e JIMÉNEZ, E. M.. Reproducción de la vida, Utopia y Libertad: por una economía orientada hacia la vida. Otra Economía - Volumen II -

belgas, que inicialmente moravam numa grande casa em Propriá, onde hoje é a sede da Prefeitura, partem para as paróquias rurais e a viver em casas paroquiais. Um grupo de brasileiros e um grupo das Irmãs de Namur, belgas, decidem radicalizar: morar, conviver e ir ao trabalho com os pobres. Os frades franciscanos de Porto da Folha, renunciaram à casa paroquial localizada na praça da Matriz, para morar na periferia. Frei Juvenal, um dos membros que chegou depois para a fraternidade, confirma o estilo de vida da comunidade, no ano em que chegou o candidato Anízio Freire<sup>147</sup>:

Poucos meses vivíamos frei Angelino e eu a aventura franciscana de inserção entre os pobres, numa casa de taipa da Rua da Baixinha (Porto da Folha) quando nos chegou o filho do pescador André. Vinha de Telha [Sergipe], na beira do Velho Chico para conviver conosco. A casa já tinha outros inquilinos: Sebastião (ex-aluno de Ipuarana), frei Enoque, frei Roberto Eufrásio (também ex-aluno de Ipuarana), conosco éramos cinco. A chegada de Anízio subia para seis os moradores da casinha que possuía só um quarto, uma sala, cozinha e banheiro. Como recusar mais um? E assim mais uma rede foi armada e o galego quase analfabeto juntou-se ao grupo franciscano (OFM, Frei Juvenal. 04.07.11).

Os frades Enoque Salvador e Roberto Eufrásio registraram aquele momento de vida missionária:

Em 1972, na companhia de frei Angelino Caio Feitosa e de frei Juvenal Vieira Bonfim, começamos nossa vida itinerante pelas cidades e povoações dos municípios de Porto da Folha, Poço Redondo e Canindé. Autorizados pelo bispo de Propriá, Dom José Brandão de Castro e conduzidos pelo Espírito, saímos anunciando a boa notícia de Jesus, convocando aquelas populações sertanejas a sair do isolamento e abandono em que viviam e a experimentar uma vida nova em pequenos grupos e comunidades. Logo descobrimos a necessidade de aliar o trabalho de comunidade ao de evangelização de massa, convocando um público maior a acolher a proposta de Jesus e abrir-se aos princípios da vida comunitária<sup>148</sup>.

O testemunho da Irmã Francisca revela a opção de vida como religiosa:

Quando irmã Terezinha e eu fomos falar com o nosso Dom [José Brandão] para nos permitir viver uma vida de inserção em Canhoba,

---

Nº 2 - 1º semestre/ 2008 – pág. 26 - ISSN 1851-4715 - [www.riless.org/otraeconomia](http://www.riless.org/otraeconomia) - (25.10.10 - 22h09)

<sup>147</sup> Alfabetizado aos 20 anos, frei Anízio tornou-se biblista formado em Jerusalém. Faleceu repentinamente, no dia 25 de março de 2011, em Campina Grande (PB). Foi sepultado no dia 26 seguinte em Lagoa Seca (PB).

<sup>148</sup> Artigo: **Uma experiência missionária no Nordeste do Brasil**, in <http://www.pime.org.br>, acessado no dia 04/07/11, às 20hs48. Ver também 'Vida Apostólica no Sertão Sergipano' in OLIVEIRA, 2007, p.23-26.

ele nos disse: “O projeto de vocês é muito exigente, vão, mas se não agüentar, voltem aqui”. Nem nós, nem Dom José talvez sabíamos que este envio para a radicalidade do evangelho seria nosso batismo. O povo se encarregou da nossa formação. Tempo de muita exigência, mas despertar agudo da presença de Deus no meio dos humildes. (HENDRICK, Dom José Brandão de Castro).

O Irmão Salatiel, Irmão Marista, quando chegou no dia 09 de fevereiro de 1974, assumiu o mesmo modo de vida na cidade de Propriá:

Estabeleci-me no bairro chamado Brasília. É um bairro de periferia habitado por operários das fábricas de beneficiamento de arroz (principal atividade da região) ou das serrarias, por trabalhadores rurais, pequenos comerciantes (feirantes e bodegueiros), pequenos funcionários (polícia, INPS, hospital, prefeitura), padeiros, autônomos, pedreiros, marceneiros, etc. Não há miséria, comum numa favela ou alagado, mas a pobreza é grande (SANTOS COSTA, 2010, p.40).

E partiram para formar as primeiras comunidades eclesiais de base:

“Desde a sua chegada no final do ano passado, o Frei José (Angelino) e Sebastião se preocuparam com as pessoas, pensando em termos de Igreja “pedras vivas”, deixando, por enquanto, a construção de edifícios de “pedras mortas”. [...] Hoje, podem ser notificados certos resultados desta maneira de trabalhar: - um grupo de leigos (7 casais e 4 jovens) com o Frei José formam o que se chama Conselho Paroquial”. Juntos, eles buscam como viver o evangelho e tomam decisões referentes ao bem de sua comunidade e das pessoas que a compõem. Outros leigos descobriram a sua missão de responsáveis com o Vigário. Por isso, na ausência do mesmo, eles dirigem o culto dominical, organizando uma Celebração da Palavra. Lagoa da Volta, no interior, começou a seguir o mesmo caminho. Assim começou a se renovar a comunidade cristã de Porto da Folha, em busca de uma vida mais unida” (Porto da Folha em Busca de renovação Cultural, in A Defesa, 31/08/69, 4ª pág.).

Os padres redentoristas, Geraldo Olivier<sup>149</sup>, em Japaratuba, e Domingos Puljiz, da paróquia de São Miguel, município de Propriá, se especializaram e assumiram o trabalho de conscientização cooperativista e partem para a compra de terras através de recursos nacionais e da solidariedade internacional. Os padres León Gregório (em N. S. da Glória), as Irmãs de Namur (de Japaratuba), também o padre Geraldo Olivier e posteriormente o Etienne Lamaire (em Propriá) assumem trabalho educacional através de creches e de adoções de crianças. Os freis Enoque e Roberto, os redentoristas padres Geraldo e Nestor Mathieu e o irmão Guido, as

<sup>149</sup> O padre Geraldo e as Irmãs da Caridade de Namur, residentes em Japaratuba, abraçam várias frentes de ações pelos pobres: creche, cooperativas, reforma agrária e CEB's.

duas irmãs de Namur – Ir. Francisca e Ir. Terezinha - assumem a evangelização como processo de formação das CEB's, organização popular e conquista da terra. A relação pessoal entre tais agentes e as diferentes maneiras de expressar a opção pelos pobres geravam, não poucas vezes, debates acalorados nos encontros de pastoral.

O movimento cooperativista se estrutura na região: surge a Cooperativa dos Rizicultores (05/03/1969) em Propriá para organizar os produtores, recuperar as várzeas de Propriá e a da Cotinguiba, sob a direção da SUVALE (Superintendência do Vale do São Francisco)<sup>150</sup>. Em Canhoba, as mães e as moças bordadeiras formaram a Cooperativa de Bordados<sup>151</sup>. No município de Malhada dos Bois a Arquidiocese de Aracaju vende os lotes da área conhecida como “terreno de Zezé de Pedro” para fundar uma cooperativa ligada à Cooperativa do Baixo São Francisco, sob a inspiração do Sr. Luis Alves, o mesmo inspirador da Cooperativa do Treze, em Lagarto, SE<sup>152</sup>. No dia 19 de junho de 1970, o padre Domingos Puljiz recebeu o certificado de funcionamento da Cooperativa Mista de Camurupim Ltda, no Povoado Santa Cruz, município de Propriá<sup>153</sup>. Foi fundada em Canhoba, no dia 03 de março de 1971, a Cooperativa Agrícola Mista do Baixo São Francisco, animada pelo Técnico Agrícola Remi Gauvin<sup>154</sup>; em Japarutuba, a Cooperativa Agrícola Mista e de Colonização “Jardim” Ltda, (31/03/1973)<sup>155</sup>, com os padres Gerard Olivier e Claudio.

Surgem novos Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais. Os primeiros foram os de Aquidabã, Japarutuba e N. S. da Glória<sup>156</sup>; Surgiram depois os de Canhoba (1962), Propriá (1963), Porto da Folha (22/08/1971)<sup>157</sup>; Itabi (10/10/1971)<sup>158</sup> e os de Brejo Grande e Ilha das Flores, ambos fundados no dia 02

---

<sup>150</sup> A Defesa, 23/03/1969, p. 1.

<sup>151</sup> A Defesa, 18/04/1970, p. 1.

<sup>152</sup> A Defesa, 25/12/1970, p. 4.

<sup>153</sup> A Defesa, 22/07/1970, p. 1.

<sup>154</sup> A Defesa, 03/03/1971, p. 4.

<sup>155</sup> A Defesa, 11/04/1973, p. 1.

<sup>156</sup> NASCIMENTO, 2009, 2ª Ed. p. 170.

<sup>157</sup> Manoel Gonçalves Lima foi o primeiro presidente. Foi fundado com 765 filiados (A Defesa, 07/09/1971, p. 4).

<sup>158</sup> Antonio Meneses de Souza, o “Seu Tutu”, foi o Presidente da Diretoria Provisória (A Defesa, 25/12/1971, p. 4).

de junho de 1973<sup>159</sup>. Enfim, o movimento Sindical é ampliado, porém, na sua maioria, reduzido à prática da assistencial social.

Em Propriá surgem vários centros comunitários que formaram a União dos Centros Comunitários (UCECOM): o Centro Social N. S. de Fátima onde se reuniam o Clube de Mães e os moradores do bairro do mesmo nome; o Centro Padre Nestor, na Rua das Pedras. Em Neópolis foi criado o Clube de Mães “Ana Maria”<sup>160</sup>.

Todos os agentes de pastoral são acusados de comunistas diante das novas posturas pastorais assumidas em Medellín. O bispo entra em comunhão com eles e com a realidade da Igreja no Brasil, naquele momento, perseguida:

Os padres de hoje procuram ser continuadores dos ideais de libertação que nortearam os seus irmãos do passado. Quando falam sobre a doutrina social da Igreja, quando explicam os documentos conciliares, quando comentam os documentos de Medellín, o que eles têm em mira, sejam eles brasileiros ou estrangeiros, é que se torne cada vez mais real, em todos os setores, a “independência do Brasil” (A Defesa, 31/08/1969, Editorial, p. 3).

A ação missionária deu impulso na promoção da união e da organização do povo em CEB's e em suas organizações populares – sindicatos, associações, centros sociais, cooperativas, etc. - na busca do desenvolvimento integral do *homem todo e de todos os homens*, conforme a encíclica *Populorum Progressio*, e assim se libertar da situação de dominação sócio-política e econômica vigentes na região, conforme foi percebido por Beozzo e Marins<sup>161</sup>:

[...] Medellín vai operar uma sutil passagem de tom e de conteúdo ao deslocar o acento do desenvolvimento para a libertação, acrescentando à dimensão econômica e social uma nítida tomada de posição teológica e política. (BEOZZO, 1993, p. 119)

Na medida em que a Igreja foi assumindo a opção de estar “com” o pobre, os pequenos e os oprimidos, vivendo sua vida e seus problemas, passou a estar “ao lado deles”. Pressionada pela urgência da caridade, seu diagnóstico da situação começou a ser muito mais marcado pela denúncia radical. Ela passa a descobrir aspectos da realidade que não havia captado anteriormente e, aos quais, portanto, não tentara responder – e tratava-se de situações graves, urgentes, marcadas por profundas injustiças institucionais (Medellín, Doc. da Paz). Então a Igreja muda seu modo de atuação no campo sócio-político, explicitando-o em torno destes pontos: -

<sup>159</sup> A Defesa, 13/06/1973, p. 1.

<sup>160</sup> A Defesa, 12/03/1970, p. 4.

<sup>161</sup> Pe. José Marins, teólogo a serviço das CEB's desde seu início.

frear os abusos do poder político; - evitar valer-se da influência política que pudesse ter para aceitar privilégios; - tornar-se consciente de sua missão na realização do bem comum; - formar a consciência crítica dos cidadãos. (MARINS, 1979, p.22).

Em 1971, a Diocese assumiu a formação das Comunidades Eclesiais de Base à luz da Teologia da Libertação como prioridade pastoral:

CARTA PASTORAL À DIOCESE DE PROPRIÁ CONVOCANDO PARA A 'PRIMEIRA ASSEMBLÉIA ECLESIAL DA DIOCESE DE PROPRIÁ': ... a) Queremos refletir mais detidamente sobre a opção que foi feita pela Igreja Universal no Concílio Vaticano II, retomada com maior empenho pela Igreja Latino-Americana em Medellín em 1968, e assumida, de uns tempos para cá, pela Igreja de Deus que está na Diocese de Propriá. Essa opção é pelos pobres, pelos marginalizados. Nosso trabalho, por decisão tomada em comum, há mais de oito anos, ficou assentado em três pontos: - descobrir e incentivar as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's); - dar ensejo a todos de conhecer melhor o Evangelho de Cristo e suas exigências através da Catequese; - descobrir, prestigiar e ratificar os diversos ministérios que podem ser exercidos pelos leigos. b) Queremos formar uma família cada vez mais unida, onde as dores e as alegrias de cada um sejam compartilhadas por todos, segundo a oração de Jesus: "Que todos sejam unidos!" c) Queremos descobrir os caminhos de uma fidelidade sempre maior à Igreja de Jesus Cristo, unidos ao Papa, que em breve será escolhido para suceder a Paulo VI, no governo da Igreja Universal, e queremos ser fermento para um mundo mais humano, em que um irmão não seja mais oprimido por outro irmão". A título de exemplo: Foi fundada em Neópolis uma das primeiras Comunidades de Base, a de Nossa Senhora da Paz nas imediações da "Rua da Entrada" (A Defesa, 10/10/1971, p. 4).

Nesta perspectiva foram promovidos cursos de formação de animadores de CEB's, de catequistas e retiros espirituais<sup>162</sup> para todos os agentes de pastoral: padres, freiras e leigos. Foram enviados representantes para as assembleias dos intereclesiais de CEB's<sup>163</sup> às custas do "caixa comum" existente em algumas comunidades e da Diocese. Os Planos de Pastoral eram revisados em assembleias

<sup>162</sup> Dom José Maria Pires, Arcebispo da Paraíba pregou retiro para o clero em novembro de 1971, no Convento São Francisco, em São Cristóvão/SE (A Defesa, 07/11/1971, p. 4); Dom Helder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife, pregou o de 08 a 10/10/1973, no Seminário São Geraldo, em Propriá, (A Defesa, 14/10/1973, p.4); Dom Mariano OSB, nos dias 13 a 17/10/75, no Convento dos Franciscanos em Penedo/AL (Carta de 19/09/75); Frei Carlos Mesters, pregou o de 07/03/78, também em Penedo (BEC, Janeiro de 1978, p. 3); Dom Pedro Casaldáliga, Bispo da Prelazia do Araguaia, pregou o de 10 a 13/07/79, no mesmo lugar (BEC, Ano III, Nº 35, julho/79, p. 7); Frei Eduardo Metz, ofm, pregou o de 16 a 19/07/84, no Seminário S. Geraldo, em Propriá.

<sup>163</sup> Dona Margarida Rocha (residente em Neópolis), Sr. Gilson Feitosa dos Santos (falecido, de Aquidabã), Maria Souza (Missionária, Poço Redondo foi designada, mas não foi), e os poetas Jorge Pereira Lima e o índio xokó José Acácio (ambos falecidos) formavam a comissão que participou do 5º intereclesial das CEB's, nos dias 04 a 08/06/83, em São Francisco do Canindé, Ceará. Os poetas foram a convite da CEHILA, e os outros foram eleitos numa assembleia diocesana. (A Defesa, julho de 1983, p. 1).

pastorais por assessores especializados<sup>164</sup>. Os encontros vocacionais passaram a ser coordenados por uma equipe de padres e religiosas para quem quisesse aprofundar sua vocação cristã<sup>165</sup>. Os seminaristas eram enviados para dois seminários que estavam em sintonia com a perspectiva pastoral assumida pela diocese: o Centro de Formação Missionária<sup>166</sup> (CFM, conhecido como Seminário Rural), em Serra Redonda na Paraíba, em que os jovens do meio rural se preparavam para serem missionários junto aos trabalhadores e trabalhadoras rurais; ao SERENE II (Seminário Regional do Nordeste II)<sup>167</sup> e estudavam no ITER (Instituto de Teologia do Recife) filosofia e teologia. Vários agentes de pastoral leigos e religiosas foram enviados a estudar no Instituto de Pastoral Catequética (ISPAC) em Salvador. A formação bíblica através do método do CEBI foi oferecida, tanto na diocese como em outros estados para animadores de CEB's.

Diante das acusações de que as CEB's formavam uma Igreja Popular, Dom Brandão, as definiu assim:

---

<sup>164</sup> Assembléia Diocesana assessorada pelo Pe. Perani, sj, frei Roberto, Ir. Salatiel, seu Gilson de Aquidabã, e dona Margarida de Ilha das Flores (A Defesa, Abril de 1982, p. 1). Nos dias 26 e 27/02/85, houve avaliação do Plano de Pastoral assessorado pelo padre Humberto Plumem, C.SS.R, professor de Sociologia do ITER. (A Defesa, Março de 1985, p. 3).

<sup>165</sup> “Durante alguns anos, eu e a Irmã Maria Odete cuidamos dos encontros vocacionais na Diocese de Propriá. Nosso intuito era convidar jovens participantes a olhar, a seguir Jesus e a conhecer, amar e anunciar as boas notícias do Reino de Deus ao povo, especialmente aos pobres e excluídos”. (Frei Roberto *in* Preparando Continuadores, in OLIVEIRA, Recife, p.123). Antes deles assumiram a Irmã Inês (Congregação de Gapp) e Pe. Luiz Rodrigues.

<sup>166</sup> Os primeiros foram Gildo (Pároco de Graccho Cardoso), José Luis Góis (professor de História da rede estadual de educação de Alagoas), Cícero Caetano (Vigilante), Adval (Contador da FETASE), José Roberto (liderança do MST de SE e AL) e Edinaldo (Padre Nanái, morador no Assentamento 13 de maio, em Japarutuba), depois o Robertinho (padre no Maranhão).

<sup>167</sup> Sobre o SERENE II: “As linhas mestras do projeto formativo. – Formar pastores significa essencialmente duas coisas: a) ajudar a despertar, amadurecer e aprofundar atitudes e espiritualidade de pastores; b) desenvolver a capacidade pastoral conforme as necessidades do pastoreio e as qualidades pessoais que esse ministério requer. – O Povo nordestino, com suas características de empobrecimento e anseio de libertação, marcado pela religião, mas já atingido pelos apelos da modernidade e do materialismo, é o lugar, o ambiente vital, que serve de ponto de partida e de referencial para toda a formação. – Jesus Cristo, o único Mestre, é aquele em quem nos devemos espelhar. Pondo-se na atitude de discípulos que o seguem para aprender dele a ser apóstolo, servir e dar a vida, os seminaristas são convidados a viver a experiência formativa com os acompanhantes, como os discípulos com Jesus. [...] No “Documento de Base”, retomado pelo “Guia Pedagógico de preparação dos candidatos ao SERENE II” temos um elenco de características: “O Nordeste, com todos os seus problemas crônicos e desafios, precisa de: - homens capazes de escutar o mundo dos pobres para perceber o sopro do Espírito de Deus e entrar na dinâmica da libertação; - homens famintos de justiça; - homens capazes de dar testemunho; - homens capazes de rigor científico; homens capazes de perseverança e de dar continuidade à realização daquilo que foi planejado; - homens de imaginação criadora e audaciosa; - homens de oração.[...] A nossa Igreja considera como elementos essenciais no exercício do Presbiterato: - a percepção correta da situação do povo a ser evangelizado e a solidariedade com os pobres; - a capacidade de conviver com várias expressões de vida cristã existentes nas comunidades, valorizando e discernindo; - a ânsia missionária e o esforço de atingir com a evangelização áreas e situações distantes das estruturas eclesiais”. (SERENE II, 1988 p. 3 e 4)

Uma CEB se compõe de famílias, adultos e jovens, todos estreitamente ligados pela fé em Jesus Cristo. Chama-se “eclesial” pelo seguinte:

- é uma comunidade de fé, esperança e caridade;
- lê a palavra de Deus e reflete sobre ela;
- une-se a Cristo por meio da Eucaristia, ponto mais alto de todos os sacramentos da Igreja;
- procura por em prática a palavra de Deus, na vida de cada dia, mas como? Pela solidariedade e pelo compromisso com o mandamento novo de Jesus: “Amai-vos uns aos outros...”
- mostrará que é eclesial pela fidelidade aos seus legítimos pastores, isto é, ao Papa e ao seu Bispo.

Essa comunidade chama-se de base, porque é constituída de poucos membros, e de forma permanente. É um grupo que se reúne com freqüência. É uma célula da grande comunidade. Uma célula viva capaz de levar a vida á grande comunidade. (A Defesa, maio de 1983, p. 1)<sup>168</sup>.

Na medida em que Comunidades Eclesiais de Base, formadas pelos pobres, foram se multiplicando e participando da estrutura da pastoral paroquial, surgiram reações de famílias tradicionais que, com apoio ou mesmo membro de oligarquias poderosas, econômica e política, controlavam os bens paroquiais, desde a chave da Igreja e Casas Paroquiais, as rezas da Igreja Matriz, como foram os casos do impedimento da festa do Santo Cruzeiro, em Canhoba<sup>169</sup>, e das tomadas das chaves da Igreja Matriz e da casa paroquial, em Ilha das Flores<sup>170</sup>, que repercutiram na imprensa nacional. As CEB's desconstruíram vários esquemas de domínio de Igrejas matrizes e capelas. A igreja “de pedra” deixa de ter um dono. Os

---

<sup>168</sup> “Puebla vê, e não esconde seu pensamento, nessas Comunidades duas coisas: elas são motores de libertação e de desenvolvimento. Motores de libertação! Puebla não tem medo dessa palavra! Puebla sabe que a libertação tem dois aspectos: libertação pessoal e libertação social. Libertação pessoal, isto é, do pecado: da maldade, do egoísmo, da avareza, da luxúria, da soberba, do subdesenvolvimento, da miséria. Libertação social: isto é, dos regimes sociais que oprimem o homem, que lhe toham a liberdade, que o deixam no subdesenvolvimento, que o exploram como mão-de-obra disponível e barata, que incentiva a concentração da riqueza nas mãos de um pequeno grupo privilegiado. Puebla reconhece que é das CEBs que devem sair os ministros leigos, animadores de comunidades, catequistas, missionários. Elas se tornam, por isso mesmo, sementeiras de vocações sacerdotais. (Do m Brandão *in* A Defesa, setembro de 1983, p. 1). Cf. Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina – Conclusões de Puebla. São Paulo: Paulinas, 1979, ns. 629 a 637. Ver também a rica bibliografia de MARINS, José e equipe. Puebla e as Comunidades Eclesiais de Base. São Paulo: Paulinas, 1980, 104 p.; MARINS, José e equipe. Comunidades Eclesiais de Base: foco de evangelização e Libertação. São Paulo: Paulinas, 1980, 127 p.

<sup>169</sup> No dia 31/05/80, um grupo político, inconformado com a nova Comissão da Festa, formada por gente da periferia, na qual não estava incluído, invadiu a Igreja e roubou a imagem do padroeiro. O Bispo tentou contornar, mas não conseguiu. Ele suspendeu a festa naquele ano. (BEC, Ano IV – nº 42, Maio/1980, p. 4).

<sup>170</sup> No dia 13/07/80, um grupo político invadiu a Igreja e, depois de agressões verbais, violência e ameaças tomaram as chaves da Igreja e da casa paroquial. BEC, Ano IV - nº 43 – Junho e Julho de 80, p. 9).

ministérios foram aparecendo e seus ministros foram assumindo o controle com a comunidade. A Igreja “de carne” passa a ser a comunidade e a “de pedra” sob seu controle.

Os missionários se envolveram na vida concreta do povo, e a partir deste, em caminhada de comunidades, foram surgindo novos protagonistas da evangelização. A religiosidade popular foi colocada em relevo na missão. A produção do canto e da poesia foi estimulada a partir da bíblia e da vida do povo. Várias obras de vários autores foram publicadas e apreciadas na diocese através do boletim “Encontro com as Comunidades” e pelo jornal “A Defesa”, ganhando amplitude fora dos limites diocesano, servindo de material de animação das CEB’s e pastorais sociais em todo o país.

Vários poetas populares surgiram em diversos recantos da diocese: Jorge Pereira Lima, Julio e Manuel Antonio Miranda (de Porto da Folha); Epaminondas e dona Marieta Ferreira do Nascimento (de N. S. de Lourdes), José Martins (da Jaramatáia, em Gararu); Chico Lúcio e Damião (do Poxim, Japoatã), dona Josefa (de Ladeirinhas, Japoatã), dona Luiza de França (Santana dos Frades, Pacatuba), Zé Francisco Pipio e José Adeilson (de Graco Cardoso), frei Enoque Salvador e Melo, frei Roberto Eufrásio e frei Anízio Freire. O próprio Dom José Brandão, era poeta, escritor - autor de mais de 30 obras - e compositor entre tantos hinos, o da padroeira diocesana: *Nossa Senhora do Rosário de Fátima, que sois das almas conforto e luz, da Diocese que vos é consagrada, sempre adorado seja o Cristo Jesus*. Dom José Brandão era membro da Academia Sergipana de Letras<sup>171</sup>.

A maioria dos encontros das CEB’s, regionais e os diocesanos, quase sempre tiveram suas conclusões feitas em poesia. As lutas do povo pela terra foram relatadas em versos, que se tornaram hinos cujo conteúdo conta a história vivida pelo grupo à luz da fé. Os índios Xokó cantaram no dia da festa da vitória: *Graças a Deus, a festa começou, a Ilha de São Pedro, os caboclos já ganhou...* Os camponeses de Santana dos Frades, com sua poetisa, dona Luiza de França, cantaram a vitória: *“Vamos adorar a Deus no céu, que é nosso Pai Salvador, viva nossa terra natal que hoje se libertou.”*<sup>172</sup>; os assentados de Pedras Grandes:

---

<sup>171</sup> Foi recebido no dia 21 de outubro de 1977, às 20hs30, ocupando a cadeira de nº 24. (A Defesa, 15/11/77, p. 1). Hoje a cadeira é assumida pelo ex-jornalista João Oliva Alves, do jornal “A Cruzada”, no período em que Dom José Vicente Távora foi arcebispo de Aracaju.

<sup>172</sup> A Defesa, Fevereiro de 1982, p. 6.

*Pedras Grandes, Pedras Grandes, um pedacinho da nossa libertação, Pedras Grandes, Pedras Grandes, é fruto de nossa união, etc.*

Assim, foi se criando um clima de convivência, partilha, comunhão e festa em que se estreitavam as relações afetiva, efetiva e simpática entre os missionários e o povo, unidos pela fé em defesa da vida:

Nossa alegria é saber que um dia todo este povo se libertará, pois Jesus Cristo é o Senhor do Mundo, Nossa esperança realizará (Jorge Pereira Lima).

Alguns poetas fizeram parte da CEHILA Popular: Manoel Antonio Miranda, o índio José Acácio, Epaminondas, Jorge Pereira Lima e outros. O poeta Jorge teve o poema de cordel “Raízes da Escravidão” publicado pela Editora Paulinas. Sobre ele, Dom José Brandão registrou esse testemunho no artigo “A Poesia de Cordel tem mais uma Obra-prima”:

“Excetuando Luiz Gonzaga, que teve a grande honra de cantar para João Paulo II, no Congresso Eucarístico de Fortaleza, talvez não haja outro cantador nordestino que tenha tido glória igual à de Jorge. Quem conta o fato é D. Helder Câmara, de quem ouvi pessoalmente o relato que se segue: Quando D. Helder esteve em Roma, nos últimos dias de Paulo VI, que uns dois meses depois morria, foi recebido numa longa audiência particular pelo Sumo Pontífice. Paulo VI encaminhou a conversa para o assunto já então candente das comunidades de base e manifestou ao Arcebispo de Olinda e Recife o desejo de ouvir dele uma exposição bem clara sobre o assunto. D. Helder discorreu sobre as CEB’s (Comunidades Eclesiais de Base) e deve tê-lo feito tão bem que, ao terminar Paulo VI teve este desabafo: “agora eu já compreendo que vêm a ser as Comunidades Eclesiais de Base”. E o rosto do Pontífice irradiava uma serena alegria. Mas D. Helder continuou: “Santo Padre, e se Vossa Santidade escutasse os cantos belíssimos dessas Comunidades?” Paulo VI sorriu: “Me dê um exemplo. Cante um para mim”. D. Helder traduziu para o francês e depois cantou em português, nada mais nada menos que o cântico popularíssimo de Jorge Pereira Lima: “Eu acredito que o mundo será melhor, quando o menor que padece acreditar no menor”. D. Helder cantou apenas essas palavras do coro. Comovido, Paulo VI exclamou: “Que belo! Que belo! Pouco tempo depois o grande Pontífice morria. É possível que este terá sido o último hino religioso que ele tenha escutado em língua portuguesa. Bastaria isso para consagrar e envaidecer qualquer poeta cristão. Pois, Jorge sabe disso, tomou conhecimento do fato, e nem por isso se envaideceu. Continua sua vida de agricultor do árido sertão de Sergipe, entremeando versos na sua lida dura de camponês”.

O Pe. Oscar Beozzo cometeu um equívoco ao publicar, num artigo da revista Concilium, que a autoria do referido canto seria de um autor do Acre. Dom

Brandão escreveu ao Beozzo, no dia 31 de outubro de 1984, retificando a informação:

Dou-lhe os parabéns pelo seu artigo em 'Concilium – 194. Aliás, cada artigo merece os parabéns, e o digo, com sinceridade. Mas, no artigo deste número 194/4, que tomo a liberdade fraternal de desfazer para fazer. O cântico – Eu acredito que o mundo será melhor – não é do Acre. É da Diocese de Propriá, sendo seu autor o poeta popular Jorge Pereira Lima. É realmente um cântico notável, todo fundamentado no Evangelho e com uma mensagem muito transparente e popular. Este Jorge é o mesmo do cordel "Caminhos da Libertação", recém reeditado pelas Ed. Paulinas.

Tomo a liberdade de fazer esta retificação, porque o conheço bem e sei que você não levará a mal. Fraternalmente, + José Brandão de Castro.

Em se tratando de religiosidade popular, Frei Damião de Bozzano, frade capuchinho, querido e reconhecido pelo povo como um santo, foi convidado à diocese várias vezes para pregar santas missões. Uma das vezes foi no período de 20/11 a 31/12/1977<sup>173</sup>, no sentido de despertar no povo sentimentos de fraternidade e justiça social, conforme convocação e anúncio missionário do próprio Dom Brandão:

[...] De qualquer maneira, é tempo de a gente ir-se preparando para a Santa Missão. Quando eu falo em preparação, eu não penso em roupa nova ou coisa semelhante. Eu penso na oração que a gente deve fazer pedindo a Deus uma benção para esse tempo de graça que será para todos nós, o da visita do grande missionário do Nordeste. Eu penso naquela vontade que todos devem alimentar de ver e ouvir Frei Damião. Eu penso naquela disposição que cada qual deve procurar ter de se aproveitar da passagem dele para recomeçar, quem sabe, uma vida diferente. Se, depois que ele passar, tudo continuar como dantes, é que nada mudou em nós, nem em torno de nós. Mas eu tenho certeza que muita coisa há de mudar. Sabem o que eu espero, sobretudo? O que eu espero é mais compreensão para com os sofrimentos dos outros: dos que são enganados, injustiçados, explorados, deixados de lado, tratados como se não fossem gente. Vamos então preparar também o nosso coração para esse grande dia! (BEC, Ano II, nº 16, 09/1977, p. 2).

Alguns agentes de pastoral afinados com este jeito de ser Igreja, tanto na diocese como de outras, formaram uma Equipe de Missionários do Nordeste:

[...] nos idos de 1973, alguns jovens padres, religiosas e leigos nordestinos iniciaram uma experiência de missões populares. Apropriamo-nos da tradição antiga das Santas Missões, estruturando o trabalho a partir da novidade de nosso objetivo: estimular o

---

<sup>173</sup> BEC, Ano 1, nº 06 – 11/76, p. 1.

nascimento das comunidades eclesiais de base, fortalecer as comunidades existentes, apoiar as organizações populares, suscitando os valores da cultura popular. Para nossa melhor capacitação, recolhemos a inspiração de alguns missionários, especialmente do Nordeste, do século 19. De muita ajuda foi o estudo do diretório das missões dos frades capuchinhos, bem como o jeito de missionar de frei Paulo Canicale, frei Doroteu de Loreto e Caetano de Messina. Foi, porém, na fonte missionária do padre Antonio Pereira Ibiapina, conhecido entre nós como o apóstolo do Nordeste (e dos demais missionários diocesanos do século 19, como os padres Francisco e Erculano) e na experiência itinerante dos conselheiros e eremitãos Francisco da Soledade, Antonio Conselheiro, Severino Tavares, José Lourenço, Mãe Dodô, que fomos buscar o caminho de aproximação das populações excluídas do Nordeste, a sensibilidade diante de seus problemas, a valorização de sua capacidade de agir de maneira coletiva. Por exemplo, pelo trabalho em mutirão e pela colaboração da população local, o padre Ibiapina fundou 22 casas de caridade (centros de vida comunitária e escolas profissionalizantes de menores), dezenas de açudes, capelas, cemitérios, e pequenos hospitais. Aprendemos que a evangelização se faz pelo contato direto com as pessoas, no diálogo permanente, na comunicação de duas experiências: de vida e de fé. Por isso, em nossas missões, dedicamos bastante tempo às visitas missionárias, ao conhecimento direto das populações e de sua situação. Nos anos 80, já éramos cerca de 40 e formávamos a Equipe Missionária do Nordeste, apoiados por Dom Manuel Pereira, bispo emérito de Campina Grande, na Paraíba. Escolhemos uma coordenação, fizemos da assembléia anual um tempo privilegiado de convivência, de partilha dos trabalhos, de alimentação de nossa vida espiritual, de avaliação das relações entre nós, de revisão também das diretrizes missionárias de nossa equipe. Pouco a pouco, fomos definindo nossa espiritualidade que se alimenta em duas fontes fecundas: 1. Jesus Cristo pobre, crucificado e servidor dos excluídos e 2. O pobre e excluído pela sociedade nordestina excludente. Definimos também nosso espaço missionário: o Nordeste do Brasil. Desde cedo, cultivamos a nossa liberdade apostólica dentro e fora da Igreja e não quisemos reforçar as estruturas paroquiais nem submeter pessoas ao seu controle, mas despertar a fé em Jesus Cristo e a responsabilidade das pessoas convertidas em assumir as lutas da vida, encontrando-se na leitura da Palavra de Deus e na oração, nas ações solidárias e nos trabalhos comunitários. Por isso, não moramos em casas paroquiais: escolhemos habitar em ruas da periferia para entrar em comunhão com os marginalizados e nos deixarmos envolver por seus clamores e esperanças. Experimentamos a perseguição de latifundiários, as acusações de chefes políticos, espancamentos, rejeição dentro da própria Igreja, prisão e processos por causa do Evangelho de Jesus. Continuamos firmes. (Frei Enoque Salvador e Frei Roberto Eufrásio)<sup>174</sup>.

---

<sup>174</sup> Artigo: **Uma experiência missionária no Nordeste do Brasil**, in <http://www.pime.org.br>, acessado no dia 04/07/11, às 20hs48.

Consciente de sua missão, os agentes de pastoral da Diocese de Propriá se deixaram abraçaram pelas causas populares e se somaram em sua defesa. Apesar das diferenças metodológicas e ideológicas, se somavam em torno da mesma causa. Em alguns casos foram os próprios pobres que pediram socorro à Igreja através do Bispo, como o caso do Betume, em 1975, por exemplo:

Estourou o primeiro conflito na fazenda Betume, no município de Neópolis (SE). A CODEVASF comprou a fazenda e o proprietário não indenizou os trabalhadores posseiros e agregados da terra. Muitos sítios e plantações de mandioca, macaxeira, casas sendo derrubadas pelos tratores. Informados dessa situação vexatória, Dom José Brandão, Padre [Nestor] Mathieu, Frei Enoque Salvador de Melo e eu fomos até lá. Debaixo de uma grande mangueira nos reunimos com muitos trabalhadores e trabalhadeiras, num ambiente de revolta e de tensão. Nossa atitude primeira foi ouvir os clamores desse povo, pensando no que fazer. Lembro que em dado momento o Frei Enoque desejoso de acalmar os ânimos convidou a rezar o Pai Nosso, mas, os trabalhadores responderam que a hora não era de oração. Naquele momento, o vigário encarregado daquela população chegou e pediu a palavra, e recebeu recusa. A conversa continuou. Mais adiante ele tentou de novo. Mariinha levantou a voz com franqueza: *Padre Moreno, o senhor há mais de vinte anos é vigário de Neópolis, sempre se hospedou na casa do proprietário, nunca desceu para nos visitar e nos orientar. Hoje estamos nessa crise. Não queremos ouvir o senhor, não.* Foi o momento inesperado do julgamento do povo cristão ao seu pastor! Monsenhor Moreno seguiu para casa. Em nosso retorno a Propriá, o encontramos deitado em estado febril alterado. Era o momento oferecido por Deus para a conversão do pastor. Desta audiência dos clamores fomos com nosso bispo ao escritório da CODEVASF, a fim de chamar a atenção do dirigente da empresa para as injustiças praticadas contra aquela população, exigindo providências. A Diocese colocou assessoria jurídica da CPT a serviço dos trabalhadores. Então eu, Raimundo Eliete nos juntamos à comunidade do padre Nestor, irmãs Teresinha e Francisca para fazer o trabalho de orientação dos trabalhadores. Foram anos de muita tensão, de muita entrega aos pobres de Deus, de percorrer de lugar em lugar toda aquela região, enfrentando os técnicos da empresa que enganava a população” (OLIVEIRA, 2007, p. 39-40)<sup>175</sup>.

Este caso provocou mudança na vida de Dom José Brandão<sup>176</sup>, e deu um estímulo profético à pastoral diocesana<sup>177</sup>:

<sup>175</sup> Para maior aprofundamento: A Defesa, 25 de março de 1976, 4ª pág.

<sup>176</sup> “Percorri esta região ainda jovem e tenho consciência da importância dessa obra. Devo muito à influência que tive de diversos membros da Igreja, como Dom Brandão, que dedicou sua vida na luta contra a opressão que era imposta aos trabalhadores desta região. Com ele e vários outros, tive lições sobre o que é militância em defesa dos interesses sociais”. (Governador Marcelo Déda, na inauguração da Rodovia Dom José Brandão de Castro, dia 20/04/10: <http://www.santuarioperpetuosocorro.org.br> - acessado no dia 29/11/11, às 14h40.

Não me esqueço de que foi no Cap. 34 de Ezequiel que me inspirei para escrever a Carta Pastoral de 6 de junho de 1979 (vide Anexo E), ponto marcante de minha “conversão” definitiva para os pobres. Já no Concílio, por volta de 1964, eu tinha aderido ao grupo que optou pela Igreja dos Pobres, mas, por incrível que pareça, a expressão concreta mesmo dessa mudança de posição somente se deu mais tarde. Foi quando do início do caso do Betume. Na minha Carta Pastoral de 6 de junho de 1979, fiz como uma paráfrase do Profeta Ezequiel:

*“Vai cuidar do meu Povo, o meu rebanho.  
Vai tratar das ovelhas magras ou feridas,  
Fortalecer as fracas e doentes.  
Vai procurar também as ovelhas perdidas  
Vai cuidar do meu Povo, o meu rebanho.  
Por falta de pastores está entregue às feras,  
Quer nas praias do mar, quer nas margens dos rios,  
No agreste, no sertão, nas roças e povoados,  
Nos casebres de taipa ou nas choças de palha.  
Vai cuidar do meu povo, o meu rebanho”.*

Repito, não resta dúvida que foi o caso do Betume que abriu meus olhos. Aí compreendi que a gente precisava mesmo de bandear, como disse há pouco, para a opção preferencial pelos pobres, opção que eu já havia feito no Concílio, quando surgiu o movimento, em nível internacional, conhecido também como “Igreja das Catacumbas”, porque o pacto oficial feito por numerosos Bispos se deu numa das Catacumbas da Cidade Eterna (A Defesa, Dezembro de 1987)<sup>178</sup>.

A Diocese manteve-se unida contra a exploração do seu povo e com ele lutou por justiça social e reforma agrária, emprestando sua voz, a fim de conquistar uma vida mais digna. Ela se expôs em várias arenas, se utilizando da mídia de modo geral. Atraiu apoio de várias classes sociais, categorias estudantis e profissionais<sup>179</sup>, de ponta a ponta do Brasil e do exterior<sup>180</sup>. São inúmeros os gestos de solidariedade ao compromisso da Diocese, que repousam na memória do

<sup>177</sup> Provocou mudança, também, na vida de Mons. Moreno: “Um dia, o NOSSO QUERIDO JESUS e DIVINO LIBERTADOR socorrer-me-á, desfazendo equívocos a meu respeito, relativamente ao problema ricos e pobres. E agora também o Casal amigo – Floraci-Edvaldo compartilha do sofrimento. Todos sintonizamos com a Igreja, com o Santo Padre, com Dom José e com Puebla, na Opção Preferencial pelos Pobres e parece que a imagem que oferecemos proclama o contrário.” (Carta a Dom Brandão, 1º de abril de 1980).

<sup>178</sup> No caso do Betume, Dom Brandão publicou duas Cartas Pastorais: primeira foi a “Carta Pastoral Sobre o Homem do Campo”, de 06/06/1976, Dia de Pentecostes (A Defesa, 13/06/76, p. 2 e 3); e a segunda, sem título, mas se referindo à primeira vitória dos camponeses, de 15/08/77, Dia da Assunção de Nossa Senhora (A Defesa, 15/09/77, p. 3).

<sup>179</sup> Direitos Humanos, Secundaristas, DCE, Diretório de Humanas, CEIS, Comitê Pró-Xokó, e outras (A Defesa, 21/12/79, p. 1).

<sup>180</sup> Fundação ‘Brasil op Weg’ e Wilde Gans, da Holanda (Ben Strik), Adveniat (Alemanha), França, Bélgica, Suíça, e outros.

Arquivo da Cúria Diocesana. Foi este mutirão pela justiça social que deu sentido e vitória à organização dos camponeses do Betume<sup>181</sup>; do povo Xokó<sup>182</sup>, que deu início à retomada de seu território de uma légua em quadro, no dia 09 de setembro de 1978, começando pela Ilha de São Pedro, concluído nos anos 90<sup>183</sup>; dos camponeses de Santana dos Frades, ocorrido em 1978, até os anos 80; dos moradores do Povoado Ilha do Ouro, Porto da Folha, que em 1980, se libertaram do fazendeiro Antonio Tavares<sup>184</sup>. Todo esse mutirão de libertação não pode ser contado sem o apoio dos “sindicatos rurais, FETASE, partidos de esquerda, estudantes e entidades. Era o tempo negro da ditadura, onde inclusive o Bispo, Padres, Trabalhadores... foram presos, perseguidos e torturados”<sup>185</sup>.

Enfim, este segundo período, sob o espírito de Medellín, podemos concluir com Beozzo que:

[...] pela primeira vez na história da América Latina, a Igreja aqui presente tomou a palavra em plenitude, uma palavra inspirada profética, gesto decisivo para quem sempre escutou a palavra que lhe era dirigida ou imposta de fora. E tomou a palavra através de um auscultar paciente, humilde e dinâmico da realidade do povo latino-americano. Esta atitude vem expressamente estampada no título geral da Conferência: “Presença da Igreja na atual transformação da América Latina”. Filha espiritual de João XXIII e do Vaticano II a Conferência de Medellín torna-se, ao mesmo tempo, porta-voz de uma Igreja e de um povo que ingressam em sua maturidade espiritual. (BEOZZO, 1993, p. 120).

<sup>181</sup> A Defesa, 25/04/77, p. 1 e 13/06/77, p. 1 e 2. A CPI aconteceu no dia 20 de abril de 1976. Dom Brandão levou consigo um dossiê de 23 páginas denunciando a grilagem de terras nos Estados da Bahia e Sergipe. Foi chamado de comunista pelos deputados baianos do partido do governista, ARENA (Aliança Renovadora Nacional), Jairo Sento Sé e Storessel Dourado. O Presidente da CODEVASF, Nilo Peçanha, fez igual acusação (Correio Brasiliense, 25/10/77, in A Defesa, 15/11/77, p. 6). Vide, no Anexo F, o texto da Carta Pastoral de 15 de agosto de 1977, na qual Dom José faz referência ao caso do Betume.

<sup>182</sup> “... A 7 de dezembro [de 1979], o Decreto nº 4.530 do Governador do Estado de Sergipe declarava a área de utilidade pública, e a 14 de dezembro o Estado de Sergipe comprava de quem *não tinha* a propriedade por 2 milhões e quatrocentos mil cruzeiros, os 250 hectares da ilha [de São Pedro]...” DA CUNHA, Manuela Carneiro, in **Apresentação**. DANTAS, Beatriz Góis, e DALLARI, Dalmo de Abreu. **Terra dos Índios Xocó: Estudos e Documentos**. São Paulo: Editora Parma Ltda, 1980, p. 7-8. “Papel de destaque nas lutas dos índios XOCÓ é desempenhado pelo procurador Federal do Ministério Público, Dr. Evaldo Campos e pela Professora da UFS, Antropóloga Beatriz Gois”. (Frei Enoque Salvador em Carta datada de 09 de março de 2012)

<sup>183</sup> No dia 07 de dezembro de 1979, o governador Augusto Franco, emitiu o Decreto Estadual de Nº 4.530, declarando a Ilha de São Pedro de Utilidade Pública. Em 1980, o governo de Sergipe foi autorizado pela Lei nº 2263/80, a doar para União a Ilha de São Pedro.

<sup>184</sup> BEC - Ano IV - nº 41, Abril/1980, pág. 22, e Ano IV – Nº 42, Maio/1980, p. 14 e 15, citando o “Jornal de Sergipe”, 20.05.1980.

<sup>185</sup> Frei Enoque Salvador em Carta datada de 09 de março de 2012.

Foi um período marcado pelas ações violentas, planejadas, organizadas e executadas, sem qualquer punição, por parte de prefeitos, políticos, latifundiários, polícia, oficiais de justiça, juízes de direito. Mas, apesar destas ações, todas bem documentadas, foram incapazes de frear ou intimidar o compromisso da Igreja com seu povo.

### 3.2.3. Terceiro período 1979-1987

No período de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979, aconteceu a III Conferência Episcopal da América Latina em Puebla, México, inaugurada pelo Papa João Paulo II. No mês de julho de 1980 João Paulo II visita o Brasil. As tensões entre “conservadores” e “progressistas” têm repercussões em Sergipe. As reações de dentro e de fora da Igreja contra a caminhada da Igreja de Propriá continuam. A Diocese de Propriá continua assumindo a opção preferencial pelos pobres, a organização nas CEB's e a defesa da luta pela terra. Dom José Brandão, pressionado, pede renúncia em 1986.

Neste período chegaram as Irmãs da Santíssima Eucaristia<sup>186</sup>, as da Congregação de S. Vicente de Paulo de Gyseghem<sup>187</sup>, as da Congregação das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado<sup>188</sup>, Cônegas de Santo Agostinho<sup>189</sup>, e o grupo das Missionárias Leigas de Jesus no Meio dos Pobres, foi criado na diocese<sup>190</sup>.

A Conferência de Puebla acontece sob uma conjuntura política e religiosa contrária à Igreja progressista da América Latina, principalmente a do Brasil que, conforme Comblin, reação construída por uma minoria durante o Concílio Vaticano II:

---

<sup>186</sup> Residência em Gararu, depois foram para Itabi. Chegaram em 1980 as Irmãs Hermínia, Davina e Neide. Depois foram chegando Eliete, Maria de Freitas, Odete e Vânia, Conceição e Ângela.

<sup>187</sup> No dia 23/06 chegaram as Irmãs Ir. Prudência, Tarcísia Burms e Rapanie. (A Defesa, julho/1981, p. 4).

<sup>188</sup> Residência em Brejo Grande: em 1981, as Irmãs Regina, Graça, Raimunda e a leiga Maria Amélia. Depois chegaram Vanda, Vera Vanda, Mirian Lemos, Bernadete, Francisca e Rita.

<sup>189</sup> Residência em Poço Redondo: em 1981, Irmãs Leni e Pedrolina

<sup>190</sup> Associação fundada em Porto da Folha, no dia 24/08/81: Irmãs Maria Souza, Maria José Faustino (Zezé Xokó), Maria José Farias e Deildes. Ajudaram na formação do grupo: Ir. Maria Lúcia Bernardes (Congregação das Irmãs de Gapp), Pe. José Comblin, Maria Amélia Leite (Fortaleza, CE), Raimundo Eliete, Frei Roberto Eufrásio e Frei Enoque Salvador.

A euforia suscitada pelo Vaticano II durou apenas 3 ou 4 anos. Logo a reação manifestou-se com muito barulho. O que precipitou a reação conciliar foi a grande crise de civilização que sacudiu todo o Primeiro Mundo em 1968: o maio de Paris foi o símbolo dessa revolução cultural. Então começou o que se chama de pós-modernidade, ainda que as suas formulações teóricas tenham aparecido somente na década de 70. A crise da civilização ocidental abalou também a Igreja que estava em plena fase de mutação. Os adversários aproveitaram a coincidência histórica para atribuir ao Concílio os fenômenos da crise – por exemplo, a crise sacerdotal – que se deviam à mutação cultural. A crise mostrava até que ponto a Igreja estava distante da sociedade e pouco preparada para adaptar-se às novas fases de sua evolução. Mostrava não que o Vaticano II estava errado, mas que já havia chegado tarde e que, se não tivesse acontecido, as crises ulteriores seriam ainda mais profundas. O partido da reação fortaleceu-se e a Cúria romana alimentou um ambiente de pânico, como se a Igreja estivesse em vias de desaparecimento [...] O novo Papa (João Paulo II) manifestou logo que ia empreender uma política de restauração. Invocando os textos conciliares inseridos pela pressão da minoria, executou uma manobra de esvaziamento do Concílio em nome do Concílio. [...] Iniciou-se nova fase de condenações. Sucessivamente uma série de teólogos foram acusados de ceder às tentações do mundo moderno. O magistério achou de novo que a sua tarefa era condenar os erros ou os perigos de erros para proteger a Igreja contra os assaltos do mundo moderno (COMBLIN, 2002, p.8).

Nos anos 70, o bispo alemão Hengsbach coordena o grupo de estudo conhecido como “Círculo de Estudos Igreja e Libertação”, que se implanta na Alemanha e na América Latina. Atua contra a teologia da libertação e o “Movimento de Cristãos para o Socialismo”, por usarem o método marxista. Com a ascensão do Papa João Paulo II, da Polônia, país sob controle do regime comunista, e “convencido dos ricos da teologia da libertação e da necessidade de evitar uma mistura com o marxismo” procurou colaboradores a fim de libertar “da polarização entre conservadores e progressistas”: na América Latina ele escolheu os cardeais Dom Lucas Moreira Neves<sup>191</sup> e Dom Alfonso Lopes Trujillo (colombiano, arcebispo de Medellín e secretário do CELAM)<sup>192</sup>, e o cardeal Joseph Ratzinger. Aqui no Brasil são conhecidos os que apoiaram o grupo: o Cardeal Eugênio Sales (Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro), Dom Luciano José Cabral Duarte (Arcebispo de Aracaju e vice-presidente do CELAM). A perseguição é declarada, aberta e pública à Teologia da Libertação e seus apoiadores. O teólogo Leonardo Boff foi o primeiro a

<sup>191</sup> Brasileiro, Cardeal Primaz de Salvador (BA) em 1987 e em 1998 foi nomeado Prefeito da Congregação para os Bispos.

<sup>192</sup> RICARDI, 211, p.326; FREIRE DIAS, Frei João Paulo. **Dom Luciano e o Marxismo na Teologia da Libertação**. Aracaju: Monografia, 2006, Seminário N. S. da Conceição, p. 44.

ser denunciado e condenado por Roma ao silêncio obsequioso e proibido de publicar como também de ensinar em instituições católicas<sup>193</sup>. Outros estavam na lista, entre eles o teólogo Jon Sobrino<sup>194</sup>.

O Cardeal de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, reage contra as CEB's, fazendo fortes acusações públicas contra o Arcebispo de Vitória do Espírito Santo, Dom João Batista da Mota e Albuquerque e ao seu auxiliar, Dom Luis Gonzaga Fernandes, por terem acolhido por duas vezes os encontros intereclesiais das CEB's, o primeiro, em janeiro de 1975 - "CEBs: Uma Igreja que Nasce do Povo pelo Espírito de Deus" – e o segundo, em agosto de 1976 - "CEBs: Igreja, Povo que Caminha". Nos dois participaram, além dos representantes das CEB's, assessores, bispos e arcebispos. Dom José Brandão reage e escreve carta de apoio às CEB's e solidariedade aos bispos de Vitória:

Não compreendo como tais acusações possam ter sido assacadas contra um trabalho sério, todo ele inspirado na vontade decidida de dar ao Povo de Deus um lugar ao sol na Igreja de Jesus Cristo. Eu estava presente ao Encontro de Vitória, ao segundo, e só lamento até hoje ter perdido o primeiro. V. Ex<sup>a</sup> estava ausente, preso ao leito pela doença, mas estava presente a todos os momentos pela sua autoridade moral, pela sua inspiração, pelo seu apoio. Dom Luis se portou sempre com a competência que todos lhe conhecem. Havia em todos os bispos, sacerdotes e leigos presentes um só desejo: acolher a vontade de Cristo, expressa através de tantos documentos eclesiais, ultimamente, lançados, para o Brasil, para as Américas e para o mundo. A presença dos Teólogos de renome que tanto honram a Igreja no Brasil deu ao Encontro uma segurança incomum, quanto à ortodoxia. Participação de Bispos e Arcebispos de várias Igrejas do Continente imprimiu nos trabalhos um cunho de universalidade. A contribuição positiva e profunda de alguns Teólogos e Sociólogos evangélicos marcou o Encontro com o

<sup>193</sup> BEOZZO, 1993, p. 224-265. Por causa da pressão internacional a condenação foi suspensa em 1986.

<sup>194</sup> Conforme Comblin "as acusações que foram feitas eram injustas. Examinando a sua procedência histórica, constata-se que procediam, em grande parte, de ódios pessoais. Foram outros latino-americanos que perseguiram os teólogos da libertação (nascidos na América Latina ou nela residentes), até conseguirem a sua condenação". (COMBLIN, 1996, p. 368). Confirma, também Jon Sobrino: "Cuando Alfonso López Trujillo fue nombrado cardenal, dijo poco después en un grupo, más o menos públicamente, que iba a acabar con Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff, Ronaldo Muñoz y Jon Sobrino. Así me lo contaron, y me parece muy verosímil. Las historias de López Trujillo con el P. Ellacuría - con Monseñor Romero, sobre todo - y conmigo son interminables. Continúan hasta el día de hoy. Y empezaron pronto. Creo que en 1976 o 1977 habló en contra de la teología de Ellacuría y de la mía en una reunión de la Conferencia Episcopal de El Salvador, a cuya reunión se autoinvité. Después, en carta a Ellacuría, negó tajantemente que hubiera hablado de él y de mí en dicha conferencia. Pero nosotros teníamos el testimonio, de primera mano, de Mons. Rivera, quien estuvo presente en la reunión de la conferencia episcopal". (*Carta de Jon Sobrino al P. General de los jesuitas*, cf: <http://www.sicsal.net/sobrino/CartaSobrino.html> - Dia 22/08/10 - 11:30 hs.). Conferir também in RICARDI (2011, p. 326) que confirma as ações do cardeal Trujillo.

espírito ecumênico desta era pós conciliar. Dom João, esteja tranqüilo. Sua Diocese se destacou e destaca como sendo uma das pioneiras em tudo o que há de bom na Pastoral de hoje, entre nós. Aceite, pois, a minha solidariedade e a da Igreja de Deus que vive em Propriá. Fraternalmente, + José Brandão de Castro, Bispo de Propriá (Carta datada de 05/12/77).

Em 1978, Dom Brandão recebeu dois opúsculos do Arcebispo de Brasília, Dom José Newton, sobre “O Povo de Deus” e as “Teologias”. Pela data da carta de resposta, de 12 de junho de 1978, possivelmente sejam materiais produzidos em preparação à Conferência de Puebla. Não encontrei nos arquivos tais opúsculos. O bispo agradece e marca posição:

Para mim, os Teólogos que vivem na civilização do bem-estar, o que vale dizer, alguns Teólogos europeus e de outras regiões superdesenvolvidas, terão, realmente, muita dificuldade em entender a Teologia da Libertação, Teologia Latino Americana. Eles vivem num mundo em que ninguém precisa de libertar-se de quem materialmente os oprima. São todos bem de vida. Podem insistir mais - e devem – na libertação interior, apenas. Se a coisa não corre bem para os operários, podem lançar mão da greve e reivindicar os seus direitos, sem sofrerem a pressão que sofreram os 50.000 grevistas de S. Paulo, ainda há poucos dias. Em nossa área latino-americana, especialmente após o início da vigência do TRILATERALISMO, que nada mais é que opressão institucionalizada, a libertação se tornará cada vez mais difícil e urgente. E um cristão não pode compactuar com a opressão. E pensar. D. Newton, que entre os signatários do Pacto Trilateral figuram homens que se dizem piedosos! Eu me pergunto angustiado: como poderei pregar o Evangelho de Cristo que nos ensina que somos todos filhos do mesmo Pai, quando o opressor diz também ao oprimido por ele: “Eu sou seu irmão, porque eu também sou discípulo do mesmo Cristo”? De outro lado, se eu vou abrir os olhos do cristão oprimido que sofre, mostrando-lhe que Deus não quer nem pode querer tanta maldade da parte dos cristãos, aliás de nenhum outro homem, religioso ou não, não sei como fazê-lo sem abordar as “irritantes questões sociais”, isto é, a violência mais institucionalizada pelo Trilateralismo em nosso continente. Acabo sendo chamado e tachado de marxista por esses cristãos que exploram outros cristãos! O fato é concreto e não apenas hipotético! Que Teologia terei de adotar a não ser a da[ ] Cativo e da Libertação?

O discurso do Papa João Paulo II, quando da Abertura da Conferência de Puebla, a considera como uma continuidade das decisões pastorais da Conferência de Medellín, devendo-se levar em consideração um novo discernimento da missão da Igreja e seu posicionamento diante da realidade sócio-eclesial:

Queremos tomar como ponto de partida o que contém os documentos e resoluções daquela Conferência [de Medellín], e

queremos ao mesmo tempo, sobre a base das experiências destes dez anos, do desenvolvimento do pensamento e à luz das experiências de toda a Igreja, dar um justo e necessário passo adiante. [...] Com sua opção pelo homem latino-americano visto sua integridade, com seu amor preferencial, mas não exclusivo, pelos pobres, com seu ânimo para uma libertação integral dos homens e dos povos, Medellín, a Igreja ali presente, foi um chamado de esperança para metas mais cristãs e mais humanas. Contudo dez anos se passaram. Fizeram-se interpretações, por vezes, contraditórias, nem sempre corretas, sem sempre benfeitas para a Igreja. Por isso, a Igreja busca os caminhos que lhe permitam compreender mais profundamente e cumprir com maior empenho a missão recebida de Cristo Jesus (CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE PUEBLA, pág. 37-38, pdf).

O Pe. Oscar Beozzo destaca que, apesar do embate com o grupo neoconservador e uso político deste contra a ala progressista da América Latina, tanto em Puebla como no período da visita do Papa ao Brasil, em julho de 1980, houve vitória do grupo progressista:

“A nosso ver, a inflexão se situa já antes, desenhando-se no claro propósito de se fazer de Puebla (1979) um marco da orientação neoconservadora para toda a América Latina e da viagem de João Paulo II ao Brasil, em julho de 1980, o momento de se enquadrar a Igreja do Brasil nas novas pautas da Igreja Universal. Tanto Puebla quanto a viagem do papa ao Brasil não alcançaram inteiramente seus propósitos. Puebla, em boa parte devido à atuação decidida da delegação brasileira reafirmou as pautas centrais de Medellín, como a opção preferencial pelos pobres. E a viagem do papa, em suas grandes linhas, foi sentido como um apoio ao trabalho da Igreja no Brasil (BEOZZO, 1993, p. 224).

Privilegiando este tipo de leitura, a Diocese de Propriá continuou com a opção pastoral pelas CEB's, apoiando a organização do povo:

Nossa luta continua. É uma luta de cada dia. O mais grave por aqui é a questão da terra. Os pobres vão ficando cada vez mais pobres! João Paulo II foi inspirado quando falou em Puebla que na América Latina “os ricos se tornaram cada vez mais ricos, às custas dos pobres cada vez mais pobres”, e também quando estranhou que isso aconteça exatamente num continente que conta com o maior número de cristãos, somados católicos e protestantes. Resultado trágico: cristãos explorando cristãos! (Dom José Brandão à Prezada Dulce, carta de 01/10/1979)<sup>195</sup>.

---

<sup>195</sup> IZAIAS, Pe. Elias. Das Cartas: A PESSOA e o TRABALHO – DOM JOSÉ BRANDÃO. Apostilha. 2001, p.22.

O clima de embate traz consigo desgastes enormes para a pastoral da Igreja. Numa carta ao casal Dr. Mauricio e Dona Cecília, datada de 07 de abril de 1982, Dom Brandão demonstra sua lucidez em relação ao contexto:

Os tempos não são fáceis! Os que procuram realizar uma evangelização libertadora são contestados injustamente e apontados como criadores de casos ou agitadores. Ainda bem que o próprio Cristo não escapou a essas acusações! Achamo-nos assim em boa companhia<sup>196</sup>.

Em um clima como esse, em 1983, o Metropolita de Aracaju, Dom Luciano José Cabral Duarte, radicaliza sua posição, através da mídia nacional, sobre a Igreja no Brasil, e, conseqüentemente, contra seus irmãos no episcopado<sup>197</sup>, que resultarão, três anos depois, no afastamento de Dom José:

“[...] durante a Assembléia da CNBB de 1983, ao ser designado para atender a imprensa, afirmou publicamente, diante das câmeras de televisão, que a Igreja no Brasil estava em estado tão grave que podia ser pedida a intervenção papal; que o marxismo estava fazendo incursões entre o clero e os teólogos; que uma ‘Igreja popular’, independente dos bispos, tal como fora condenado pelo Papa, em sua última homilia em Manágua, esta aparecendo no Brasil; e que muitos bispos se opunham ao Papa [...]. Entre 224 votantes, D. Cabral Duarte não havia recebido nenhum voto na indicação para o primeiro e segundo delegados ao Sínodo e apenas um voto para o terceiro e quarto – expressão, certamente, do inteiro repúdio da Assembléia por suas declarações à imprensa contra a CNBB”. (BEOZZO, 1993, p. 289)

<sup>196</sup> IZAIAS, Pe. Elias. Das Cartas: A PESSOA e o TRABALHO – DOM JOSÉ BRANDÃO. Apostilha. 2001, p. 28.

<sup>197</sup> No início de 1970, Dom José Vicente Távora, foi também vítima deste comportamento quando o mesmo era seu Bispo Auxiliar: “Segundo Silvério Fontes – entrevista cedida ao DANTAS em 23.08.94 - D. Távora, incomodado com as sucessivas interferências de D. Luciano, encarregou o padre Dion de fazer um levantamento do envolvimento do bispo auxiliar com os políticos. Em seguida promoveu-se uma reunião do Conselho Paroquial (composto de religiosos e leigos) para que esse órgão se manifestasse sobre a participação política daquele prelado. mas o professor Silvério Fontes, um dos presentes ao evento, opinou que só teria autoridade para julgar a conduta do referido Bispo era seu superior hierárquico, opinião acatada por todos. Por esse tempo a Delegacia da Polícia Federal convidou o Pe. Dion para depor a respeito de seu envolvimento na greve de Osasco(SP), em 1968, quando teria emprestado mimeógrafo para imprimir panfletos considerados subversivos. No dia seguinte, àquele depoimento, houve reunião de 17.03.70 do Conselho Presbiteral para o Pe. Dion apresentar seu anteprojeto do Centro de Formação Teológico-pastoral. Aproveitando-se do ensejo, D. Luciano, já sabendo da reunião anterior, interpelou-o, provocou-o e o canadense revelou suas divergências contra a “Revolução”. Em conseqüência disso, o delegado Oswaldo de Albuquerque Mello solicitou ao Secretário do Conselho a ata da citada reunião e, não sendo atendido, mas dispondo de fita gravada das discussões, convocou os padres participantes do encontro para depor. D. Távora interveio junto ao delegado da Polícia Federal, empenhando-se em evitar os interrogatórios. Como se não bastassem esses aborrecimentos,, as relações com D. Luciano exasperaram-se. Divididos na defesa e no ataque ao padre Dion, D. Távora e D. Luciano travaram calorosas discussões. Em meio a pressões de todos os lados e fortes contrariedades, na madrugada de 03 de abril de 1970, D. José Vicente Távora expirou”. (DANTAS, 1997, p.148)

Concretamente, na arquidiocese de Aracaju, foram dispensados todos os vocacionados e seminaristas simpáticos à teologia da libertação. Vários grupos de jovens foram advertidos. Até leigos comprometidos foram convidados a se afastarem dos cargos nas pastorais, com exceção dos mais ricos, que contribuíam economicamente com a Igreja. Sabe-se, também, da intervenção do Arcebispo, junto ao governo militar, para transferir funcionários “comunistas”:

Não é preciso perguntar pelas reações dentro e fora da igreja. Dom Luciano José Cabral Duarte, em sua sede episcopal, articulava uma reação contrária a toda Igreja que se edificava a partir das decisões conciliares e das Conferências episcopais de Medellín e Puebla. Sabemos que ele não estava solitário no esvaziamento das orientações do Concílio Vaticano II. Deus e a história o julgarão (OLIVEIRA, 2007, p.55).

Em agosto de 1983, o Arcebispo negou autorização para realização de um ato público em Aracaju, promovido pela Diocese de Propriá, em defesa das causas sociais. Dom Brandão, consciente do posicionamento de seu Metropolita em relação à sua Diocese, e à situação tensa em relação à Igreja do Brasil, dirige uma carta aos agentes pastorais da diocese com o seguinte teor:

Conversei com D. Luciano, como tínhamos combinado, e ele tomou como modelo a atitude de Dom Arns em São Paulo, que não permitiu a D. Frei Boaventura falasse em público sobre o seu livro, IGREJA POPULAR, que foi assim lançado sem discurso. Creio que nesta altura qualquer atitude nossa contrária à decisão de nosso Metropolita seria contraproducente e descabida. Mesmo porque poderia dar-me o contrário. Quando elementos de outra Diocese viesse, por ventura, fazer aqui uma manifestação, por exemplo, contra as CEB's que para os conservadores equivalem à IGREJA POPULAR, nós não poderíamos dizer nada... De outro lado, nada impede que os trabalhadores se manifestem como trabalhadores e cristãos. Só que a Diocese não deve comparecer nem como patrona, nem como participante oficial. Espero que o Sr. compreenda essa nossa posição. Estamos atravessando inegavelmente um momento de grande tensão na Igreja não convém aumentar essa tensão. Correríamos o risco de por em perigo nossa Pastoral. Fique, porém, certo que toda a Diocese está convidada a realizar uma vigília de orações, na noite de 30 e 31 deste, em cada sede paroquial, podendo ser das 19 às 24 horas (Carta datada de 26/08/83).

Posicionando-se, mesmo correndo o risco de entrar em choque com seu Metropolita, escreveu ao frei Leonardo Boff<sup>198</sup> em 1984 por três vezes: a primeira vez, uma carta escrita à mão, manifestando sua solidariedade diante do processo:

Meu caro Frei Leonardo Boff. No momento em que tanta coisa se vem publicando, aqui e ali, contra o Sr. venho unir-me aos que se solidarizam com o Sr. Lamentamos que sua pessoa e suas palavras sejam tomadas como suspeitas, quando sabemos de seu amor à Igreja e de seu trabalho de evangelizador, através de seus livros, artigos e conferências. Peço a Deus lhe dê coragem e perseverança, enquanto confio no reconhecimento público de sua fidelidade à fé que professamos em Jesus Cristo Libertador”. (Carta datada de 22/07/84).

A segunda vez, uma carta datilografada, também de solidariedade, comunicando-lhe que enviara carta ao Cardeal Ratzinger, em sua defesa<sup>199</sup>:

“Meu caro Frei Leonardo Boff, Aceite meu abraço e a minha solidariedade. Estou mandando para o Sr. uma cópia da carta que hoje mesmo está sendo encaminhada a Roma, endereçada a S. Emília. O sr. Cardeal Joseph Ratzinger. É a nossa solidariedade com o Sr. nesta altura dos acontecimentos. Fazemos votos para que tudo se resolva, de maneira que o Sr. possa continuar a nos iluminar com

---

<sup>198</sup> “Importa ressaltar que o Papa teve uma visão curta e simplista deste tipo de teologia. Leu-a na ótica de seus detratores. E hoje sabemos, a partir das informações que a CIA lhe passava, especialmente, sobre sua importância na América Central. Interpretou-a como um cavalo de Tróia do marxismo que ele se sentia na obrigação de denunciar, pois tinha experiência dele em sua pátria. Acolheu a idéia errônea de que o perigo da América Latina seria o marxismo. Quando o perigo é e sempre foi o capitalismo selvagem e colonialista com suas elites anti-populares e retrógradas. O Papa viu somente a missão religiosa da Igreja e não também sua missão social, a dos pobres em sua busca de justiça. Se tivesse dito: “Vamos apoiar os pobres e engajar a Igreja nas mudanças, a partir daquilo que é nosso, do evangelho e da tradição profética”, outro teria sido o destino político na América Latina. Ele nos fez perder uma chance histórica única. Lamentavelmente cercou-se de eclesiásticos latino-americanos levados a Roma, em sua grande maioria conservadores, carreiristas, intelectualmente medíocres e de um papismo infantil e adulador. De lá organizaram a restauração conservadora em todo o Continente. Isso se operou mediante a transferência de bispos proféticos para dioceses distantes, a mediocrização do episcopado com a nomeação de bispos, distanciados da vida do povo, o fechamento de institutos de teologia e a punição de teólogos. O dedo em riste do Papa contra o poeta e profeta Ernesto Cardenal da Nicarágua nunca será esquecido. Ele estava humildemente de joelhos e o Papa em pé como um mestre escola corregedor. Só faltava a vara para termos a cena completa. Para o cristianismo da América Latina, a política vaticana sob o Pontificado de João Paulo II foi um retrocesso e na perspectiva da libertação dos pobres, um flagelo. A muito custo manteve-se viva a chama e o sonho do Nazareno que se comprometeu com a libertação dos pobres e oprimidos chamando-os bem-aventurados e os primeiros no Reino de Deus”. (BOFF, *Jornal do Brasil*, 03/04/04).

<sup>199</sup> “Eminentíssimo Senhor Cardeal Joseph Ratzinger [...] Laudetur Jesus Christus! Com a devida reverência, venho trazer a Vossa Eminência o meu testemunho pessoal do trabalho apostólico e do zelo pastoral de Frei Leonardo Boff, O.F.M. Posso declarar que, com sua inteligência, sua fidelidade à Igreja Católica, Apostólica e Romana, no Brasil, tem feito muito bem aos fiéis, aprofundando, inclusive, o autêntico sentido da opção preferencial pelos pobres, bem como outros aspectos da Teologia. Confiando na alta compreensão de Vossa Eminência, subscrevo-me, respeitosamente, ao mesmo tempo em que apresento a Vossa Eminência as minhas CORDIAIS SAUDAÇÕES. + José Brandão de Castro, Bispo Diocesano de Propriá”. (Carta datada de 11/08/1984).

seu trabalho, sua inteligência e sua fé”. (Carta datada de 11/08/1984).

E a última, dando palavras de conforto, após a condenação:

“Até agora estava em falta com o Sr., deixando de lhe mandar minhas palavras de conforto, nesta circunstância triste que o Sr. está vivendo. Pois, vai aqui agora o meu “macte animo, generose puer, sic itur ad astra”. Deus lhe dê a coragem necessária para enfrentar essa situação que lhe foi imposta. Nós todos que procuramos fazer um trabalho pastoral junto dos mais pobres e dos mais lascados, sabemos do seu valor e de suas retas intenções. Nós rezamos pelo Sr. para que não se deixe abater. E posso afirmar a você que expresso o meu pensamento e de muitos em nossa Diocese, sacerdotes e religiosas, bem como de Leigos. Com as nossas preces queremos ajudá-lo nesta vigília até que o sol brilho de novo na sua janela. Meu fraternal abraço, “ex corde”. (Carta datada de 21/06/85, sem assinatura).

Diante de tantas pressões dos conservadores, descaracterizando a atuação dos progressistas, na sua opção pelos pobres à luz da teologia da libertação, ele era decidido na opção que fez. Para ele, o objetivo era “o bem da pessoa humana”:

“Nós chegamos a um ponto decisivo de nossa caminhada. Importa que, mais do que nunca, deixemos de lado tudo quanto nos possa desunir. Para não irmos ao fundo (fundo com letra minúscula, aduziu, entre risos dos entrevistadores, o Bispo de Propriá<sup>200</sup>) precisamos acordar as energias que talvez em nós estejam adormecidas. Toda criatura humana tem, em seu íntimo, um desejo profundo de fazer o bem. O que mais se faz necessário neste momento é o lugar por um mundo diferente, onde predomine, em todas as esferas, o bem da pessoa humana. Qualquer outro interesse que se desviar desse objetivo deverá ser considerado espúrio. Vamos trabalhar juntos para o bem de todos”. (Entrevista com Dom José Brandão no jornal Portavoz reproduzida pelo A Defesa, junho de 1983, p. 3).

Na Mensagem do Advento, Dom Brandão revela o centro de sua espiritualidade: o Jesus que devemos esperar. Foi sua fé nele que lhe impulsionou e lhe conservou firme e perseverante no ministério pastoral à frente da Diocese de Propriá:

Preparar-se para a vinda de Jesus é o grande objetivo da Igreja nesses dias que precedem o Natal. Trata-se, na verdade, da comemoração de um aniversário natalício. Mas é o natalício de alguém que veio ao mundo para transformar este mundo mais humano, mais aconchegante. O mundo de Jesus Cristo é um mundo

---

<sup>200</sup> Era uma época em que ir ao fundo significava, antes de mais nada, ir ao Fundo. Isto é, pedir dinheiro e receber ordens do Fundo Monetário Internacional.

de harmonia, de justiça, de igualdade e de paz. Tudo isso, porém tem de ser querido e realizado por nós que recebemos de Deus, quem quer que sejamos, a graça de ser, de fato, o sal da terra e a luz do mundo. Foi para animar-nos a agir como tais que Cristo veio pessoalmente ao mundo, há quase dois mil anos. Feliz Natal para todos! (A Defesa, Novembro de 1986, p. 2).

É consenso, entre os agentes pastorais da ‘primeira hora’, que Dom Brandão foi pressionado a renunciar, pelo seu Metropolita<sup>201</sup> e pelo Núncio Apostólico. A documentação que poderá provar esta suspeita só virá à tona em meados do século 21<sup>202</sup>. Até lá, a menos que outros documentos sejam descobertos, o que se sabe é que, mesmo sofrendo em silêncio, Dom Brandão não conseguiu impedir que as sessões de torturas moral que lhe eram impostas durante o dia, nos encontros com os dois citados, em algum lugar de Aracaju, fossem reveladas durante noites tenebrosas, em que ele gritou no sono, entre elas quando hospedado na sacristia da Igreja da Ilha de São Pedro, terra do Povo Xokó, pelo seu direito de ser bispo e pastor. Lembra muito bem Frei Enoque Salvador de Melo:

Lembro-me dele, na Ilha de São Pedro, nas madrugadas de suas noites (e em outros lugares também, como em Porto da Folha), gritos de: “Senhor Núncio, não é verdade. Eu amo a Igreja” ou: “Dom Luciano em não sou comunista. Nossa Senhora de Fátima defenda nossa Diocese”. O Irmão Salatiel também testemunhou vários momentos de gritos nos sonos atordoados de Dom José, sobretudo nos últimos meses que precederam sua renúncia (Carta datada de 20.01.12).

Ele resistiu quanto pode, com muita firmeza, por amor ao seu povo, e por suas convicções de fé no Deus que liberta seu povo. Frei Roberto afirmou com segurança:

[...] ele renunciou sob fortes pressões do então Núncio Apostólico, Dom Carlos Furno e de Dom Luciano Cabral Duarte, Arcebispo de Aracaju, naquele período (OLIVEIRA, 2007, p. 77).

<sup>201</sup> “Dom Luciano Duarte era “Detentor de estatura relativamente baixa, um pouco atarracada, nos contatos informais demonstrava polidez, mas, quando envolviam relações de poder, revelava-se impositivo e arranhento. Apesar de apresentar-se cheio de certezas esquemáticas e precisas, segundo o padrão escolástico, dissimulava seu dogmatismo com alguma dose de pragmatismo. Determinado, até diante de autoridades civis, lutava por suas reivindicações sem medir meios para atingir seus fins. Nos embates não sabia transigir. Geralmente mostrava-se inflexível e impiedoso com os divergentes e somente descansava quando abatia os adversários. No seu trabalho pastoral costumava priorizar a conversão sem preocupar-se muito com as mediações. Tinha quase tudo para ser grande liderança no Estado, mas seu fechamento ideológico e sobretudo sua intolerância com os discordantes, fizeram-no colecionador de desafetos, não obstante manter um grupo de admiradores reverentes”. (DANTAS, 1997, P. 146)

<sup>202</sup> Normalmente os documentos do Arquivo Secreto do Vaticano são liberados para a pesquisa após 75 anos. Maiores detalhes ver: <http://pt.wikipedia.org>, ou mesmo no site [WWW.vatican.va](http://www.vatican.va).

Aos 67 anos de idade, Dom José Brandão de Castro, apresentou a carta de renúncia pessoalmente ao referido Núncio, e por este, ao Papa, antes da idade canônica que é aos 75 anos:

“De fato, apresentei à Nunciatura Apostólica em Brasília o meu pedido de renúncia, no dia 02 de julho de 1986. E o fiz, depois de demorada reflexão, tendo em vista o bem da Diocese. Como já declarei certa vez, acho que chegou a hora de vir prá cá uma força nova que possa dar à Diocese um novo impulso. [...] O que me compete é pedir a todos os diocesanos que me perdoem as faltas que eu tenha cometido, nestes 27 anos de governo, e desejar, do fundo do coração, que o meu sucessor seja acolhido com aquele calor de cordialidade, característico do povo desta região. [...] Parafraseando o grande Arcebispo [Dom Fernando Gomes, ao se despedir de Aracaju] eu talvez diria: “Vou para Minas, levando daqui muita saudade, alguns de meus livros e todos os meus defeitos”. E espero que vocês todos que tiveram ocasião de ler esta minha entrevista no nosso querido jornal “A DEFESA”, guardem minhas palavras de despedida, que coincidem com as primeiras que aqui pronunciei diante de nossa Catedral, quando dirigi ao povo minha primeira saudação, a 16 de outubro de 1960: “LOUVADO SEJA NOSSO SENHOR JESUS CRISTO”, e milhares de vezes responderam: “PARA SEMPRE SEJA LOUVADO E NOSSA MÃE MARIA SANTÍSSIMA!”” (Entrevista: Dom José Brandão, in ‘A Defesa’, Abril de 1987, p. 4).

O pedido de renúncia de Dom José Brandão foi oficialmente aceito no dia 30 de outubro de 1987, quando foi nomeado seu sucessor, Dom José Palmeira Lessa<sup>203</sup>. No dia 05 de novembro seguinte, os padres consultores e outros do clero, em reunião, indicaram Dom Brandão como gestor da Diocese até a posse do novo bispo<sup>204</sup>. A Sagrada Congregação dos Bispos confirmou a indicação como Administrador Diocesano no dia 03 de dezembro do mesmo ano<sup>205</sup>, até a posse do seu sucessor, ocorrida na tarde do dia 24 de janeiro de 1988.

<sup>203</sup> Nasceu em Coruripe-AL, aos 18 de janeiro de 1942. Foi ordenado sacerdote em 03 de julho de 1968, e eleito Bispo Titular de Sita e Auxiliar de São Sebastião do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1982, e sagrado em 24 de agosto de 1982. Transferido para Diocese de Propriá aos 30 de outubro de 1987. Eleito Arcebispo Coadjutor de Aracaju em 06 de dezembro de 1995, onde tomou posse em 25 de março de 1996. Elevado a Arcebispo Metropolitano de Aracaju em 26 de agosto de 1998. Cf. <http://arquiocesedearacaju.org>.

<sup>204</sup> Assinantes da Ata: frei Enoque Salvador, Pe. Nestor Mathieu, Pe. Manuel Luiz Rodrigues, Pe. Girard Olivier, Pe. Etienne Lemaire, C.SS.R. e Pe. Manuel Guimarães.

<sup>205</sup> Prot. N. 730/86: Beatissime Pater, Iosephum Brandão de Castro, C.SS.R., Episcopopus Emeritus Propriensis, hic et nunc, compertus se a Collegio Consultorum eiusdem vacantis dioecesis electum esse Administratorem diocesanum, neglectis, praeter voluntatem, praescriptis canunu 166, § 3º et 169 C.I.C., ita up actus ab eodem Collegio positus electionis, ipso iuri, cum patet, nullus sit humiliter postulat a Sanctitate Vestra sanationem omniu actorum administratione durante positorum. \*\*\* Congregatio pro Episcopis, vigore specialum facultatum a Sommo Pontifice IOANNE PAULO, Divina Providentia PP. II, sibi tributarum, Exc.mo Oratori gratim sanationis iuxta preces, benigne concedit.



Despedida de Dom José Brandão no dia 24/01/1988  
e Posse do seu sucessor Dom José Palmeira Lessa.  
(Acervo da Cúria Diocesana de Propriá)

Os agentes de pastoral procuraram convencê-lo a permanecer na Diocese como um irmão entre os irmãos, mas ele preferiu partir para o convento de sua congregação em Curvelo, Minas Gerais. Na cerimônia de posse do novo bispo, em frente à Catedral, na tarde do dia 24 de janeiro de 1988, estava o novo bispo que chegava e...

... de um lado o bispo que se despedia "como um atleta CANSADO, que combateu um bom combate, guardou a fé"... e entrega a outras mãos sua riqueza e seu troféu. No gesto de profecia apresenta pede o carinho do novo pastor para os índios XOCÓ da Ilha de São Pedro, os acampados, pequenos proprietários assentados, meeiros, posseiros, pescadores... Os pobres e marginalizados de sua Diocese. Todos entenderam o gesto e profecia impossível não entendê-la.

Ainda apresentou seus colaboradores - Padres, Leigos, Religiosas, que com ele caminharam nas estradas do sertão e embarcaram nas águas benditas do velho Chico. Pediu perdão pelo que deixou de fazer, e, poeta como era, voltando-se para a imagem da padroeira da diocese se despede do povo Sergipano, pede a proteção para a diocese e seu novo pastor, e pede para si e os seus, perseverança e compromisso (Frei Enoque Salvador, carta de 09.03.12).

Na manhã do dia 25, Dom José Brandão de Castro, retornou ao seu rincão mineiro após 27 anos e 100 dias de presença pastoral na Diocese de Propriá, onde veio a falecer onze anos depois no convento dos padres Redentoristas em Curvelo. O Padre Dalton, provincial dos redentoristas da Província do Rio de Janeiro, registrou o dia do sepultamento de Dom José Brandão, na comunidade de Curvelo:

Aquela tarde de 23 de dezembro de 1999, lá em Curvelo está intacta na retina da memória. Vésperas do Natal. Foi quando encerramos a peregrinação de D. José Brandão de Castro, plantando na terra seu corpo. Ele, o cultivador da solidariedade com os camponeses. Plantamos seu corpo, seguros da semente que germina em Ressurreição. Olhei seguidas vezes para seu rosto, no caixão. Perdera o ar alienado que o silêncio lhe impusera. Era um padecente emudecido e desligado deste nosso real. Tentaram em vida, muitas vezes, calá-lo. Que cessasse essa incomoda voz na defesa dos direitos do povo dos pobres, oprimido. Não conseguiram. Ele mesmo, sem saber (!?) foi entrando no silêncio e, enfim, no mutismo que rotulamos como doença do “mal de Alzheimer”. Será apenas isso ou também recado divino, revivendo o Servo Sofredor, partilhando de modo inesperado e até o fim a sorte dos sem voz? (DALTON, 2000, p. 3).

Este terceiro período, principalmente o final dos anos 80 e início dos anos 90, o céu da Igreja latino-americana que aderiu à CEB's e à Teologia da Libertação começou a desabar sobre nossas cabeças. As construções eclesiais dos bispos progressistas, regadas com muita esperança de ver um povo livre, passando por humilhações articuladas pelos poderosos deste continente, e as alegrias pelas vitórias do povo, quase foram destruídas pela Cúria Romana. Quando culminou com a condenação do teólogo Leonardo Boff, em 1985, implantou sobre as dioceses um clima de terror, indignação e, conseqüentemente, uma rejeição contra a instituição e a quem representasse, por parte dos cristãos engajados. A mesma militância havida para reconquistar as liberdades democráticas contra a ditadura militar, agora se volta contra a hierarquia eclesiástica, porém sem sucesso.

A nota da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife, publicada no Diário de Pernambuco no dia 17 de maio de 1985, expressa muito bem os sentimentos da Igreja do Brasil naquele momento:

“Por mais de vinte anos o povo brasileiro se viu massacrado pelo obscurantismo de um regime que somente fabricou a escuridão. Quanto mais escura foi a noite, mais presente e animadora procurou ser a voz da Igreja do Brasil a colorir de esperanças os sombrios horizontes nacionais. A Igreja estimulou a organização do povo. Foi a Igreja que, dos púlpitos e dos telhados, gritou por justiça social, porque o Evangelho não tolera o silêncio dos oportunistas, porque, afinal, eram irmãos do mesmo irmão, em busca de direitos que lhes garantiu o mesmo Pai comum. (...) Depois de 20 anos, o país voltou a sorrir. O povo voltou às ruas que são suas e lá continua (Referência à massiva campanha pelas “Diretas-já” que havia tomado as ruas do país, pedindo eleições diretas para a presidência da República). O Estado finalmente busca se reencontrar com a Nação. Neste quadro de esperanças, os brasileiros, sobretudo os cristãos, receberam com sofrimento a punição de Frei Leonardo Boff. Tom dos argumentos agora levantados guarda o mesmo rancor inquisitorial que nos acostumamos a deplorar, durante os anos mais sombrios de um obscurantismo felizmente ultrapassado. Roma, para nós, está punindo em Frei Boff a Igreja pobre e solidária. A Igreja descalça que enterrou os pés na lama das favelas. A igreja despojada que entrou nas fábricas para defender os operários. Que se embrenhou nas selvas para proteger índios e posseiros. Que desceu às prisões para confortar os desesperados. Se essa é a Igreja do Evangelho por que a punição e o castigo? Por que nos cassam e nos calam? Por que nos condenam e se nem conhecem nossa prática de Igreja? (...) Triste povo brasileiro, condenado a um divórcio infundável com suas instituições. Mal começa a reconciliação do Estado com a Nação, começa a temer o fosso entre si e a Igreja que o animou, quando estava só”. (BEOZZO, 1993, p. 245-246).

Naquele momento, não se alimentava qualquer esperança de continuidade pastoral. O que foi testemunhado pelos agentes pastorais diocesanos de Propriá na realidade bem próxima, na própria região Nordeste, lhes permitia este comportamento: a sucessão e desmonte da pastoral da Igreja do Recife, o fechamento do SERENE II e o ITER em agosto de 1989, por ordem de Roma<sup>206</sup>.

<sup>206</sup> “A Igreja do Nordeste II teve sua mais longa e penosa quaresma. Ou não foi o que passamos desde o dia em que soubemos do fechamento do Seminário do Regional Nordeste II e do Instituto de Teologia do Recife? Que outra tristeza, que outro sofrimento maior do que esse já atingiu nossos corações de filhos devotados da Igreja? [...] fizemos tudo – bispos, padres, religiosos e militantes leigos da Paraíba – fizemos tudo que nos foi possível para que não se consumasse a extinção do ITER e do SERENE II. Não negávamos que havia falhas e limitações nessas instituições. Mas reconhecíamos que elas representavam, como inspiração e como realização, o que de melhor existia na região como instrumento de formação sacerdotal e religiosa, comprometida com a realidade nordestina”. (Decisão esta lamentada por Dom José Maria Pires, Arcebispo da Paraíba: citado por BEOZZO, 1994, 269-275)

Não eram pessimistas, mas realistas. Tinham lucidez em relação aos fatos e, portanto, não alimentavam esperanças de sucessores continuadores da missão, pois não interessava à Cúria Romana a continuidade nesta perspectiva pastoral<sup>207</sup>.

---

<sup>207</sup> “O debate da teologia da libertação é um dos grandes problemas do pontificado [de João Paulo II] até os anos noventa. Sobretudo com a queda dos regimes do leste e o descrédito do marxismo, na América Latina, a crise dissolve-se progressivamente enquanto surge uma geração de bispos que se coloca fora da grande fratura dos anos setenta-oitenta[...]”. (RICCARDI, 2011, p. 331). Conferir também para maior e melhor aprofundamento ver BEOZZO, 1993, p. 207-292: Tensões e Diálogo – As relações entre a Santa Sé e a Igreja do Brasil.

#### 4. A SUCESSÃO: da crise à continuidade da missão

A sucessão aconteceu no dia 24 de janeiro de 1988. Neste final de década o processo de modernização vai mudando a face do mundo: as novidades tecnológicas da informação, comunicação e de produção que vão rompendo fronteiras entre os povos e construindo novas relações sócio-econômicas e culturas globais, principalmente no aspecto religioso<sup>208</sup>. O mundo vai se tornando “uma casa” onde todos os compartimentos estarão interligados e interdependentes. A classe trabalhadora se desintegra diante do potencial excludente das novas tecnologias de produção. Esta nova onda provoca a queda dos regimes militares de direita, na América Latina, e comunistas nos países do leste europeu. O desaparecimento dos países comunistas provoca a descredibilidade da ideologia marxista que a orientava e, conseqüentemente, a perda de credibilidade no socialismo que impulsiona as esquerdas no mundo<sup>209</sup>. O planeta está sob controle do capitalismo americano que determina o destino sócio-político-econômico e cultural das nações, inclusive as que continuaram com as ditaduras comunistas, a exemplo da China. O povo brasileiro, como vários povos de países latino-americanos, está retomando seu processo democrático após 26 anos de regime militar, sem muita empolgação para a cidadania. Com muito esforço as pastorais sociais da Igreja Católica e alguns movimentos sociais fazem mobilizações em todo o país para levantar a auto-estima

---

<sup>208</sup> “A volta ao cultural é, em primeiro lugar, uma volta ao religioso. No mundo inteiro estamos assistindo a uma sensacional ressurreição do fenômeno religioso. Não se trata somente das grandes tradições, mas também de muitas manifestações heterodoxas do espírito religioso. Pode-se dizer que todo o imenso material religioso passado de todas as culturas se renova e recobra uma nova vida. De modo particular todas as expressões de *gnose* que povoavam o império romano e procediam do Egito antigo ou da Mesopotâmia estão ressurgindo em formas novas. As grandes instituições tradicionais do cristianismo não aproveitam muito esse ressurgir religioso. Ao invés disso, novas Igrejas aparecem, tanto na África como na América Latina. São Igrejas independentes. Na América Latina predomina a inspiração pentecostal. Significativamente o que mais progride na Igreja Católica é a renovação carismática, à qual a hierarquia católica ainda não soube atribuir um lugar”. (COMBLIN, 1996, p. 13). Comblin não viveu para ver a retomada dos socialistas na França – 07.05.2012 - mas suas reflexões ganham uma atualidade e um sabor profético impressionantes. (Nota do autor).

<sup>209</sup> “Esse fato não significa que o socialismo não tenha futuro. na realidade as tendências socialistas estão profundamente enraizadas na humanidade que terão que reaparecer inevitavelmente. Porém, com certeza, já não será o mesmo socialismo. Não será a repetição de 1917 e das experiências derivadas de 1917. As condições serão totalmente diferentes e a experiência ensina. Os mesmos erros serão renovados, mas não com a mesma intensidade, nem da mesma maneira. Por enquanto não se pode vislumbrar, nem de modo vago, o que poderia ser uma nova experiência socialista”. (COMBLIN, 1996, p. 11)

cidadã da população a fim de conseguir aprovar leis inclusivas na nova constituição de 04 de outubro de 1988.

No final da década de 80 a Diocese de Propriá era composta por 26 paróquias e sob os cuidados de 10(dez) padres, entre os quais 02 monsenhores idosos, 07(sete) comunidades de religiosas e uma Associação de leigas missionárias<sup>210</sup> para um povo assalariado do Estado e dos municípios se organizando pelo salário mínimo, os aposentados do “funrural” na mesma condição, lavradores, lavadeiras, bordadeiras, caçadores, pedreiros, carpinteiros, professores/as, vaqueiros, pescadores, trabalhadores alugados, assentados da reforma agrária, cortadores de cana, mecânicos, ambulantes e feirantes. Uma população majoritariamente ainda marcada pela pobreza vítimas da fome, carestia, inflação, juros altos, desemprego, exploração no campo, injustiças, sem assistência médica, sem transporte, sem escola, sem-terra. Um povo sob o comando de políticos profissionais que subiram ao poder através da mentira e da compra de votos, que favoreciam a poucos apadrinhados e humilhavam o restante da população. A corrida pela educação era estimulada pela merenda escolar ou, no caso dos jovens secundaristas, com poucos colégios na região, à procura de emprego. A população rural estava migrando do campo para a cidade enquanto que a mobilização pela reforma agrária se fortalecia com o MST, contando com o apoio da Diocese de Propriá. O povo continuava religioso de festa de padroeiro, e pouco de participação nas celebrações semanais das comunidades eclesiais de base, principalmente quando eram dirigidas por leigos. Já eram poucos os que se ofereciam para serem catequistas, animadores de comunidades e de jovens, e outras atividades pastorais. As mulheres eram, na maioria, as protagonistas da evangelização. E, assumindo a missão, havia a coordenação das CEB's, composta pelas Irmãs Francisca (Irmã de Namur, de Pacatuba), Regina (Irmã de Jesus Crucificado, de Brejo Grande) e Vânia (Irmã da Santíssima Eucaristia, de Itabi); a Pastoral Catequética, pelo Irmão Salatiel do Amaral; a Pastoral da Saúde, por

---

<sup>210</sup>Eram 10 padres em 1987: Enoque Salvador, Luiz Rodrigues, Mons. José Moreno de Santana, Mons. Manuel Guimarães, León Gregório, Nestor Mathieu, Etienne, Geraldo Olivier, e Miguel Derideau. Frei Roberto Eufrásio, o décimo, foi cedido ao Centro de Formação de Missionária da Paraíba em 1986. (Nota do autor). As religiosas: as Irmãs de Namur (Japaratuba e Pacatuba); as do Colégio das Freiras (Propriá), as de Jesus Crucificado (Brejo Grande), Santíssima Eucaristia (Itabi e Propriá), Providência de Gapp (Japoatã), Vicentinas (Neópolis, Aquidabã e Canindé) e os Irmãos Maristas (Propriá). Associação de leigas é a das Missionárias de Jesus no Meio dos Pobres (Santa Rosa do Ermírio e Poço Redondo).

Marlene Ribeiro; o Centro de Defesa de Direitos Humanos de Propriá, por Franklin Ribeiro<sup>211</sup>; o Movimento de Educação de Base (MEB), por “Vadinho”, a Comissão de Pastoral da Terra (CPT), por Ir. Maria Pereira Chaves (Ir. Hermínia) e o Setor de Comunicação, por Hildebrando Maia. A última Assembléia Diocesana de Pastoral, que foi realizada no período de 12 a 15 de fevereiro de 1987, aconteceu com a presença de Dom Brandão e mais de 150 representantes, na expectativa de continuidade, definiu as seguintes prioridades pastorais: “A Pastoral da Terra, a Juventude e a Formação dos animadores das CEB’s e demais lideranças populares” (A Defesa, fevereiro de 1987, p.4).

A sucessão aconteceu como já era previsto diante do que presenciávamos na conjuntura eclesial dos anos 70-80, clara e aberta, contra as dioceses afinadas às CEB’s, à opção pelos pobres à luz da Teologia da libertação. Foi nomeado como segundo bispo diocesano de Propriá, o alagoano de Coruripe e imigrante nordestino no Rio de Janeiro, Dom José Palmeira Lessa, e então membro do movimento dos focolarinos e bispo auxiliar do Rio de Janeiro, sob o governo pastoral do Cardeal Dom Eugênio de Araujo Sales. O novo bispo tomou posse no dia 24 de janeiro de 1988 e ficou até 1995, quando foi nomeado Arcebispo Coadjutor de Aracaju.

Aqui não se trata de um estudo detalhado sobre o novo período pastoral, mas de ressaltar a mudança paradigmática havida com a sucessão. Houve uma mudança da eclesiologia do “povo de Deus” defendida no Concílio Vaticano II e confirmada nos documentos de Medellín e Puebla<sup>212</sup>, para a eclesiologia da “volta à grande disciplina<sup>213</sup>”.

---

<sup>211</sup> Surgiu em setembro de 1985 com 05 jovens de Propriá, com o nome de Comissão para Conscientização de Propriá (CCPP). Em 1990 eram 11 (onze) voluntários, entre advogados, professores, secretária, comerciários, religioso, técnico em enfermagem e técnico agrícola. (Relatório de 22 de janeiro de 1990).

<sup>212</sup> “Foi obra do bom senso e da ousadia de um Papa, de João XXIII, a convocação de um Concílio Ecumênico (reunião de todos os bispos da Igreja em Roma) para enfrentar corajosamente estas duas questões não resolvidas. Efetivamente, o Concílio Vaticano II (1962-1965) assumiu como lema: não mais o anátema, mas a compreensão; não mais condenação, mas diálogo. Face às Igrejas, inaugurou o diálogo ecumênico que pressupõe a aceitação da existência de mais Igrejas. Face ao mundo moderno, houve uma verdadeira reconciliação com a esfera do trabalho, da ciência, da técnica, das liberdades e da tolerância religiosa. Reconheceu a legítima autonomia das realidades terrestres. Elas são boas não porque recebem a benção da Igreja, mas porque são boas em si mesmas, como expressão da criação boa de Deus. A Igreja define o seu lugar dentro do mundo moderno, como sinal e instrumento da herança de Cristo, aprendendo deste mundo e colaborando com ele na dignificação de todos os âmbitos da vida. Ela mesma se redefine primeiramente como Povo de Deus em marcha e só depois como sociedade hierarquicamente organizada. Ocorreu,

O novo bispo trouxe consigo um arrojo missionário sob o novo paradigma. Imediatamente priorizou e estimulou as vocações sacerdotais, reviu a situação dos seminaristas que estudavam no SERENE II, no ITER e no CFM<sup>214</sup>. Trouxe e acolheu vários colaboradores padres e comunidades religiosas<sup>215</sup>. Reviu a formação dos catequistas trazendo um grupo de freiras do Rio de Janeiro<sup>216</sup>. Viu, se sensibilizou

---

portanto, um acerto de contas altamente positivo. Ao invés de continuar uma ilha errática de um mundo definitivamente passado, a Igreja se fazia solidária com as buscas e as angústias do homem contemporâneo”. (BOFF, *Jornal do Brasil*, 03/04/04).

Cf. também COMBLIN, José. *O povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002, 2ª Ed. 412 p.

<sup>213</sup> “... essa posição concentra seus esforços na construção dessa nova identidade Vaticano II, usando estrutura semelhante à Tridentina. Percebeu-se que o movimento descentralizador iniciado nos tempos do Concílio Vaticano II, sob o nome de colegialidade episcopal, conselho presbiteral e de pastoral, consultas mais amplas para as nomeações de bispos etc..., e de certa maneira incentivado, pelo menos, no início do Pontificado de Paulo VI, dificultava a construção de uma identidade coesa, clara. Quanto mais rápido se quer construir tal identidade, tanto menos participação e descentralização. Faz-se mister certa reversão no processo desencadeado pelo Concílio, voltando a uma maior centralização romana, seja através da figura do Papa, seja através dos dicastérios romanos”. (LIBÂNIO, 1984, p. 136). Cf. também RICCARDI, Andrea. *João Paulo II: A biografia*. São Paulo: Paulus, 1ª edição, 2011, 605 p. e BOFF, *Jornal do Brasil*, 03/04/05.

<sup>214</sup> Os seminaristas que estudavam no SERENE II (Seminário Regional do Nordeste II da CNBB) e no ITER (Instituto de Teologia do Recife), fomos vistos com reserva, visto que tais instituições tiveram que encerrar suas atividades em agosto de 1989, por ordem de Roma. Foi revista a situação de cada um: Antonio Rodrigues, que já estava com o curso de teologia concluído, só foi ordenado porque já o “encontrou pronto”; Isaías Carlos Nascimento Filho, que concluiu em 1988, o autor desta dissertação, teve que esperar mais um ano aprofundando a *Lumen Gentium*, revendo as notas do Missal romano e suas rubricas, ler os documentos oficiais da Igreja e apresentar por escrito um trabalho (não me lembro se o fiz), sob o acompanhamento do padre Julio Liveranni, e convivendo pastoralmente com frei Enoque Salvador, em Poço Redondo; o terceiro, José Martins da Rocha, foi enviado a concluir os estudos no seminário do Rio de Janeiro. Quanto aos que estudavam no CFM da Paraíba, foi oferecida complementação na formação sacerdotal aos que desejassem o sacerdócio, no seminário do Rio de Janeiro. Foi o que aconteceu com o padre Gildo, atual pároco de Graccho Cardoso. (Nota do autor).

<sup>215</sup> As novas comunidades missionárias: os Missionários do Campo para o Pov. Ladeirinhas, Japoatã (Janeiro de 89); Irmãs Franciscanas do Sagrado Coração de Jesus, Monte Alegre (1989); as Irmãs de Santo Euzébio, Malhada dos Bois (06.12.89); os Frades Franciscanos, bairro América em Propriá (1989); as Irmãs de N. S. Fátima, para Seminário São Geraldo; as Irmãs de Santa Teresinha, Pov. Santa Rosa do Ermírio (1990); as Irmãs Pobres da Visitação, Santana do São Francisco (maio de 1990); Irmãs Cordimarianas, Pov. Serrão (1990); as Irmãs da Divina Providência, Pov. Lagoa da Volta, Porto da Folha (1991); as Monjas do Carmelo da Imaculada Conceição, Propriá (fevereiro de 1991), e a Comunidade Shalom (1991) para Propriá.

<sup>216</sup> “... Em fevereiro de 1989 realizou-se o curso para catequistas, ministrado por uma equipe do Rio de Janeiro. Do ponto de vista psico-pedagógico foi um curso de grande valor que trouxe boa contribuição para as catequistas de maior nível de escolaridade e, sobretudo, para professores de ensino religioso. No entanto, foi apresentada uma catequese, sem ligação com o tipo de catequese que se vinha realizando. Por conta desse curso e da 2ª etapa que se renunciava para fevereiro de 1990, não houve nenhum encontro diocesano em 1989. A própria equipe de coordenação, hesitando se continuaria ou não a linha catequética dos anos anteriores, não se articulou. A catequese Diocesana não dispõe de recursos para aquisição de material de apoio e de subsídios para os catequistas. Também não dispõe de recursos para deslocamento até as bases a fim de dar maior acompanhamento. Até hoje a equipe de coordenação não teve sequer um local para reunião, nem equipamento necessário para organizar e dinamizar a catequese na diocese”. (Relatório da Catequese, 21 de março de 1990). A Equipe de Catequese era coordenada pelo Irmão Salatiel, com apoio econômico de sua Congregação, Marista, que além de contribuir com a articulação e formação dos catequistas, usando o método participativo e evitando qualquer tipo de escolarização, articulava e

com a situação de pobreza, de violência e injustiças de seu rebanho e reagiu<sup>217</sup> por diversas vezes, tanto nas celebrações, como na busca de solidariedade a fim de contribuir com os acampados e assentados da reforma agrária, indígenas e pobres das periferias das cidades.

As Comunidades Eclesiais de Bases (CEB's)<sup>218</sup>, antes prioridade da pastoral diocesana, eram pequenos grupos formados pelos pobres trabalhadores/as do campo e da cidade, pescadores, sem-terra, assentados da reforma agrária e índios, aposentados, que se reuniam em torno da Palavra de Deus, e a partir dela preparavam as celebrações, analisavam o dia-a-dia da comunidade, e se comprometiam solidariamente com uma causa vital, desde as necessidades imediatas (coleta de alimentos ou para comprar um remédio, pacificação de casais, cuidar de um doente, fazer mutirão para construir casas e tanques, etc) como as de políticas públicas: reforma agrária, luta sindical e política partidária, e várias reivindicações cidadãs. Alguns dos membros eram vinculados também ao Apostolado do Sagrado Coração de Jesus, Vicentinos, Legião de Maria, etc. Nas paróquias que recebiam apoio formavam equipes missionárias que, de forma fraterna na partilha de recursos econômicos, visitavam umas às outras. Eram pobres evangelizando os pobres e, diante de tantas necessidades, eram totalmente dependentes das religiosas<sup>219</sup> e do clero que, além de escasso, era majoritariamente, autoritário. Não havia qualquer estrutura que lhes identificasse como uma organização de direito diocesano, ou uma coordenação laica que as

---

formava também os professores de Ensino Religioso nas escolas públicas em âmbito diocesano. Era costumeiro acontecer 02 encontros diocesanos anuais e encontros por Áreas (hoje, Vicariatos). No primeiro semestre de 1988 (nota do autor).

<sup>217</sup> Fundou a Pastoral da Criança, o Projeto São Tiago que era formado por uma equipe de Técnicos Agrícolas financiados pelos fiéis da Paróquia de Hegensdorf (Zurique) e Cáritas Suíça. Com a colaboração do leigo focolarino Evandro Lupidi estreitou laços missionários com a Diocese de Castellana, no sul da Itália, onde foi fundada a Associação Orizzonti Nuovi (Horizontes Novos), com a finalidade de contribuir com uma alimentação básica – “pasto caldo” - para famílias vivendo na miséria, através de contribuições mensais, e financiar projetos de geração e renda. Atualmente a Ação Social da Diocese de Propriá e a Cáritas Diocesana de Propriá vem assumindo essa responsabilidade.

<sup>218</sup> As CEB's eram animadas pelos padres Nestor Mathieu (Pacatuba e Japoatã), Enoque Salvador (Porto da Folha, Poço Redondo e Canindé do S. Francisco), Missionários do Campo (Ladeirinhas), Luiz Rodrigues (Brejo Grande, Ilha das Flores e Propriá), Frei Anízio Freire e Frei Walter (Canhoba e Amparo). Contavam com o apoio de Monsenhor Moreno (Neópolis e Santana do S. Francisco), Geraldo Olivier (Itabi), Etienne Lamaire (Japarutuba), León Gregório (N. S. da Glória e Monte Alegre) e Miguel Derideau (Aquidabã e Muribeca).

<sup>219</sup> As CEB's contavam também com as missionárias da “primeira hora” e das “novas”: Irmãs de Namur (de Pacatuba e Japarutuba), de Jesus Crucificado (de Brejo Grande), de Santa Terezinha (Santa Rosa do Ermírio), das Vicentinas (de Neópolis e Aquidabã), do Coração de Maria (Serrão), de Gapp (Japoatã), da Santíssima Eucaristia (de Itabi e Propriá),

interligasse em comunhão ou mesmo uma estrutura que lhes identificasse como algo independente. Havia planos de formação que eram ratificados ou renovados nas próprias assembleias e nas de Pastoral. Por exemplo, na Assembleia Pastoral realizada em fevereiro de 1990 objetivou “firmar, animar e articular as CEB’s por meio de encontros de Formação Bíblica [com o material do CEBI]<sup>220</sup> (Frei Anísio, Frei Valter, Pe. Antonio e Isaías), Litúrgica (Frei Enoque e a Equipe das CEB’s), Sindical e Política (MEB e CPT), em âmbito diocesano, paroquial, área (Vicariato) e regional”, e a realização de um Encontro Diocesano, que foi realizado de 08-10 de junho de 1990.

O retorno “à grande disciplina” voltou a centralizar a missão na mão do clero. A agenda pastoral paroquial, localizada, que antes era planejada em comunhão dos agentes com as lideranças comunitárias perdeu lugar para a agenda de missas dos padres<sup>221</sup>. A economia que antes servia para a manutenção do clero, da estrutura das Igrejas e capelas, e formação do povo, sem muitos recursos, foi centralizada priorizando o sustento do clero. As novenas que antes eram expressões da religiosidade popular dirigida por leigos, passaram a ser, conservando o mesmo nome de “novenas”, 09 noites de missas. Os novos movimentos eclesiais, feitos mais para a classe média (LIBÂNIO), presentes nas paróquias como a Renovação Carismática e Encontro de Casais de Cristo, como os virtuais através da TV Canção Nova e Shalom (Rádio Cultura) vão ocupando mais espaços e procurando preencher a necessidade espiritual da sociedade que se urbaniza, porém sem compromissos com a realidade (COMBLIN)<sup>222</sup>. Enfim, os choques entre o “velho” e o

---

<sup>220</sup> A coordenação diocesana era composta por Marlene Ribeiro, o autor desta redação e o padre Antonio Rodrigues. O material publicado nacionalmente por uma equipe ecumênica não era bem vista pelo novo paradigma eclesial, visto que seus produtores eram da teologia da libertação. (Nota do autor)

<sup>221</sup> Relatório do Encontro Diocesano das CEB’s, realizado em Propriá de 08-10 de junho de 1990.

<sup>222</sup> “O maior reproche que se pode fazer à teologia da libertação é de não ter dedicado a suficiente atenção ao verdadeiro drama da pessoa humana, ao seu destino, à sua vocação e, por conseguinte, ao fundo da questão da liberdade. Isso não quer dizer que na sua vida ou na sua atuação personalizada os teólogos não lhe tenham prestado a suficiente atenção. Essa, porém, não se manifesta de modo suficiente atenção. Essa, porém, não se manifesta de modo suficiente nos escritos. Essa ausência permitiu que prosélitos ou militantes precipitados divulgassem uma concepção superficial do cristianismo, que o reduz a uma estratégia de luta política ou social. Fez também com que, muitas vezes, a oração ficasse superficial e chegasse a se confundir com um exercício de conscientização. Quanto aos novos espiritualismos, com as suas receitas de felicidade e de alegria, são mais superficiais ainda: lançam no vazio todo o patético da vida, todo o drama pessoal, e fazem da religião uma grande diversão em vista de manter no esquecimento a mensagem cristã. O entusiasmo religioso, a busca de conhecimentos e os exercícios psicológicos podem ter um

“novo” ocorreram. Eram os reflexos da conjuntura eclesial mundial e nacional daquele momento, conforme testemunha de José Luiz Góis<sup>223</sup>:

Mesmo os antigos padres e demais agentes, procurando sensibilizar o novo bispo e seus/suas colaboradores/as (mais para bajuladores/as), para que assumissem o compromisso com a população empobrecida e injustiçada, propuseram a realização de uma assembléia diocesana que reuniu os agentes e pessoas dos diversos recantos da diocese para que apresentassem a realidade ampla da diocese, mas pouco adiantou. O programa de neo-romanização que parece ter sido pensado premeditadamente antes mesmo da escolha do bispo, estava em curso e a cada instante ocorriam mudanças de rumo nos diversos organismos e pastorais de apoio à luta povo. Aquela história de formação de leigos e leigas para lutarem pelos seus direitos, já era. A prioridade a partir de então, passou a ser a formação de padres com visão romanizada, chegando a uma certa papolatria (endeusamento do papa), sacramentalista e misseira. Leigos e leigas agora não têm mais missão, passam a ser meros ajudantes de padres na administração dos sacramentos e outras ações secundárias (GOIS, 01/02/12).

Os pobres, agora excluídos tanto do mercado de trabalho quanto da centralidade eclesial, de propulsores da missão, tornaram-se seus meros objetos, quando lembrados, da caridade assistencial cristã. Voltam a ser periféricos. Portanto, não é de estranhar que tenham passado a migrar para outras igrejas, principalmente as pentecostais e neopentecostais. A frágil organização das CEB's, a opção pelos pobres e a luta pela terra foram, por um bom tempo, objetos de escárnio para uma, não tão grande, parcela dos novos agentes de pastoral:

As CEB's caem freqüentemente sob a mira desconfiada dessa pastoral conservadora. Explicitamente não se refere tanto à vida interna como célula viva de Igreja. Os temores vão mais na direção de que os grupos de agentes de pastoral – sacerdotes, religiosos/as ou leigos/as – manipulem, no fundo, essas comunidades numa linha de luta social, política e de reivindicações eclesiais. O povo simples é bom. E por que não, inocente. A malícia vem de fora: dos agentes, que provocam as comunidades a atitudes incompatíveis com decisões disciplinadoras da igreja hierárquica. É, portanto, uma identidade que consegue articular bem os movimentos leigos de camadas médias urbanas e tem dificuldade de relacionamento com as periferias pobres das cidades e com as comunidades eclesiais rurais. É uma identidade que marginaliza as forças, talvez, de maior vitalidade na atual Igreja (LIBÂNIO. 1984, p. 153).

---

efeito terapêutico, mas afastam as pessoas da realidade da vida”. (COMBLIN, 1996, p.344). Conferir também LIBÂNIO, citando O. Dana, Os Deuses Dançantes, 1984, p. 140.

<sup>223</sup> Ex-membro da Associação dos Missionários do Campo e professor de História.

A luta pela terra era assessorada pela CPT diocesana desde 1976, quando surgiu o caso dos camponeses da Fazenda Betume. No início dos anos 90 a entidade era coordenada pela Irmã Hermínia (Maria Pereira Chaves), da Congregação das Irmãs da Santíssima Eucaristia, que além de apoiar a organização da classe trabalhadora na luta pela terra, apoiava também suas entidades<sup>224</sup>. A entidade contava com o apoio das irmãs de sua Congregação residentes em Itabi e Propriá; das Irmãs da Providência de Gapp, residentes em Japoatã e as de Pacatuba.

O novo bispo foi processado por defender a causa dos 12 camponeses de Lagoa Nova, em Pacatuba, violentados no seu direito pela Destilaria Santana, do ex-deputado federal Bosco França, juntamente com a coordenadora da CPT, Ir. Hermínia, que foi espancada; com seminarista José Martins da Rocha – que apanhou e levou uma coronhada de revolver - e com o camponês Deusdete, de Lagoa Nova, que levou um tiro na boa, fato que mobilizou toda a Igreja no Brasil, sendo necessária a vinda de advogados da CNBB nacional para defendê-los. Dom Lessa mesmo quem relata:

Após tamanha violência, o promotor de Pacatuba, Dr. Patrício Ferreira de Farias, arrolou como réus, em um iníquo processo, os 7 posseiros, inclusive o que teve a casa arrombada pelos jagunços e foi surrado e baleado, todos sob acusação de “esbulho possessório”. Iguamente indiciou na qualidade de réu, a irmã, o seminarista e o bispo por incentivarem, segundo interpretação dele, os trabalhadores rurais à violência (Informativo da Diocese de Propriá, 1ª pag. 23/09/91).

Mas, mesmo com esse testemunho de compromisso pastoral, não minorou as tensões nas relações pessoais e pastorais entre o bispo e a equipe da entidade. As divergências entre a coordenação da entidade e o bispo foram se aprofundando. Houve vários encontros entre as partes, envolvendo agentes pastorais locais, com a CPT/Regional do Nordeste 3, para tentar contornar a situação, envolvendo inclusive o próprio bispo referencial, Dom José Rodrigues, de Juazeiro da Bahia, mas não convenceram Dom Lessa do contrário. Assim ficou registrado no Relatório da CPT Regional:

---

<sup>224</sup> “A CPT tem realizado um trabalho mais de perto com alguns assentamentos e acampamentos, dando acompanhamento sério e sistemático não para resolver os problemas - apagar o fogo – e sim refletir, questionar e tentar ajudar aos trabalhadores a se capacitarem e criarem o seu projeto próprio. Favorecer a ligação entre os vários assentamentos para avaliações e troca de experiências como avançar na a luta”. (Relatório da CPT, datado de 22 de fevereiro de 1998).

Existiam conflitos entre o Bispo da Diocese de Propriá e a Equipe local de CPT. Esses conflitos e divergências vieram à tona no mês de março de 93. A CPT Regional tentou, de todas as formas, ver como intermediar a crise instaurada a partir de um Relatório da Assembléia da CPT de Propriá, que, de fato, continha erros e imprecisões. Contudo, se concordávamos com isso, não se tornou possível admitir as exigências do Sr. Bispo que eram no sentido de continuar com o nome de CPT sem admitir sua metodologia nem sua autonomia. Foram momentos difíceis e que exigiram muita reflexão de todos nós. Tivemos inclusive de convocar, extraordinariamente, o Conselho Regional, com a presença do Secretário Executivo da CPT Nacional, que avaliou a questão e se posicionou, definindo rumos para o Secretariado levar adiante os encaminhamentos. Esgotadas todas as possibilidades de diálogo, para uma recomposição da confiança entre as partes, foi decidida a saída da equipe de CPT daquela Diocese e a sua continuidade como equipe diretamente ligada ao Regional BA/SE e liberada para um “serviço” em todo o Estado de Sergipe. Posteriormente, foi feita Assembléia com a participação de trabalhadores e agentes, ocasião em que foi escolhido um Conselho da CPT de Sergipe e foram redefinidas as prioridades para a equipe<sup>225</sup>.

A CPT foi fechada no primeiro semestre de 1993<sup>226</sup>. Conseqüentemente, as Irmãs da Santíssima Eucaristia deixaram a Diocese de Propriá fechando três casas missionárias, a de Itabi e as duas de Propriá, e com elas, nas mesmas circunstâncias, foram embora também as Irmãs da Providência de Gapp, residentes em Japoatã, que atuavam de modo semelhante na região da Cana.

Aqui se encerrava a atuação de uma entidade que no processo de luta pela terra no baixo São Francisco, foi sinal solidário da Diocese de Propriá junto aos excluídos da terra, e que contribuiu eficazmente na formação de várias lideranças, homens e mulheres, jovens, inclusive crianças, que nos dias atuais são expoentes: animadores de várias comunidades eclesiais; dirigentes de associações, sindicatos, partidos políticos, pólo sindical, MMC, Comitê Quilombola. O Governador do Estado de Sergipe, Marcelo Déda, e o seu atual Vice, Jackson Barreto, são frutos do movimento estudantil que contribuíram nas lutas do povo da região naquele tempo:

Percorri esta região ainda jovem [...]. Devo muito à influência que tive de diversos membros da Igreja, como Dom Brandão, que dedicou sua vida na luta contra a opressão que era imposta aos

<sup>225</sup> CONFLITO DA CPT DIOCESANA DE PROPRIÁ/SE, in “Relatório Anual da CPT Regional BA/SE”, 1993, páginas 13-14.

<sup>226</sup> A CPT foi transferida para a capital sergipana, Aracaju e, em 1995, encerrou seus trabalhos no Estado. Seus membros fundaram no mesmo ano o Centro Dom José Brandão de Castro, que está em atividade.

trabalhadores desta região. Com ele e vários outros, tive lições sobre o que é militância em defesa dos interesses sociais<sup>227</sup>.

A eliminação da CPT do cenário pastoral da Diocese de Propriá, além de desmontar uma presença intensiva e missionária no meio do povo trabalhador pobre e suas organizações, abriu um abismo pastoral junto à classe trabalhadora na região do baixo São Francisco, com quem marcou a história da evangelização comprometida e sofrida nos anos 70-80:

Desde a sua primeira intervenção, em 1976/79, na luta dos “meeiros” de arroz expulsos das terras que ocupavam as margens do rio São Francisco para dar lugar à implantação do projeto de irrigação Betume, desdobrando-se posteriormente no combate aos projetos Cotinguiba-Pindoba (1981/83) e Propriá (1986), todos da CODEVASF, e no apoio ostensivo aos posseiros de Santana dos Frades (1982), a Diocese de Propriá foi o divisor de águas entre uma situação historicamente caracterizada pela resignação e pela acomodação dos pobres do campo à exploração das oligarquias rurais e um novo horizonte que surgia, colocando-os na cena política como atores sociais importantes e sujeitos de direitos. Foi por muitos anos o único mediador respeitado - e temido - pelas autoridades públicas estaduais e federais e latifundiários de Sergipe, que não raro procuravam desqualificá-la, como se pode ver nas declarações do então presidente da CODEVASF, Nilo Peçanha” (AZEVEDO LOPEZ, pdf).

Assim, sem dúvidas, se proporcionou um alívio para as elites dominantes na região do Baixo São Francisco:

[...] pode-se afirmar com segurança que a saída de Dom Brandão e a chegada de Dom Lessa na Diocese de Propriá, representaram por um lado, um desalento à luta dos pobres pela vida e o enfraquecimento das suas organizações e, por outro lado, deu mais ousadia e coragem às elites para continuarem espezinhando o povo empobrecido no território da Diocese de Propriá e porque não dizer para o estado de Sergipe e para a região, pois a Igreja dos Pobres da Diocese de Propriá no período em que Dom José Brandão de Castro esteve no comando, alentava a luta dos pobres e amedrontava os poderosos (GÓIS, 02/02/12).

Aqui, diante da difícil convivência pastoral neste período, é importante salientar a reflexão feita pela equipe de Marins em relação à conjuntura:

No seio da Igreja, há grupos conservadores e outros que pecam pelo extremo oposto. Ambos perdem a comunhão com o conjunto eclesial e se fecham em seus integristas. As polarizações de direita e de

---

<sup>227</sup> Testemunho do Governador durante a inauguração da Rodovia que liga Neópolis a Ilha das Flores com o nome de Dom José Brandão de Castro, no dia 20 de abril 2010. <http://www.santuarioperpetuosocorro.org.br> - acessado no dia 29/11/11, às 14hs40.

esquerda revestem-se da malfadada capacidade de paralisar uma série de ações que a Igreja poderia desenvolver com maior decisão e eficácia. Os conflitos internos fazem com que se estreitem os horizontes pastorais e a Igreja gaste energias em coisas menos decisivas (MARINS, 1979, p. 32).

Como reação às novas circunstâncias pastorais, os agentes de pastoral, não só temendo outras atitudes traumáticas, mas revendo a própria caminhada, animados pela fé, estimularam os leigos a prosseguirem nas suas organizações de forma autônoma<sup>228</sup>. Várias iniciativas aconteceram: em 1990, os animadores de Poço Redondo iniciaram o CFCC (Curso de Formação e Capacitação Cidadã), para formar lideranças comunitárias<sup>229</sup>. Em 1991, os animadores da região da Cana (Muribeca e Japoatã) e da Praia (Neópolis, Pacatuba, Ilha das Flores e Brejo Grande), iniciam o Curso da Árvore em Japoatã, para a formação de animadores de CEB's<sup>230</sup>; foi deste curso que surgiu a idéia da realização da 1ª Romaria das CEB's, que hoje ainda faz parte da agenda diocesana<sup>231</sup>. Os animadores de Porto da Folha fortaleceram o movimento social fundando várias associações comunitárias, o SINPOF (Sindicato dos Funcionários Públicos Municipais de Porto da Folha) e a FEACOM (Federação das Associações Comunitárias, em 18.10.95). Os animadores de Aquidabã fundaram o CIGMA (Conselho das Instituições Governamentais do Município de Aquidabã). Os animadores de Propriá também criaram sua entidade. O fato é que o protagonismo dos leigos ficou mais visível e alguns padres e freiras, de tutores, passaram a ser parceiros, solidários nas organizações do povo. Juntos construíram e/ou fortaleceram novos fóruns de participação popular na região: desde o fortalecimento do MST, do Pólo Sindical do Baixo São Francisco, os Territórios da Cidadania, a rede cidadã de jovens, o MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores), o MMC (Movimento das Mulheres Camponesas), o Comitê Quilombola de Sergipe e

---

<sup>228</sup> “Um primeiro resultado desta onda de centralização e de controle é a busca de salvaguardas de muitos movimentos, instituições e associações de Igreja. A solução tem sido conversão em entidades de caráter civil, deste modo protegidos de uma intervenção romana ou de pastores por ela nomeados e pouco respeitadores da tradição herdada de seus antecessores. Quebra-se, assim, a confiança mútua e esta é uma perda irreparável para qualquer instituição”. (BEOZZO, 1994, p. 292).

<sup>229</sup> Frei Enoque, Cienes Góis, Dionísio Cruz, Raimundo Eliete, Marlene Ribeiro, Pe. Antonio Rodrigues e Ir. Maria Odete.

<sup>230</sup> Ir. Francisca, Pe. Antonio Rodrigues, Ir. Pascoalina, Ir. Sandra, Enaura, os Missionários do Campo Ednaldo Rezende (Pe. Nanái) e José Luiz Góis, Frei Roberto e o teólogo Pe. José Comblin.

<sup>231</sup> Foram os alunos/as do Curso da Árvore (todos/as animadores das comunidades) em Japoatã que realizaram a 1ª Romaria das CEB's na Vigília de Pentecostes de 1994, saindo do Povoado Nascimento (S. Francisco) até o Povoado Espinheiro (Japoatã).

outros. No entanto, faltou organização entre os agentes de pastoral – padres, freiras e leigos/as – para alimentar a espiritualidade libertária, como bem entendeu GOIS:

No meu entendimento, o grande equívoco ou ingenuidade do conjunto de agentes (padres, irmãs, leigos e leigas) da época da Igreja dos Pobres que funcionava como uma espécie de grande organização popular social da região foi desconsiderar que aquela experiência comunitária e fraterna vivenciada não representava o pensamento e a prática da Igreja Católica como um todo e não ter criado estruturas próprias e autônomas do povo para viver e desenvolver seu jeito de “Ser Igreja e de Ser Gente”[...] na minha compreensão essas tentativas não representam uma estratégia conjunta de apoio coeso e firme à luta e organização do povo. Foram ações muito importantes, porém insuficientes (GÓIS, 02/02/12).

Podemos sintetizar este mutirão de indignados traçando o novo na história do povo do baixo São Francisco nesta poesia de Dom José Brandão, publicada na segunda página do jornal *A Defesa*, de 31 de outubro de 1972:

### **IDEAL CRISTÃO**

Ânsia de ser feliz, de ver outros felizes.  
 Desejo de espalhar o bem por toda parte,  
 tentativas de promover todos os homens,  
 de hominizá-los mais pela graça de Cristo!  
 E ver a fome, e a dor e a miséria e a maldade,  
 e o terrorismo, e o crime, e a inveja triunfarem,  
 ver o justo acusado, o idealista, vencido,  
 desistir de seu sonho e viver isolado!  
 Nem saber se o melhor é lutar sem descanso,  
 enfrentando a impostura, a exploração, o egoísmo,  
 sujeitando-se até à calúnia e à tortura,  
 nem saber se a coragem será indômita,  
 nem se amanhã será melhor que o dia de hoje  
 e, assim mesmo, esperar contra toda esperança!

## 5. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Estudando o período de Dom José Brandão à frente da Diocese de Propriá, de outubro de 1960 a dezembro de 1987, podemos considerar alguns aspectos, creio que importantes, como relevantes na história da Igreja na região do Baixo São Francisco do lado de Sergipe, que corresponde à referida Diocese:

Primeiro: Dom José Brandão, desde cedo, principalmente durante a realização do Concílio Vaticano II, somou-se à ala progressista do episcopado brasileiro, em vários aspectos. Um deles foi sua adesão à defesa de novas formas ministeriais para que a Igreja pudesse acompanhar a mobilidade humana do povo de Deus no Brasil e no mundo, até hoje recusado pela Cúria Romana. Depois de passados quarenta anos da realização do Concílio Vaticano II, assim avaliou o padre José Comblin:

Na realidade, muitos estavam espantados pela perspectiva de mudar alguma coisa nas estruturas ou nas condutas tradicionais da Igreja, e temiam que o conceito de “povo de Deus” fosse usado para pedir reformas. Aceitavam novas idéias, com a condição de que não se tirassem delas conseqüências praticas. Ou, então, esperavam resultados imediatos permitindo um novo triunfalismo, e, quando viram que os triunfos não chegavam, voltaram para trás. Não tiveram a percepção de João XXIII, que sabia muito bem o que esperar do Concílio: mudança de mentalidade e o início de novo período na caminhada da Igreja. João XXIII sabia que a mudança teria que ser muito profunda e exigiria muito tempo. Certos bispos ou teólogos não se davam conta da profundidade da crise da Igreja, da imensa transformação necessária para que pudesse ser capaz de evangelizar um mundo do qual estava tão afastada. Por isso ficaram desanimados porque os resultados esperados não chegavam – antes, o que havia chegado era uma crise muito grave (COMBLIN, 2. ed., 2002, p.10)<sup>232</sup>.

---

<sup>232</sup> “No seu governo e no seu ensino, a Igreja deveria prezar e valorizar mais as aquisições do mundo contemporâneo. São posições que se encontram constantemente expressas pelo teólogo suíço Hans Küng, desde jovem em atividade no Concílio [...] Na verdade, as críticas de Küng são partilhadas por setores do mundo católico, especialmente de língua alemã e inglesa que preferem uma modernização da Igreja no sentido de uma mais profunda assunção dos métodos de governo democráticos e dos valores da sociedade e também das exigências das pessoas. Mas esse catolicismo não é o de Wotila [...]. O catolicismo de Küng é “burguês” exatamente no sentido em que faz seus os valores liberais, atribuindo-lhes uma função de purificação das estruturas e das doutrinas “medievais” da Igreja. O teólogo suíço, com sua vasta obra e com o apoio da mídia representa a alternativa liberal-burguesa à Igreja de João Paulo II”. (RICCARDI, 2011, p. 550-551)

Outro, e principal aspecto, que identifica Dom José Brandão como progressista, foi o seu compromisso com a libertação dos pobres e suas causas. Diante do grau de miserabilidade que marcava a região do Baixo São Francisco, ele atuou como pastor no sentido literal da palavra. Neste aspecto o Arcebispo Emérito da Paraíba, Dom José Maria Pires, lembrou dele na carta datada de 11 de outubro de 2010, dirigida ao bispo atual em comemoração aos 50 anos da diocese:

Caro D. Mario, recordo esse passado para dizer a Você que eu também tenho motivos de louvar a Deus pelo jubileu-de-ouro da Diocese de Propriá. Essa Igreja Particular, na pessoa de seu primeiro bispo, foi marcada pela cruz desde os seus albores. E, se é verdade, como afirma o Apóstolo, que não temos que “nos gloriar a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Gal. 6,14), Propriá está de parabéns porque nesses 50 anos, foi testemunha e participante do mistério da cruz redentora.

Segundo: O povo de Deus, eliminado do ‘vocabulário do Vaticano’, desconsiderado na reestruturação eclesial, está, há tempos, se auto-eliminando da Igreja. Há mais tempo já esvaziaram a Igreja na Europa. Nos tempos atuais também esvaziam a Igreja no Brasil: conforme últimos dados de 2009, publicados recentemente pela fundação Getúlio Vargas, houve uma queda vertiginosa para 68,43% de católicos, perdendo em torno de 1% ao ano. Os católicos estão entre os 72,8% dos pobres - classe E - e, maioria é nordestina, 74,9 % da população, em uma região que é a que mais cresce economicamente no Brasil. Sergipe é o 4º estado da federação com 79,9 % de católicos.

Os dados pró-nordeste revelam, quiçá, que a missão da Igreja do Nordeste foi positiva, quando, desde cedo os bispos nordestinos, tendo à frente Dom Helder Câmara, perceberam a necessidade de formar agentes de pastorais – padres, religiosos/as e leigos/as – para a realidade nordestina. Neste espírito lembremos aqui do SERENE II e do ITER, do Seminário Rural da Paraíba e outras experiências de missões e formações inculturadas na região: as comunidades religiosas, masculinas e femininas inseridas no meio dos pobres, tanto nas favelas e periferias das cidades como no meio rural. A importância, também da Associação de Missionários do Nordeste (AMINE) que contribuiu muito no resgate do patrimônio cultural-religioso do povo nordestino, a partir das missões populares, valorizando seus referenciais simbólicos e multiplicando seus saberes para o povo. Enfim, um reconhecimento ao mutirão missionário, à evangelização inculturada, nordestina,

comprometida com a realidade, sócio econômica, valorizando a religiosidade popular – as devoções à Nossa Senhora, ao padre Cícero Romão Batista do Juazeiro do Norte, São Severino do Ramo, Padre Ibiapina, Santa Quitéria, São Francisco do Canindé, Bom Jesus da Lapa, Frei Damião de Bozzano, e a realização das Romarias da Terra em várias dioceses.

Terceiro: afirmamos que Dom José Brandão foi vítima real da conjuntura eclesial daquele tempo, do “rigoroso inverno”, durante o qual a Cúria Romana decidiu desmotivar a pastoral dos anos 70/80 na Igreja latino-americana afinada à teologia de libertação, principalmente a do Brasil<sup>233</sup>.

Quarto: A bandeira da reforma agrária, que antes pautava a pastoral através da CPT e EPT (Equipe de Pastoral da Terra), da Paróquia de Porto da Folha, passou a ser protagonizada pelo MST<sup>234</sup> (Movimento dos Trabalhadores Sem-terra) e, posteriormente, por outras entidades (FETASE, MLT, Centro Dom Brandão, Cáritas Diocesana de Propriá), com apoio de vários agentes de pastoral da Diocese de Propriá, tanto dos brasileiros como dos belgas<sup>235</sup>.

... o que resta de estrutura diocesana a serviço do povo é quase nada. São raros os padres que dedicam ao apoio às lutas populares e lamentavelmente o povo se sente como ovelha sem pastor. O que realmente há na atualidade de ação voltada para a realidade dos

---

<sup>233</sup> Depois de viver o espírito primaveril do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica mergulhou, nos anos 80, num rigoroso inverno que reforçou a disciplina e a centralização. (Libânio apud BEOZZO, 1994, p.290). “A Diocese pagou caro pela opção feita pelas CEB’s, pelo homem do campo, pelos pobres. Pagou caro pelos seus poetas populares pelo seu credo: “Eu acredito que o mundo será melhor, quando o menor que padece acreditar no menor”. O Bispo pagou caro por ter sido o único do regional Nordeste III, a ter assinado, junto com Pedro Casaldáliga e outros, o documento “Eu ouvi os clamores de meu povo”, uma corajosa declaração de compromisso em favor da vida e contra a tortura e desmandos da ditadura militar. Dom José sofreu e foi “perseguido” dentro e fora da Igreja”. (Frei Enoque Salvador - Carta datada de 26.01.12).

<sup>234</sup> Deu início em Sergipe em 1985, sob liderança do adolescente João Daniel Somariva, hoje deputado estadual, através da paróquia de Graccho Cardoso, tendo à frente o frei Roberto Eufrásio. A Diocese ofereceu apoio intensivo oferecendo espaço, alimentação para realização da Escola Sindical. Outros jovens e adolescentes foram se enfileirando no movimento: Zé Pipio, de 15 anos; “Secretário”, 17 anos, Adval, “Papudinho”, Guido, 19 anos, de Gararu, e Guido, belga (adulto, de uns 40 anos, de N.S. da Glória). Depois, em 1986, o MST migrou para Propriá onde ficou como alojamento e escritório.

<sup>235</sup> O Relatório do INCRA sobre os Projetos de Reforma Agrária implantados em Sergipe, publicado no dia 18/08/11, revela o seguinte: são 211 projetos de assentamentos no Estado de Sergipe, beneficiando 9.544 famílias. Destes, 117 assentamentos medindo uma área de 116.037,4465 hectares, estão localizados na área da Diocese de Propriá, beneficiando 4.801 famílias. Considerando a média de filhos de 3 por famílias, mais o casal, temos 5 pessoas por casa, totalizando 24.005 pessoas beneficiadas diretamente. Os 94 assentamentos restantes, medindo 62.798,3581, hectares para 4.743 famílias, estão distribuídos entre a Arquidiocese de Aracaju e a Diocese de Estância. O Assentamento de Santana dos Frades, em Pacatuba, foi o primeiro projeto em Sergipe, desapropriado no dia 17/11/81 e criado no dia 13/09/82. ([www.incra.gov.br](http://www.incra.gov.br) - acessado no dia 06/12/11, às 15h30).

pobres é o que vem sendo desenvolvido pela CÁRITAS DIOCESANA, sob a coordenação do Padre Isaías, que apesar de alguns equívocos, não há dúvida de que é uma estratégia de trabalho comprometida com a causa dos pobres. Que digam os Quilombolas! Para o conjunto da Diocese, talvez, o trabalho da CÁRITAS, sirva de descarrego de consciência. Vemos que através da CÁRITAS diversos grupos são acompanhados e apoiados em sua organização, luta e no fortalecimento da fé no Deus Libertador. Sem terra, quilombola, sem teto, etc. são com certeza a opção e a destinação do trabalho do CÁRITAS, porém não é de forma alguma, a prioridade do trabalho do conjunto da diocese de Propriá na atualidade. (GÓIS, 02/02/12).

A ação da Diocese de Propriá provocou mudanças de vários paradigmas. Eis alguns importantes: a) A hierarquia, mesmo escassa - o bispo, os padres e religiosas - a partir dos anos 70, sob o espírito de Medellín, desceu à vida cotidiana do povo dos pobres, foi ao seu encontro, conviver com eles, no meio deles. Em suma, eles/as foram “às águas mais profundas”: havia uma equipe missionária formada pelos agentes de pastoral - padres, religiosos e leigos - que se revezava nas missões pela diocese, passaram pedagogicamente de uma missão de desobriga tradicional para uma missão que, a partir das devoções populares, anunciavam o evangelho e estimulavam a organização do povo pobre em Comunidades Eclesiais de Bases, construindo com eles a utopia. O centralismo clerical coloca a utopia sob controle do clero<sup>236</sup>; b) O pobre deixa de ser objeto da religião com uma prática caritativa assistencialista. Ele passa a ser o centro das atenções e, ao mesmo tempo, protagonista da evangelização libertadora, ajudando-o a vencer “esta consciência abafada sob a ação de uma tradicional sabedoria de conformismo e paciência fatalista” (Hoornaert, 1978,p.104); c) Era uma evangelização inculturada. Se antes o sentimento religioso produzia um conformismo da realidade, a nova prática evangelizadora considerava a formação dos fiéis para a liberdade. As celebrações – as missas, as novenas e as festas de padroeiros - passaram do ritualismo desencarnado da realidade para ser a celebração da vida concreta da comunidade, preparadas pelos animadores/as da própria comunidade:

O retorno aos pobres e o redescobrimto da Igreja dos pobres foi o caminho que levou à reabilitação do conceito de “povo de Deus”. Os conceitos de *povo* e de *pobres* são solidários e correlativos. Não há

---

<sup>236</sup> Além do processo de colonização que foi sanguinário, conhecemos registros mais próximos em que setores da hierarquia católica compactuaram com os poderes políticos e econômicos para destruir sociedades alternativas para os pobres brasileiros: Canudos, na Bahia; Caldeirão, no Ceará; vários aldeamentos indígenas; as Missões, no Rio Grande do Sul, etc. (Nota do autor).

pobres que não formem um povo. Não há povo que não seja dos pobres. O Concílio não conseguiu fazer essa identificação com força suficiente e, por isso, deixou o conceito de “povo de Deus” sem base. Sem esperança não há povo. O que faz um povo é a esperança comum. Não há esperança que não seja coletiva, esperança de uma multidão reunida em povo. A burguesia não tem esperança – quer segurança, quer proteger o que tem e acumular mais ainda, quer com o seu dinheiro criar mais dinheiro. Conta com a sua capacidade intelectual e social. Não conta com Deus. A burguesia é individualista, não se preocupa com o que acontece com a multidão. Por isso o conceito de povo não lhe diz nada - nem o conceito de “povo de Deus”. (COMBLIN, 2. ed., 2002, p. 11).

A realidade acima apresentada foi oferecida na celebração da festa do jubileu diocesano no dia 16 de outubro de 2010, às 17hs, quando as comunidades responderam ao convite da Diocese e trouxeram consigo faixas e cartazes com palavras de gratidão, lembrando suas lutas e fotos de personagens que contribuíram com a evangelização local: os assentados de Santana dos Frades trouxeram faixas alusivas às suas lutas; o povo indígena Xokó, em traje típico e dançando o toré, trouxe cartaz com a foto de Dom José Brandão de Castro; os representantes de Porto da Folha trouxeram banners com a foto do poeta Jorge Pereira Lima e de Dom José Brandão; os de N. S. de Lourdes trouxeram fotos dos poetas e animadores de comunidades Epaminondas, o “Nonda” e dona Marieta; a Pastoral da Criança trouxe a de sua fundadora, Dra. Zilda Arns; trouxeram também as fotos da Irmã Maria Joana Hermínia, da Congregação da Santíssima Eucaristia; do líder sindical de Poço Redondo, Manoel Dionísio Cruz; do Pe. Nestor Mathieu e da Irmã Terezinha, de Pacatuba, e outras. Foi uma enorme procissão, com os índios à frente, seguidos do Apostolado da Oração em duas filas indianas, tendo ao centro os seminaristas, padres e vários bispos, seguidos da imagem de Nossa Senhora de Fátima, e a multidão cantando e dançando ao som de hinos das comunidades e carismáticos...

Bem escreveu Marlene Ribeiro, que ofereceu uma louvação à Caminhada da Diocese de Propriá, que foi lida na abertura da Missa da celebração do Jubileu:

És bem-aventurada porque não fugistes quando fostes perseguida.  
És bem-aventurada porque lutastes pelo direito e pela justiça.  
És bem-aventurada porque te identificastes com a cruz de Cristo e,  
dela fazes teu troféu de vitória!

## REFERÊNCIAS

A DEFESA – Jornal da Diocese de Propriá

ANDRADE, Péricles. **Sob o olhar diligente do pastor: a Igreja Católica em Sergipe**. Aracaju: Editora UFS - Fundação Oviêdo Texeira, 2010. 244 p.

AZEVEDO SJ, Marcello de Carvalho. **Viver a fé cristã nas diferentes culturas**. São Paulo: Edições Loyola, 2001, 71 p.

AZZI, Riolando. In. **História da Igreja no Brasil**. Ensaio de interpretação a partir do povo. Tomo II/3-21930-1964. AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus Van Der. Terceira Época. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. 686 p.

BARRETO, Luiz Antonio. In. **Padre Daltro, um varão da Igreja**. MONSENHOR JOÃO BATISTA DE CARVALHO DALTRO. Apontamentos e Fragmentos Biobibliográficos. SANTOS, Claudefranklin Monteiro(Org.); BARBOSA, Assuero Cardoso; MENEZES COSTA, Avani Gama; BARRETO, Luiz Antonio; BARRETO DE GOIS, Mariana Emanuelle; SANTOS OLIVEIRA, Maria da Piedade; CARVALHO DE SOUZA, Monsenhor José; BATISTA BARROSO, Rusel Marcos. Lagarto: Gráfica e Editora J. Andrade, 2011, 50 p.

BEOZZO, José Oscar. In: Sylvana Brandão (organizadora). **História das Religiões no Brasil**. Volume 1. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2001, 410 p. (página consultada 378)

BEOZZO, Pe. José Oscar. **A Igreja no Brasil**. De João XXIII a João Paulo II, de Medelín a Santo Domingo. Coleção Igreja. Petrópolis: Editora Vozes, 1993, 342 p.

Boletim Informativo diocesano '**Encontro com as Comunidades**' (BEC).

CARAMURU, Raimundo, OLIVEIRA, Lauro (Orgs). **Dom Helder, o artesão da paz**. Brasília: Senado Federal/Conselho Editorial, 2000.

CARAMURU, Raimundo. In. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos** – 341 – Ano X – 30.08.2010. 55 p.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Totus Tuus. São Paulo: Edições Loyola, 1983, 764 p.

COMBLIN, José. **Cristãos rumos ao século XXI: nova caminhada de libertação**. São Paulo: 1996, 2. ed. 376 p.

COMBLIN, José. **O povo de Deus**. São Paulo: Paulus, 2002, 2. ed. 412 p.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: **constituições, decretos, declarações**. Petrópolis: Editora Vozes, 1980, 14. ed. 744 p.

CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE PUEBLA. **Texto Oficial. Evangelização no presente e no futuro da América Latina**. São Paulo: Edições Paulinas, 448 p.

CONSTITUTIONES ET REGULAE Congregationis Sacerdotum sub titulo Sanctissimi Redemptoris. Roma: Typis Cuggiani, 1936. 830 p.

DALTON, Pe. Provincial. **Renovação e Encorajamento**. In. Perfis 13. Juiz de Fora: Novembro de 2000. 104 p.

DANTAS, Beatriz Góis e DALLARI, Dalmo de Abreu. **Terra dos Índios Xokó**. São Paulo: Editora Parma Ltda, 1980, 186 p.

DANTAS, Ibarê. **A tutela militar em Sergipe 1964/1984** (Partidos e Eleições num Estado Autoritário). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997, 363 p.

DOM FERNANDO, por ele mesmo: “**A Vida aos 75 anos**”. Depoimento. Revista da Arquidiocese. Goiânia: DGE-PROAD / PUC-GOIÁS, Ano III, Ed. Especial – out. 2010, 176 p.

EU OUVI OS CLAMORES DO MEU POVO. (Êxodo 3,7). Documento de Bispos e Superiores Religiosos do Nordeste. 06 de maio de 1973. Recife: Salesianos, Escola Dom Bosco de Artes e Ofícios, março de 2003. 30 p.

MELO, Frei Enoque Salvador de; OLIVEIRA, Frei Roberto Eufrásio de. In **Uma experiência missionária no Nordeste do Brasil**. <http://www.pime.org.br>, acessado no dia 04/07/11, às 20hs48.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **Enforcados: O índio em Sergipe**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1981. 139 p.

GÓIS, José Luiz. **Diocese de Propriá: do Serviço à Neo-romanização**. Artigo datado de 02 de fevereiro de 2012.

HAUCK, João Fagundes. In. **A Manifestação Espiritual e Evangélica no povo e nos pobres**. COMISSÃO DE HISTÓRIA DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA. História Geral da Igreja na América Latina. Tomo II/2. HAUCK, João Fagundes; FRAGOSO, Hugo; BEOZZO, José Oscar; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Breno. História da Igreja no Brasil. Segunda Época. Ensaio de Interpretação a Partir do Povo. A Igreja no Brasil no Século XIX. Petrópolis: Vozes, Paulinas, 1985, 2. ed. 323 p.

HENDRICK, Ir. Francisca. **Dom José Brandão de Castro**. <http://isaiasnascimento.blogspot.com>, acessado no dia 19/08/11 às 07hs32.

HOORNAERT, Eduardo. In. A EVANGELIZAÇÃO DO BRASIL DURANTE A PRIMEIRA ÉPOCA COLONIAL. COMISSÃO DE HISTÓRIA DA IGREJA NA AMÉRICA LATINA. **HISTÓRIA Geral da Igreja na América Latina**. Tomo II/1. HOORNAERT, Eduardo; AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus Van Der; BROD, Breno. História da Igreja no Brasil. Primeira Época. Ensaio de Interpretação a Partir do Povo. Petrópolis: Vozes, 1983, 3. ed. 442 p.

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro 1550 - 1800**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1978, 2. ed. 144 p.

LIBÂNIO, J. B. **A Volta à Grande Disciplina**. Coleção Teologia e /evangelização. Vol. 4. São Paulo: Edições Loyola, 1984, 184 p.

MACEDO SOARES, José Carlos de. **Fontes da História da Igreja Católica no Brasil**. Tese apresentada ao Congresso Interamericano de Historia y Arte Religiosos em Buenos Aires. São Paulo: Tipografia Edanee Ltda, 1954. 381 p.

MAIOR, A. Souto. **História do Brasil** para o curso colegial. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967, quarta edição, exemplar Nº 1933. 444 p.

MARINS, José; TREVISAN, Teolide Maria; CHANONA, Carolee. **De Medellín a Puebla: A práxis dos Padres da América Latina**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1979, 2. ed. 229 p.

MELO CORRÊA, Antonio Wanderley; MELO DOS ANJOS, Marcos Vinicius; MELO CORRÊA, Luiz Fernando. **Sergipe nossa história**. Ensino Fundamental. Aracaju: INFOGRAPHICS, 2008. 95 pág.

NASCIMENTO, Pe. Isaias. **Dom Távora: o Bispo dos operários, um homem além do seu tempo**. São Paulo: Paulinas, 2009, 2. ed. 254 p.

OFM, Frei Juvenal. **Evocações de frei Anísio**. In. <http://fradesofm.blogspot.com>, acessado no dia 04/07/11 às 20hs34.

OLIVEIRA, Frei Roberto Eufrásio de. **Caminhando com Jesus nos Sertões Nordestinos**. Recife: Bagaço, 2007, 237 p.

PASSOS, Mauro (org). **Um profeta em movimento**. Dom José Maria Pires desatando nós. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 2011, 246 p.

RICCARDI, Andrea. **João Paulo II: A biografia**. São Paulo: Paulus, 2011. 605 p.

SANTOS COSTA, Adriana Márcia; SANTOS ROCHA, Izabel Cristina dos; NETO, Otávio Costa. **Ir. Salatiel e as Questões Sociais: Um Homem à Frente do seu Tempo**. Propriá: 2010, TCC, Universidade Tiradentes, 56 p.

SERENE II uma caminhada... 1988. 123 p.

## ARTIGOS:

AZEVEDO LOPES, Eliano Sérgio. **História dos Movimentos Sociais no Campo em Sergipe: uma Abordagem Preliminar**. Fonte: <http://www.fundaj.gov.br> (acessado no dia 09.07.11 – às 08h50)

BOFF, Leonardo. **O Papa da Volta à Grande Disciplina**. Fonte: Jornal do Brasil, 03/04/05. <http://www.eagora.org.br/arquivo/O-Papa-da-volta-grande-disciplina/> (acessado no dia 30.10.10 – às 07h50)

## SITES CONSULTADOS:

CEHILA: <http://www.cehila.org/Historia1.html>. Basado en un escrito de José Oscar Beozzo (español/português): acesso no dia 09/08/10 – 21:20hs

Colônia Quissamã: <http://jorge-educahist.blogspot.com>, acessado no dia 08/03/11 às 01h08.

Dom Fernando Gomes:

<http://www.arquidiocesedegoiania.org.br/site/component/content/article/34-resumo/195-dom-fernando>. (acessado às 17h27 do dia 02.01.11)

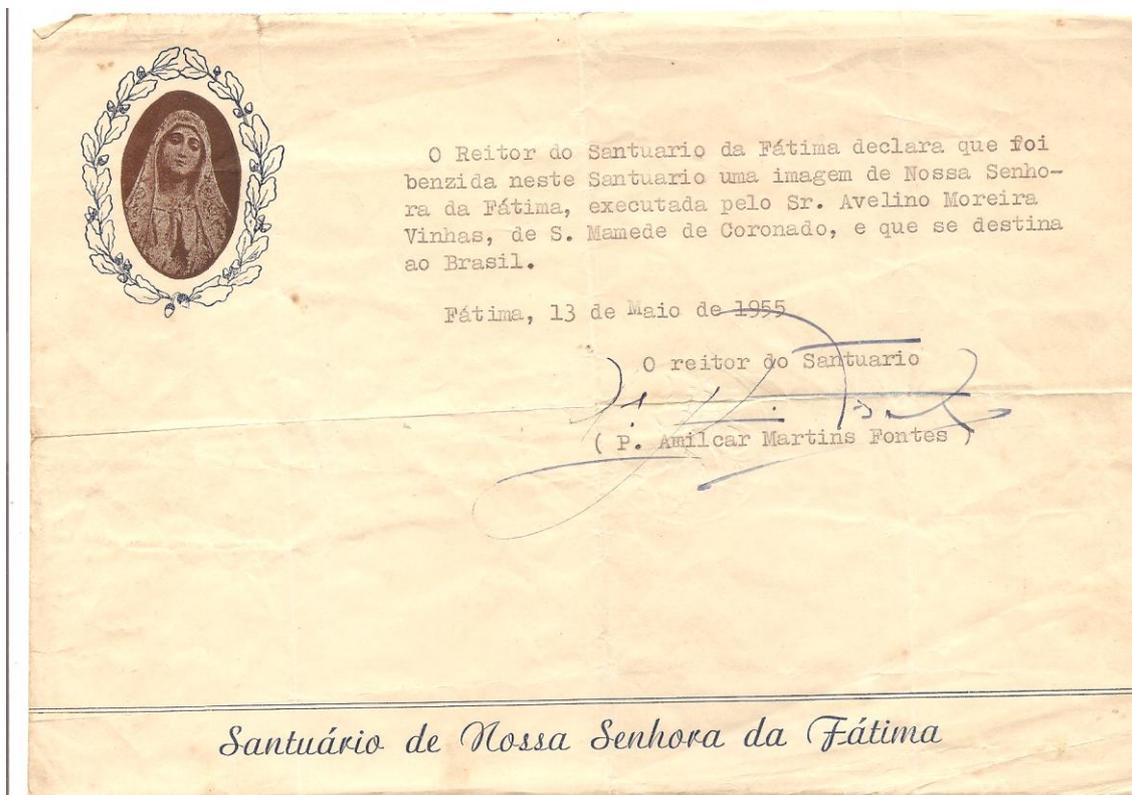
HISTÓRIA DA BAHIA. Capitánias Hereditárias.

<http://www.visiteabahia.com.br/visite/historiadabahia/detalhes.php?id=2>, (acessado às 6h52 do dia 14/12/10)

HISTÓRIA DE SERGIPE, de Ivan Paulo,  
[www.wagnerlemons.com.br/apostilahistoriadesergipe.pdf](http://www.wagnerlemons.com.br/apostilahistoriadesergipe.pdf), (acessado às 6h12 do dia  
14/12/10).

## ANEXO A:

## DECLARAÇÃO DA BÊNÇÃO DA IMAGEM DE N. S. DE FÁTIMA





## DECRETO EXECUTIVO REFERENTE Á DIOCESE DE PROPRIÁ:



ARMANDUS LOMBARDI

DEI ET APOSTOLICAE SEDIS GRATIA  
 ARCHIEPISCOPUS TIT. CAESARIENSIS PHILIPPI  
 IN FOEDERATIS BRASILIAE CIVITATIBUS  
 APOSTOLICUS NUNTIUS

I. 21.922.

SS. mus Dominus Noster JOANNES Divina Providentia Papa XXIII, Apostolica Bulla "Ecclesiarum unium", die 30 Aprilis, anno Domini 1960 data, dioecesim Aracajuensem dismembravit, ex ea novas dioeceses Propriensem et Stantianam erigendo, novamque provinciam ecclesiasticam creavit Aracajuensem appellandam.

Cum Apostolicus in Brasilia Nuntius exsecutor praefatae Bullae constitutus sit, cuiusque Nobis in animo sit fideliter exsequi mandatum receptum, per praesens exsecutoriale Decretum Nostrum quae sequuntur statuimus, decernimus atque mandamus, ad novam dioecesim Propriensem quod attinet, videlicet:

PRIMO: a dioecesi Aracajuensi separamus integra municipia, quae vulgo appellantur: Propriá, Amparo de São Francisco, Aquidabã, Brejo Grande, Canhoba, Cedro de São João, Curitiba, Garuru, Itabi, Jarapatuba, Japocatã, Malhada dos Bois, Monte Alegre de Sergipe, Muriceba, Neópolis, Nossa Senhora da Glória, Pacatuba, Poço Redondo, Porto da Folha, Tamanduá.

Ex ita separatæ territoriis novam erigimus et erectam declaramus dioecesim, PROPRIENSEM appellandam, quae iisdem finibus terminatur ac circumscribitur, quibus terminantur ac circumscribuntur in praesens, per legem civilem, eadem supra dicta municipia simul sumpta.

SECUNDO: mandamus ut episcopus Propriensis sedem ac domicilium statuat in urbe vulgo "Propriá"; Cathedram vero cui registrii collocet in Templo Sancto Antonio Patavino dicato, ibi exstan-

- 2 -

te, quod ipso facto ad Cathedralis Ecclesiae dignitatem et gradum evehimus, cum omnibus Honoribus, juribus ac privilegiis, quae ad ceteras ecclesias cathedrales spectant.

**TERCIO:** Dioecesis Propriensis suffraganea erit archidioecesis Aracajuensis.

**QUARTO:** praecipimus ut Consultores Dioecesei deligantur, ad normam Can. 423 C.J.C., qui locum Canoniorum teneant, usquedum Capitulum Cathedrale condere possibile fuerit.

**QUINTO:** mensa episcopalis constabit Curiae fructibus, fidelium collationibus, bonis novae dioecesi adscriptis, denique congrua honorum parte, quae juxta Can. 1500 C.J.C. ad novam ecclesiam spectabit.

**SEXTO:** volumus ac mandamus ut Episcopus Propriensis, graviter onerata conscientia, Seminarium Minus erigat, et ex eodem optimos elingat adolescentes, quos Romam mittet, in Pontificio Collegio Brasiliense, sacra theologia ac philosophia rite imbuedos.

**SEPTIMO:** statim ac Nostrum executoriale Decretum vim suam obtinebit, dioecesi Propriensi Sacerdotes inordinati manebunt, qui in eius territorio beneficium aut officium habebunt; quoad ceteros clericos, criterium legitimi domicilii servandum erit. Quod vero ad Seminarium alumnos attinet, illi noviter erectae dioecesi pertinebunt, qui in ipsius territorii orti sunt, vel domicilium habent.

**OCIAVO:** volumus insuper ut a Curia Metropolitana Aracajuensi ad Curiam Propriensem quam primum mittantur omnia documenta et acta, quae ad noviter erectam sedem, ad eiusdem clericos, fideles ac temporalia bona quomodocumque spectant.

**NONO:** statuimus denique ac decernimus, hoc Nostrum executoriale Decretum plenam vim obtinere a momento quo, una cum Apostolica Bulla "Ecclesiarum omnium", in supra dicto Cathedrali Templo,

- 3 -

vel alio loco, coram Nobis, Clero populoque adstante, publice legatur. Mandamus insuper ut effectum negotium in acta referatur, quorum duplicia exemplaria Nobis mittantur.

Servatis cetero de jure servandis, contrariis quibuslibet minime obstantibus.

Datum ex aedibus Nuntiatucae Apostolicae, in urbe Sancti Sebastiani Fluminis Januarii, die septima mensis Octobris, anno Domini 1960, in Feste B. M. V. de Rosario.

+ *Immanuel Bruler V*



Archiepiscopus tit. Caesariens. Philippi  
in Brasilia Apostolicus Nuntius.

*Richardus...*  
A Secretis.

**TRADUÇÃO DA BULLA:**

A Nossa Santidade, João XXIII, papa pela Divina Providência, com a Bulla Apostolica “Ecclesiarum omnium”, no dia 30 de Abril, dC 1960, desmembrou a diocese de Aracaju, da qual fundou as novas dioceses de Propriá e Estância, e criou uma nova província eclesiástica, chamando-a Aracaju.

Está designado como executor desta bulla o Núncio Apostólico de Brasília, e sendo Nossa vontade seguir fielmente a ordem recebida, com o presente Nosso Decreto Executivo, estabelecemos, decidimos e ordenamos, pelo que diz respeito à diocese de Propriá, o que segue:

PRIMEIRO: separamos da diocese de Aracaju os seguintes municípios conhecidos pelo povo: Propriá, Amparo de São Francisco, Aquidabã, Brejo Grande, Canhoba, Cedro de São João, Curitiba [Canindé], Gararu, Itabì, Japarutuba, Japoatã, Malhada dos Bois, Monte Alegre de Sergipe, Muribeca, Neópolis, Nossa Senhora da Glória, Pacatuba, Poço Redondo, Porto da Folha, Tamanduá [Graccho Cardoso].

Destes territórios assim separados erezimos e declaramos edificada uma nova diocese, chamando-a PROPRIÁ, limitada e circunscrita, neste momento, segundo a lei civil, pelos mesmos limites de todos os municípios acima citados.

SEGUNDO: ordenamos que o bispo de Propriá estabeleça a sua sede e domicílio na cidade chamada “Propriá”; na mesma oportunidade, ele coloque a cátedra do seu insigne magistério no Templo Santo dedicado a Santo Antonio de Pádua, que está construída no mesmo lugar, que por isto mesmo fato elevamos de bom grado e dignidade de Igreja Catedral, com todas as honras, e direitos e privilégios presentes em todas as outras Igrejas Catedrais.

TERCEIRO: a Diocese de Propriá será sufragânea da Arquidiocese de Aracaju.

QUARTO: ordenamos que sejam escolhidos os conselheiros diocesanos, segundo o Cân. 423. C.D.C, para que assumam o posto dos Canonistas, até que possa estabelecer o Capítulo da Catedral.

QUINTO: a manutenção do bispo será a partir das receitas da Cúria, as doações dos fiéis, dos bens atribuídos à nova diocese e uma quota das aplicações de mercados ativos, de acordo com o Cân. 1500 CDC, será para a nova Igreja.

SEXTO: desejamos e ordenamos ao próprio Bispo, por questão de consciência, providenciar fundos para a ereção de um seminário Menor e escolher os melhores jovens para serem enviados ao Colégio Pontifício Pio Brasileiro de Roma, a fim de serem educados de acordo com os rituais da Sagrada Teologia e Filosofia.

SÉTIMO: A partir do momento em que o nosso Decreto executivo entrar em vigor, ficarão incardinados na Diocese de Propriá os sacerdotes que atuam no território da diocese; e que a todos os outros clérigos deverão ser reservados o critério do legítimo domicílio. E que pelo que diz respeito aos alunos do seminário, interessam à nova diocese aqueles alunos que fazem parte do território da mesma diocese o nela tem seu domicílio.

OITAVO: queremos também que primeiramente sejam mandados da Cúria de Aracaju para a Cúria de Propriá todos os documentos e atos que em qualquer dizem respeito à nova sede edificada, os relativos aos sacerdotes, os fiéis e bens temporais.

NONO: estabelecemos enfim e decidimos que este nosso decreto executivo entre em vigor a partir do momento em que está sendo lido publicamente, junto à Bulla Apostolica “Ecclesiarum omnium”, na referida igreja ou em outro lugar diante de nossa presença e a do Clero e do Povo. Ordenamos também que para todos os efeitos seja registrado os atos, que devem ser espedidos para nós em duas cópias.

Não obstante as nossas disposições de ler e não havendo nenhum impedimento.

Emanado da sede da Nunciatura Apostólica, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, no dia 07 do mês de Outubro, dC 1960, na ocasião da festa de Nossa Senhora do Rosário.

Arcebispo titular de Caecariem, Filippo, Núncio Apostólico em Brasília.

## **ANEXO C**

### **BULA DE NOMEAÇÃO DE DOM JOSÉ BRANDÃO DE CASTRO**

“JOÃO BISPO SERVO DOS SERVOS DE DEUS, aos diletos filhos do clero e do povo da cidade e diocese de Propriá, saúde e bênção apostólica. Pensamos comunicar-vos, conforme costume da Sé Apostólica, por serdes seu povo e sua grei, que a vossa região foi constituída diocese sui juris e que seu primeiro bispo foi nomeado. Sabei que hoje, nós, pelo poder que nos compete sobre toda a Igreja, escolhemos para este múnus o dileto filho José Brandão de Castro, sacerdote da Congregação do Santíssimo Redentor, pároco da Igreja de São José, na cidade de Belo Horizonte, tendo antes ouvido a opinião dos nossos veneráveis irmãos, os cardeais da Sagrada Congregação Consistorial. Nós vos exortamos, diletos filhos, que com a reverência com que sempre nos distinguistes e a esta Sé Apostólica, recebais o vosso pai com gratidão de amor, visto representar diante de vós, de certo modo, a pessoa de Cristo, e obedeçais às suas ordens, porque nada mais que a obediência concorre para a estabilidade e propriedade das Igrejas.

De resto, filhos diletos, queremos que esta carta apostólica, pelos cuidados de quem presentemente dirige a vossa diocese, seja lida ao clero e ao povo na catedral num dia de festa de preceito, logo depois de a ter recebido.

Dado, em Roma, em São Pedro, no dia 25 de junho do ano do Senhor de mil novecentos e sessenta, segundo nosso pontificado.

Santiago Luiz Cardeal Copello, Chanceler da Santa Igreja Romana.”

## ANEXO D:

**ATA DE INSTALAÇÃO DA DIOCESE DE PROPRIÁ E DA POSSE DO  
NOVO BISPO EXMO. SR. DOM JOSÉ BRANDÃO DE CASTRO.**

8.

ATA DA INSTALAÇÃO DA DIOCESE DE PROPRIÁ E DA POSSE DO NOVO BISPO  
EXMO. SR. DOM JOSÉ BRANDÃO DE CASTRO.

Aos 16 dias do mês de outubro de mil novecentos e sessenta, na Igreja de S. Antônio, na cidade de Propriá, no Estado de Sergipe, presentes vários Exmos. Bispos, altas autoridades, membros do Clero Diocesano e Regular, e grande numero de fieis, sob a presidencia do Exmo. Sr. Dom Armando Lombardi, Nuncio Apostólico no Brasil, Executor das Bulas Pontificias, foram li-  
dos publicamente os seguintes documentos:

1 - Bula "Ecclesiarum omnium", do Santo Padre João -  
XXIII, gloriosamente reinante, datada de trinta de Abril de mil-  
novecentos e sessenta, erigindo as Dioceses de Estância e Pro-  
priá, e a Provincia Ecclesiastica de Aracaju.

2 - Decreto de execução da mencionada Bula, emanado -  
da Nunciatura Apostolica do Brasil, com data de sete de Outubro  
de mil novecentos e sessenta, referente à parte que diz respeito  
à ereção da Diocese de Propriá, ficando assim canonicamente-  
instalada a mesma diocese.

3 - Bula do Santo Padre João XXIII nomeando o Exmo. Sr. Dom José Brandão de Castro primeiro Bispo de Propriá.

Terminada a leitura destes Documentos, o Exmo. Sr. Dom José Brandão de Castro apresentou a Bula de nomeação aos párocos da cidade e da diocese de Propriá, tomando assim canonicamente posse do cargo de Bispo Diocesano de Propriá.

E para constar, foi lavrada a presente ATA, que, redigida em quatro vias foi assinada pelo Exmo. Sr. Dom Armando Lombardi, Nuncio Apostolico, pelos Exmos. Srs. Bispos presentes a cerimonia, pelo Exmo. Senhor Governador do Estado, Doutor -  
Luiz Garcia, por altas Autoridades e pelos párocos da cidade e da diocese de Propriá.

+ Armando Lombardi, N. ap.

+ Frei Vicente, Proc. Metrop.

+ Armando, Dioc. Propriá

+ Gov. Luiz Garcia de Azevedo et.

Dei fidei, Governador do Estado

João de Aquino Baldas - Prefeito Municipal  
 José Roberto de Andrade Lima  
 Cleofonso Torres Junior - Presidente da Assembleia  
 Legislativa Sergipe  
 João Fernandes de Brito - juiz de Direito  
 Sr. Darcy Berto, Juiz de Direito  
 Moura José Curvelo Soares - Prolegado Juof

**ANEXO E:****CARTA PASTORAL DE DOM JOSÉ BRANDÃO DE CASTRO**

Dom José Brandão de Castro, C.S.S.R.

PELA GRAÇA DE DEUS E MERCÊ DA SANTA SÉ APÓSTÓLICA

BISPO DE PROPRIÁ – SE

A TODOS OS DIOCESANOS PAZ E BÊNÇÃO NO SENHOR

Há mais de quinze anos, o Espírito de Deus me escolheu, apesar da minha indignidade, para ser o Pastor da Igreja de Propriá. O Povo de Deus, confiado aos meus cuidados pastorais, está espalhado pelos 25 municípios que formam o que se chama oficialmente – a Diocese de Propriá. Ao longo do São Francisco, ela vai do extremo norte de Sergipe, no município de Canindé do São Francisco até a Ponta do Cabeço, no município de Brejo Grande. Juntamente com os sacerdotes, os religiosos e os Leigos engajados nos ministérios especiais e no apostolado em geral, tenho procurado evangelizar, na medida do possível, todos os nossos diocesanos, sem exceção de ninguém. Estamos certos de que esta é a vontade do Pai que está nos céus.

Mas ressoam ainda nas páginas do Livro Santo as palavras do Profeta Ezequiel, Capítulo 34, que se podem tomar como se fossem ditas para nós, já aplicadas ao caso particular do Bispo Diocesano:

“Vai cuidar do meu povo, o meu rebanho  
 Vai tratar das ovelhas magras ou feridas  
 Fortalecer as fracas e doentes.  
 Vai procurar também as ovelhas perdidas  
 Vai cuidar do meu povo, o meu rebanho.  
 Por falta de Pastor este entregue às feras  
 Quer nas praias do mar, que nas margens do rio  
 No agreste, no sertão, nas roças e povoados  
 Nos casebres de taipa ou nas choças de palha.  
 Vai cuidar do meu povo, o meu rebanho.”

**SITUAÇÃO DO NOSSO HOMEM DO CAMPO**

Todos concordarão por certo em que não estarei dizendo novidade, afirmando que a vida do homem do campo se torna cada vez mais apertada entre nós. Se há benefícios que trazem certa tranqüilidade para os velhos, é substancialmente a mesma de antigamente, senão pior, a situação dos camponeses jovens ou de idade adulta.

Tornam-se cada vez mais raras as terras de plantação. O capim vai invadindo terras férteis para a agricultura. Até os pobres passaram a preferir o plantio de capim em suas poucas tarefas. Elas se valorizam mais, quando transformadas em pasto. Podem ser arrendadas para pastagens e, no caso de venda, vão dar melhor preço que se fossem plantadas de feijão, de milho ou mandioca.

As diárias do trabalhador rural não compensam seu esforço, mesmo se acordo com a Lei. E são ainda muito numerosas entre nós as fazendas que pagam diárias abaixo da Lei: Cr\$ 8,00 para os homens e Cr\$ 5,00 para as mulheres.

Os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, cuja finalidade principal deveria ser a defesa dos direitos do homem do campo, tem receio de pleitear o pagamento do salário justo, porque a Diretoria teme ser considerada subversiva.

Municípios, como o de Propriá, não consegue organizar seu Sindicato Rural. Diga-se melhor: reorganizar, porque, em Propriá, ele já foi fundado nos idos de 1963. Várias datas já foram marcadas para essa reorganização oficial, mas sem resultado positivo. Ultimamente, com a data marcada pela FETASE, os camponeses se reuniram em grande número, no local determinado. Esperaram longas horas pela FETASE. Seus elementos não só não compareceram, como também não explicaram aos camponeses a razão de sua ausência. O que haverá por detrás de tudo isso?

### **ESCRavidÃO QUE PERMANECE**

Ainda vigora o sistema de meação. Costume que vem de longe, reconhecido por todos como um regime de exploração. O meeiro é enganado na medida e no peso. Nada ou quase nada fica para o sustento da família.

Muitos que trabalham anos nesse regime, ao serem despachados pelo proprietário, saem sem nenhuma indenização pelo tempo de serviço.

Fora da área agrícola, poucos tomam conhecimento dessa tragédia. O homem do campo, acostumado a sofrer calado, continua curtindo calado as injustiças de que é vítima.

A farinha de mandioca, alimento indispensável na mesa do pobre, subiu a um preço nunca iomaginado, depois que foi anunciada a fabricação de álcool de qualidade, tirado da mandioca. Carne de gado, há muito tempo que o pobre não come.

### **NAS ZONAS DE IRRIGAÇÃO**

Nas áreas destinadas à irrigação e que já passaram ou vão passar para a propriedade da CODEVASF (Companhia do Desenvolvimento do São Francisco), a coisa não vai melhor. Quanto à indenização aos proprietários das várzeas de Propriá, Cedro e Telha, o Supremo Tribunal Federal acaba de reconhecer que ela foi injusta, dando, como deu, ganho de causa a quatro proprietários que, tendo recursos, entraram com um processo contra a CODEVASF. Vão receber mais do que o valor que a Companhia lhes queria dar...

No Betume, município de Neópolis, os trabalhos da irrigação tiveram início no começo do ano. Muitas famílias, recebida a indenização imposta, tiveram de procurar rumo. Não lhes foi apresentada, na prática outra alternativa para o momento. Sem trabalho e sem plantações, centenas de famílias ficaram a sofrer fome como nunca em sua vida.

O certo é que, até agora, a irrigação tem criado mais problemas sociais do que os que existiam antes. Pois agora os pobres não têm peixe, nem trabalho, nem terra e muitos nem água. São vítimas do desenvolvimento.

Os que se interessam por essas famílias são apontados como subversivos.

### **CONCLUSÃO**

Diante desse quadro triste, que todos aqui conhecem, inclusive as autoridades, que resta ao homem do campo de nossa Diocese de Propriá?

1. Não desanimar. Não achar que a situação do homem do campo em sem remédio.
2. Confiar na força da união e guardar a esperança de melhores dias, na certeza de que Deus não quer a exploração de ninguém.
3. Ter em vista que seus direitos precisam ser respeitados.
4. Insistir para que os Sindicatos Rurais se tornam organismos de defesa de seus problemas.
5. Ter coragem de se abrir com as autoridades, tornando-as cientes de seus problemas.
6. Só aceitar, quando for o caso, uma indenização realmente justa, pelas casas, terras e benfeitorias desapropriadas. Exigir também a indenização pelo tempo de serviço, como trabalhador rural, ou como meeiro no sistema geralmente em voga.

De minha parte, lanço um apelo aos responsáveis por esta situação. E o faço, de público, para que, daqui para o futuro, não se repitam os erros que foram cometidos até o presente.

Não é possível que o desenvolvimento tenha de ser fazer às custas do pobre homem do campo.

MANDAMENTO – Que esta Carta Pastoral seja lida e comentada, ao menos uma vez, nas missas do domingo mais próximo do dia do seu recebimento. Seja também lida e comentada nos Povoados e nas reuniões dos Leigos.

Propriá, 6 de junho, Dia de Pentecostes, de 1976.

+ José, Bispo de Propriá

**Fonte:** A Defesa, 13 de junho de 1976, pág. 2 e 3

**ANEXO F:****CARTA PASTORAL**

DE DOM JOSÉ BRANDÃO DE CASTRO, C.SS.R. – BISPO DE PROPRIÁ

Meus caros diocesanos,

O pessoal do Betume conseguiu a primeira vitória. Vitória pacífica dentro das leis de nosso país. O Juiz Federal, Dr. Hércules Quasímodo da Mota Dias, deu sentença em favor dos 286 trabalhadores do Betume. A sentença do Juiz Federal obriga a CODEVASF a indenizar os tempos de serviço desses trabalhadores. Eles estão de parabéns.

A CODEVASF vai apelar para o Supremo Tribunal de Brasília, porque tem o direito de recorrer. Mas os advogados dos trabalhadores, Dr. Wellington Paixão e Dr. Jacinto, já estão prontos para se juntar aos advogados dos trabalhadores em Brasília para conseguir a vitória final.

Este acontecimento nos convida a todos a pensar.

**A UNIÃO FAZ A FORÇA**

Este acontecimento convida primeiro os trabalhadores que estão defendendo os seus direitos.

Amigos trabalhadores, vale a pena lutar unidos para defender os seus direitos. Vocês todos devem permanecer unidos para conseguir a segunda vitória. Nada de desanimar. Vocês agora estão vendo que estão no caminho certo. Trabalhador de braço dado a outro trabalhador vence uma grande Companhia. Trabalhador desunido é homem vencido. Vocês estão vendo que não adianta acreditar em boato, não vale a pena temer essas ameaças que se espalham para enfraquecer a união de vocês mesmos. Vocês notaram que Deus caminha com vocês. A prova foi a enxurrada do monte que criou peixe e camarão para remir os trabalhadores sem trabalho. Depois, do arroz de Santo Antonio, que deu uma safra como os mais velhos nunca viram. E não foi plantado nem pelos trabalhadores, nem pela CODEVASF. Deus está do lado dos que lutam para defender seus direitos.

**O BRASIL É FEITO POR NÓS**

Os trabalhadores e meeiros das propriedades compradas pela CODEVASF que não receberam seus tempos agora estão sabendo o caminho traçado. Procurar o Sindicato. Se o Sindicato for fraco, vocês vão procurar a Federação dos trabalhadores em Aracaju e esta coloca o advogado à sua disposição.

Nessa região da beira-rio, tem mais de 400 pequenos proprietários. Você tem o direito de ficar em sua terra. A Lei dá o direito de você lutar para defender sua terra. Só o Juiz Federal pode dar uma ordem, obrigando você a sair de sua terra. E ele só faz isso dentro da Lei. Se a indenização não tiver sido paga, você não perderá o direito a ela. Sua terra e seus teres, tudo dever ser indenizado com justiça. – O BRASIL É FEITO POR NÓS!

### **EXPERIÊNCIA PARA A EQUIPE MISSIONÁRIA**

A Equipe Missionária é feita de padres, de religiosas e de leigos que trabalham na área do Betume e em outras áreas, sob a orientação direta do Bispo de Propriá.

Muita gente considerava o trabalho da equipe como um trabalho subversivo. Teve gente que perguntou se nós éramos padres ou agitadores. Outros diziam que a gente queria brigar por brigar. E houve até quem achasse que a equipe era contra o Governo e chamasse essa equipe de comunista. Mas a equipe está tranqüila, apesar de tantas acusações provindas de vários lados. Ela está solidária com o povo que sofre, com os trabalhadores sem proteção e garantia, jogados pra fora de suas terras e seu lugar de trabalho. A equipe ficou admirada de ver como os trabalhadores são capazes de ser os verdadeiros pilotos do barco de sua vida. A equipe procurou animar essa gente a viajar na defesa de seus direitos.

Nossa preocupação é anunciar o Evangelho como Jesus fez. Ora, Jesus anunciou vida para todos, liberdade para todos, garantia para todos. E nós não queremos esconder esse Evangelho só para agradar aos outros. Não somos traidores do Evangelho de Jesus. Muita coisa temos a corrigir e muita coisa a fazer.

### **O FUTURO DO POVO DE DEUS**

O caso do Betume está gritando que é urgente para redistribuição das terras para os trabalhadores sem terra. As terras desapropriadas precisam ser divididas com os trabalhadores. Eles devem ser os donos da terra. E não apenas parceleiros ou rendeiros de uma empresa. Está na hora de aplicar a Lei 4.504. Está na hora de garantir a posse da terra aos trabalhadores que já tem terra. Está na hora duma verdadeira Reforma Agrária.

Não podemos ficar parados, vendo esse povo arrancado de sua terra, do seu trabalho, de sua convivência, de sua vizinhança, de suas festas, de seus santos.

Somos a favor do desenvolvimento da agricultura. E entendemos que desenvolvimento significa terra nas mãos dos 11 milhões de famílias de lavradores

sem terra neste Brasil imenso. Significa melhoria de todos os trabalhadores e trabalhadores livres e irmãos.

### **APELO FINAL**

Por isso, fazemos um apelo a todos os nossos diocesanos de voa vontade para que pensem nesses problemas.

Apelamos aos responsáveis pela implantação dos projetos de Irrigação do Baixo São Francisco para que examinem e analisem sinceramente a quem esses Projetos estão beneficiando. Que tratamento está sendo dados aos trabalhadores desta região pela CODEVASF.

Finalmente, apelamos para que todos os cristãos da Diocese para que não tenham receio de falar e examinar essa situação, porque a troca de idéias ajuda a clarear as questões. O certo é que ninguém pode continuar de olhos fechados de propósito, negando uma realidade que aí está, reclamando uma solução inteligente, humana e concreta.

Esperamos que Deus nos dê força e perseverança para continuarmos ao lado do povo trabalhador, acompanhando-o em seus sofrimentos e em suas alegrias, em seus fracassos e em suas vitórias, em busca de terra, justiça, de liberdade, de paz.

Temos certeza de que esta é a hora em que Cristo conta com todos nós.

Propriá, 15 de agosto de 1977.

+ José, Bispo de Propriá